Universidade de São Paulo

Escola de Enfermagem

Caroline Ballan

O Livro das Receitas d'O Bar Bibitantã

Conquistas e desafios na construção de um empreendimento econômico solidário na rede pública de atenção à saúde mental no Município de São Paulo

São Paulo
2010

Caroline Ballan

O Livro das Receitas d'O Bar Bibitantã

Conquistas e desafios na construção de um empreendimento econômico solidário na rede pública de atenção à saúde mental no Município de São Paulo

Área de Concentração: **Enfermagem Psiquiátrica**

Orientadora: **Profª. Drª. Ana Luisa Aranha e Silva**

São Paulo
2010

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

Catálogo na Publicação (CIP)

Biblioteca “Wanda de Aguiar Horta”

Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Caroline Ballan

O Livro das Receitas d'O Bar Bibitantã

Conquistas e desafios na construção de um empreendimento econômico solidário na rede pública de atenção à saúde mental no Município de São Paulo

Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem da Universidade de
São Paulo para obtenção do título de Mestre em Enfermagem

Área de Concentração: Enfermagem Psiquiátrica

Linha de Pesquisa: Políticas e Práticas em Saúde Mental e Enfermagem

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Luisa Aranha e Silva

São Paulo
2010

FOLHA DE APROVAÇÃO

Caroline Ballan

Título: O Livro das Receitas d'O Bar Bibitantã. Conquistas e desafios na construção de um empreendimento econômico solidário na rede pública de atenção à saúde mental no Município de São Paulo.

Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Instituição: Escola de Enfermagem da USP.

Instituição:

Instituição:

Dedico este estudo aos trabalhadores e trabalhadoras d'O Bar Bibitantã, Acácio Gomes Lopes Ferreira, Célia Julia da Conceição Lima, Clayton Geverson de Oliveira Lopes, Edna Bezerra da Silva, Edson Muniz dos Santos, Élcio Rodrigo de Azevedo, Erineide Mendes de Oliveira, Fábio Sá da Silva, Fernanda Kayat Malato, Ilza Helena de Moura Ribeiro Marques (em memória), Lúcia Helena Oliveira, Luciano Felix Bezerra, Marcelo Domingues, Maria de Fátima dos Santos Rodrigues, Maria de Fátima Lima de Souza, Marizete Matilde, Marizilda Gobatto Ortega, Neuza Tomás Cantuária C. Joanidis, Paulo Eduardo Domingues Passos, Sérgio Ricardo Guimarães Kurkdijan, Valdimar C. de Carvalho, Wolfgang Arnaud Heidenam, por compartilharem suas receitas de resistência, com muito sofrimento de ingrediente, por caminharem lutando pela vida, uma vida onde a diversidade se faz presente, cheia de alegrias e tristezas e de muita força, permeada por sonhos esperançosos. Por sonharmos juntos com uma nova manhã ensolarada, com um mundo mais solidário e justo.

Agradecimentos

Ana Luisa Aranha e Silva, obrigada por sua dedicação e compromisso, por acreditar em mim, no meu trabalho, e estar sempre por perto. Por carregarmos juntas o mesmo sonho de justiça, o desejo que o bom da vida sempre vença nas suas lutas individuais e coletivas e que o equilíbrio necessário entre a vitória e derrota seja sempre a esperança e a coragem de seguir. Obrigada pelo acolhimento generoso sempre.

Anna Luiza Monteiro de Barros suas contribuições teórico – afetivas são essenciais para mim, para esse estudo e em todo o processo de construção e consolidação do empreendimento econômico solidário O Bar Bibitantã.

Sonia Barros e Valmor Schiochet pelas importantes contribuições e indicações na construção dessa dissertação.

Fernanda Nicácio, obrigada pela delicadeza de sua atenção e validação desse trabalho.

Aos trabalhadores e trabalhadoras da Escola de Enfermagem da USP, especialmente da Pós-graduação e do ENP, pela compreensão.

As Prof^{as} Célia S. Campos e Cássia Baldini pelas contribuições na minha formação acadêmica.
E as Prof^{as} Márcia Aparecida e Luciana Colvero obrigada pelo carinho.

Janie Wolf obrigada pela cumplicidade, pelo cuidado e pelas preocupações.

Minhas queridas irmãs, Prica e Dani, as risadas e lisergias que compartilhamos nesse processo foram fundamentais.

Bete Meola obrigada pela presença, carinho, conselhos e por ser tão companheira.

Aos que tornaram essa trajetória mais leve e compartilhada botecos afora, em especial, Débora Marinho, Flávia Blikstein e Tiago Braga, sem vocês a vida teria menos graça.

Marília e Leo, parceiros na construção de um outro mundo possível. E todos os trabalhadores e trabalhadoras do Bar Saci, e da Rede de Saúde Mental e Economia Solidária, fundamentais nessa construção.

Minhas amigas, Débora Del Guerra, parceira intelectual, Carina Braga e Fabiana Lucena, amigas de todas as horas, companheiras, carinhosas. Nossas histórias juntas são muito importantes.

Aos Jorges, guerreiros e lutadores, um deles em especial pelas confusões, pela espera de um amanhã sempre melhor, mesmo que este nunca chegue.

Salve Oxosi.

À Livia e a Ângela pela solidariedade nas tarefas divididas, quanta tabela, e à Ana Carolina pelas traduções, sempre divertida.

Simone, suas feitiçarias possibilitaram suportar as dificuldades e emoções que permearam a produção deste trabalho.

A toda equipe do CAPS Itaim Bibi, em especial ao Ajax Peres, Cris Peter e Bete Meola, a incubação d'O Bar Bibitã por esse serviço, realizada com muito respeito e solidariedade, foi fundamental para o fortalecimento desse EES.

Aos Wolf, Ballan, Siqueira e Mendes, por compreenderem minha ausência nesse processo. Tânia, Bino, Marise e Ricardo, obrigada por acreditarem, orgulhosos, em todas as minhas escolhas e certamente vocês são co-responsáveis das minhas conquistas. Em especial a Michelle pela disponibilidade de escutar minhas loucuras e questões com tanta paciência.

Ao Ro, por acreditarmos juntos que o caminho é o amor, obrigada pela delicadeza, aconchego e companheirismo. Por me encher de esperança a cada nova lua.

Ballan C. O Livro das Receitas: o desafio da construção de um empreendimento econômico solidário na rede pública de atenção à saúde mental no Município de São Paulo. [mestrado] Escola de Enfermagem da USP.

Resumo

Trata-se de uma Pesquisa Participante, perspectiva metodológica que se compromete com o *exercício reflexivo coletivo* (de todos os atores) e *implicado* (dos pesquisadores) com a leitura da realidade real, aquela que se constrói no cotidiano da vida das pessoas, e se dá por meio da análise das transformações da realidade pelos que a vivem. O *objeto de estudo* é a *forma de organização do trabalho* num empreendimento econômico solidário, EES, incubado no serviço de saúde mental 24 horas, o Centro de Atenção Psicossocial III do Itaim Bibi, da Secretaria de Saúde do Município de São Paulo. Os *objetivos do estudo* são: documentar o processo de concepção, construção e consolidação do EES O Bar Bibitã; compreender a forma de organização do trabalho; identificar as transformações que esse *trabalho* produz na vida das pessoas. São *sujeitos do estudo* seis mulheres e cinco homens, trabalhadores e trabalhadoras d'O Bar Bibitã, um coletivo complexo, formado por pessoas com experiência de sofrimento psíquico que vivem em desvantagem na relação com o corpo social, trabalhadores, estudantes e pesquisadores do campo da saúde mental. A pesquisa respeitou todos os procedimentos éticos. Optou-se pela Oficina de Trabalho como instrumento para construção, coletivização, produção e apropriação dos saberes produzidos e consumidos n'O Bar Bibitã. Os resultados demonstram o processo de superação do projeto de geração de trabalho e renda para a organização do trabalho como um EES, orientado pelas diretrizes da Reforma Psiquiátrica e da Economia Solidária: *aqui não tem patrão, é economia solidária, é trabalho, mas todos ajudam com cooperação; não tem salário fixo foi um acordo no começo; que há ganhos materiais, com retiradas que garantem renda média mensal em dinheiro usada para consumo (alimentação, eletrodomésticos, cosméticos, vestuário, lazer) e reprodução social (aluguel, luz, telefone, educação, saúde); os ganhos imateriais referem-se a: ganhar conhecimento, perder a timidez, ignorar certas coisas, falar melhor com as pessoas, pensar mais em si, aprendizagem, cuidado, trabalhar em equipe, socializar com as pessoas, pensar no coletivo, não só no individual, conviver com pessoas, aprender como funciona, aprender com os erros, tentar consertá-los, tentar ser um ser humano melhor, tentar melhorar e evoluir.* A pesquisa demonstra que a experiência de *trabalho* no EES possibilita o acesso a novos itinerários, ao direito ao trabalho e a construção de um novo olhar para experiência da loucura no imaginário coletivo.

Descritores: Reforma Psiquiátrica, Centros de Atenção Psicossocial, Empreendimentos Econômicos Solidários, Desinstitucionalização

Ballan C. The Receipt Book: the challenge of the construction of a solidarity economy enterprise in the public mental health care system in São Paulo Municipality. [Master degree] Nursery School of São Paulo University.

Abstract

This is a Participant Research which methodological perspective engages with the *collective reflexive exercise* (involving all individuals engaged in the process) and *demanding* (from the researchers) the ability of copying the reality, the one built in everyday life, and this copying is reached through the analysis of the changes happened in reality made by those who live it. The *object* of study is the way the work is organized in a Solidarity Economy Enterprise (SEE), matured in a 24 hours mental health service, the Psychosocial Care Center (CAPS III Itaim Bibi), connected to the Health Secretary in São Paulo Municipality. The *objectives* of the study are: documenting the process of conception, construction and consolidation of the SEE “O Bar Bibitantã”; understanding the way the work is organized; identifying the transformations this work makes in people’s lives. The *subjects* of the study were six women and five men, workers of the “O Bar Bibitantã”, a complex collective, composed by people with psychic suffering experience who live in disadvantage concerned to the relation with the social corps, and also workers, researchers and students related to the mental health area. The research respected all the ethical procedures. The Workshop was elected as the instrument to do the construction, sharing, producing and appropriation of the knowledge produced and consumed in the “O Bar Bibitantã”. The results show the process of overcoming the conception from a project to generate work and revenue to the organization of the work as a SEE, guided by the directives of the Psychiatric Reform and the Solidarity Economy: *here there is no boss, it is solidarity economy, it is work, but everybody helps with cooperation; there is no pre-established salary, it was a deal made in the beginning; there are material profits, with withdraws that guarantee an average monthly wage in cash used for consuming (food, clothing, appliance, cosmetics, leisure) and social reproduction (rent, electricity bills, phone bills, education, health); the immaterial gains concern to: being acknowledged, diminishing shyness, ignoring certain things, communicating better with people, thinking more about oneself, learning, caring, working as a group, socializing with people, thinking in the collective, not only in oneself, learning how to work, learning from the mistakes, trying to fix them, trying to be a better human being, trying to improve and grow.* The research shows that the experience of *working* in the SEE allows the access to new paths, to the right of working and the construction of a new vision concerned to the experience of madness in the collective imaginary.

Key-Words: Psychiatric Reform, Psychosocial Care Center, Solidarity Economy Enterprises, Deinstitutionalization

ÍNDICE

1.	O direito ao trabalho no campo da Saúde Mental: um desafio para a Reforma Psiquiátrica brasileira	1
2.	Objetivos desse estudo	15
3.	Instrumentos para sustentação de uma pesquisa participante: o método.....	16
3.1	Ambiente teórico e prático onde se constrói O Bar Bibitantã	19
a.	Breve histórico sobre a gênese da Economia Solidária	19
b.	A Economia Solidária se realiza por meio de empreendimentos econômicos solidários	23
c.	Economia Solidária e Saúde Mental.....	25
3.2	O cenário desse estudo.....	29
a.	Um serviço de saúde mental 24 horas: o Centro de Atenção Psicossocial III do Itaim Bibi	33
b.	O Bar Bibitantã dialoga com as políticas públicas	41
3.3	Trabalhadoras e trabalhadores d'O Bar Bibitantã: sujeitos do estudo.....	42
3.4	Ingredientes: fontes, procedimentos, instrumento de coleta e de análise dos dados empíricos. ...	43
4.	O Livro das Receitas: produzir saberes e práticas que buscam construir direitos	47
4.1	Um caldeirão repleto de histórias de vida.....	50
4.2	A construção de um coletivo solidário	65
4.3	Atividade econômica.....	74
a.	Escolha da atividade econômica	75
b.	Organização do trabalho	76
c.	Estratégias de organização para o trabalho	77
d.	Ações cooperadas de trabalho	78
e.	Movimentação financeira do EES O Bar Bibitantã	80
f.	Ganhos materiais e imateriais advindos do trabalho n'O Bar Bibitantã	87
4.4	O receituário de nossa cozinha	105
5.	O desafio da construção de um empreendimento econômico solidário na rede pública de atenção à saúde mental.....	115
6.	Referências Bibliográficas	126

Anexo 1	Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa
Anexo 2	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Anexo 3	Oficina de Trabalho
Anexo 4	Resultados da Oficina de Trabalho
Anexo 5	Instrumento para captar o impacto do cotidiano de trabalho em um empreendimento econômico solidário
Anexo 6	Resultados da Oficina de Trabalho II
Anexo 7	Relação dos Eventos contratados pel'O Bar Bibitantã, controle de fluxo de entradas, saídas e saldo entre os anos de 2006 a 2009
Anexo 8	Resumo Geral do Curso de Formação de Técnicos em Espetáculo, controle de fluxo de entradas, saídas e saldo entre os anos de 2007 a 2009
Anexo 9	Consolidado da movimentação financeira dos Eventos realizados pel'O Bar Bibitantã, controle de fluxo de entradas, saídas e saldo entre os anos de 2006 a 2009
Anexo 10	Consolidado da movimentação financeira do Curso de Formação de Técnicos em Espetáculos executado pel'O Bar Bibitantã, controle de fluxo de entradas, saídas e saldo entre os anos de 2007 a 2009
Anexo 11	Consolidado da movimentação financeira geral d'O Bar Bibitantã, controle de fluxo de entradas, saídas e saldo entre os anos de 2007 a 2009
Anexo 12	Descrição dos ganhos por participação nos Eventos e no Curso de Formação de Técnico em Espetáculos, por trabalhador (a), entre os anos de 2006 a 2009
Anexo 13	O Bar Bibitantã recebe Menção de Reconhecimento da Coordenação Nacional de Saúde Mental em 12/10/2009

1. O direito ao trabalho no campo da Saúde Mental: um desafio para a Reforma Psiquiátrica brasileira

A Reforma Psiquiátrica brasileira vem se consolidando como um processo de formulação de políticas públicas a partir de experiências concretas, com intensa participação dos movimentos de trabalhadores da saúde mental, usuários, familiares e sociedade civil, delineando uma forma inovadora de pensar a loucura, permeada pela afirmação dos direitos de cidadania das pessoas com experiência do sofrimento psíquico na sua relação com o corpo social.

Pode-se dizer que a

implementação de diversas experiências locais, a aprovação de leis municipais, estaduais e a lei nacional, a ampliação e a vitalidade do movimento social, a potencialização do protagonismo e da contratualidade dos usuários e dos familiares e a construção de uma rica produção teórica são algumas das expressões da riqueza do percurso da reforma (Nicácio, 2005).

A eclosão de tal vitalidade se acentuou mais notadamente na década dos anos 1990 que ficou

marcada pelo compromisso firmado pelo Brasil na assinatura da Declaração de Caracas e pela realização da II Conferência Nacional de Saúde Mental, em 1992, [ano em] que entraram em vigor no país as primeiras normas federais regulamentando a implantação de serviços de atenção diária, fundadas nas experiências dos primeiros CAPS, NAPS e Hospitais-dia, e as primeiras normas para fiscalização e classificação dos hospitais psiquiátricos (Ministério da Saúde, 2005b).

Além deste compromisso Regional, para as Américas ibéricas, outro marco relevante do processo da Reforma Psiquiátrica brasileira foi o que é considerada uma conquista dos movimentos sociais organizados e atores sociais diversos comprometidos com essa agenda. Após 12 anos de tramitação no Congresso Nacional foi promulgada a Lei

Federal 10.216, de 06 de abril de 2001, que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas com transtornos mentais, redirecionando o modelo de atenção em saúde mental, privilegiando a oferta de cuidados em serviços de base comunitária.

Embora alguns estados da federação e alguns municípios já tivessem leis que reorientavam o modelo de atenção localmente e ser consenso entre os movimentos favoráveis à Reforma que no texto final da Lei foram feitos vetos e restrições importantes, impostos por fortes embates principalmente com o setor privado de prestação de serviços ao Sistema Único de Saúde, SUS, a Lei 10.216 tornou o cenário propício para a federalização das políticas públicas de saúde mental (Ministério da Saúde, 2004).

Um instrumento fundamental para a construção e sustentação das políticas públicas são as Conferências Nacionais de Saúde porque ativam a participação dos três entes gestores do SUS, pois mobilizam os sistemas de saúde local, estadual e federal.

No caso da saúde mental, as Conferências Nacionais são os fóruns por excelência de participação e de controle social, onde são indicados os princípios, as diretrizes e estratégias para consolidar a mudança do *modelo de atenção* em saúde mental no Brasil, “baseado no envolvimento dos usuários do serviço, na qualidade da assistência e no controle social, buscando, sobretudo, transformar as formas de lidar com a experiência da loucura e de produzir novas possibilidades de vida e de relações sociais” (Ministério da Saúde, 2001).

A III Conferência Nacional de Saúde Mental, ocorrida em 2001, com ampla participação dos movimentos sociais, de usuários e de seus familiares, recomendou ao Ministério da Saúde as diretrizes da Reforma Psiquiátrica como horizonte das políticas públicas para o setor, conferiu aos CAPS o lugar estratégico de articulador da rede de atenção em saúde mental, indicou a construção de políticas de saúde mental para usuários de álcool e outras drogas e o controle social como a garantia do avanço da Reforma Psiquiátrica no Brasil (Ministério da Saúde, 2001).

Em síntese, foi no contexto da promulgação da Lei 10.216 e da realização da III Conferência Nacional de Saúde Mental que as políticas públicas de saúde mental, construídas pelo e no movimento da Reforma Psiquiátrica no Brasil, consolidaram-se, ganhando maior sustentação e legalidade:

a partir disso, as redes comunitárias de ações e serviços de saúde mental disseminadas no país, com arranjos territoriais diversos, lançam mão dos dispositivos psicossociais instituídos por Portarias Ministeriais como os Centros de Atenção Psicossocial (Portaria GM nº 336, de 19 de fevereiro de 2002), os Centros de Convivência e Cooperativas, o matriciamento na Atenção Básica (NASF /2006), os Serviços Residenciais Terapêuticos (Portaria GM Nº 106, de 11 de fevereiro de 2000), o Programa de Volta para Casa (Lei 10.708, de 31 de julho de 2003), a articulação com os serviços de Emergência (Portaria SNAS nº 224, de 29 de janeiro de 1992), com a finalidade de construir as condições objetivas para transformar, de fato, a realidade da vida dos usuários desta rede e a percepção social sobre a experiência da loucura (Ministério da Saúde, 2004).

Para a consolidação deste modelo de atenção a concepção de saúde deve ser “compreendida como processo e não como ausência de doença, na perspectiva de produção de qualidade de vida, enfatizando ações integrais e promocionais de saúde” (Ministério da Saúde, 2001), e a efetivação das normativas do SUS é fundamental, particularmente no que se refere ao nível local, responsável pelo desenvolvimento e implementação das políticas de saúde mental.

Segundo as diretrizes do SUS, essas políticas devem privilegiar o investimento nos dispositivos substitutivos ao manicômio, que construam a rede de atenção territorializada e intersetorial, com ações concretas que interfiram nos eixos sobre os quais se constrói a possibilidade de aumento da capacidade contratual dos usuários de serviços de saúde mental, nas formas de morar, na construção e ampliação das redes sociais (como lugar de trocas) e nas formas de trabalhar (produzir e trocar mercadorias e valores) (Saraceno, 1999).

Tal modelo de atenção e concepção de processo saúde-doença requer mudança das práticas, desconstrução do modelo manicomial e intervenções no contexto de vida dos sujeitos. Experiências concretas no Brasil e na Europa, particularmente na Itália, demonstram

que os serviços comunitários podem viabilizar a superação da lógica manicomial, onde o *objeto* de intervenção se reduz à *doença*, objetivada como uma entidade nosológica. No campo da Reforma, quando alinhado teoricamente à experiência de desinstitucionalização italiana, essa redução é recomposta como um *objeto complexo*, ou seja, a vida das pessoas com experiência de sofrimento psíquico em seus contextos reais, onde a ênfase está “no projeto de invenção de saúde e de reprodução social” (Rotelli, Leonardis, Mauri, 2001).

Com o objetivo de reconstruir as relações, esse paradigma requer a transformação das relações de poder no interno das instituições e entre todos os atores envolvidos: entre trabalhadores, que transformam as relações entre si e com as regras do jogo, entre trabalhadores e usuários dos serviços da rede de saúde mental, entre os administradores locais responsáveis pela saúde mental, os técnicos das estruturas sanitárias locais, os políticos, os familiares, a comunidade, etc. (Rotelli, Leonardis, Mauri, 2001).

Na construção desse paradigma, os serviços substitutivos devem responder às necessidades de saúde mental de determinada população da forma integral e universal, como orientam as diretrizes do SUS e a partir da reformulação da administração dos recursos públicos, o trabalho pode ocorrer fora dos serviços, nas ruas, casas, ao encontro dos territórios e das pessoas (Rotelli, Leonardis, Mauri, 2001).

Em síntese, quando se muda a forma de administrar os recursos que deixam de alimentar a estrutura manicomial e esses são redirecionados às ações comunitárias, as práticas se transformam e se ampliam. No Brasil tal reordenação de recursos públicos tem possibilitado a implementação da rede comunitária de atenção à saúde mental de forma federalizada¹.

Dado esse cenário, onde as políticas públicas alinham-se às bases teóricas e práticas da desinstitucionalização de filiação basagliana e da reabilitação psicossocial como

¹Alertar para a crítica de que a implementação da rede de serviços comunitários não garante por si só a operacionalização desse modelo de atenção. É necessário permanente processo de formação e capacitação dos trabalhadores, envolvimento dos usuários e comunidades e forte controle social.

cidadania, os Centros de Atenção Psicossocial podem ou poderiam possibilitar o enriquecimento das competências profissionais e dos espaços de autonomia de decisão dos trabalhadores. O trabalho enriquecido torna-se mais complexo, entendido como *trabalho* as capacidades de escolhas, de utilizar e combinar diversos recursos de intervenção (Rotelli, Leonardis, Mauri, 2001).

Assim, ao falar de saúde no contexto social, fala-se de construção histórica das condições objetivas das vidas de sujeitos, onde o *objeto* de intervenção complexificado não é a redução da pessoa a uma codificação. Porque referido a sujeitos históricos e sociais, o processo saúde-doença pode traduzir as condições de vida e trabalho de pessoas e seus coletivos.

Reconhecendo a posição de desvantagem social dos usuários de serviços de saúde mental na *organização do trabalho* no modo de produção capitalista, os centros de atenção psicossocial foram investidos, por meio da Portaria nº 336, da atribuição de fomentar, apoiar e sustentar a operacionalização de projetos de geração de trabalho e renda, potenciais estruturas produtoras de autonomia, protagonismo e inclusão social (Ministério da Saúde, 2004).

Essa também é uma inflexão imposta pelo movimento da Reforma Psiquiátrica, porque no decorrer da história da psiquiatria o *trabalho* das pessoas portadoras de sofrimento psíquico foi consistentemente relacionado ao enfrentamento da inatividade, foi utilizado como um instrumento de organização manicomial, de aquisição de responsabilidades e como forma de adaptabilidade social (Aranha e Silva, 1997).

A partir da década de 1960, e mais notadamente na década de 1980, o trabalho da Reforma Psiquiátrica brasileira de desconstrução da lógica manicomial, rompeu com a justificativa atribuída ao *trabalho* dos portadores de sofrimento psíquico relacionado ao “valor educativo, moral e social (e não de natureza econômica), da necessidade de afastar os

pensamentos mórbidos onde o tempo livre poderia tornar-se um tempo vazio e ocioso, que conduziria à introspecção e abandonaria a pessoa no seu mundo de idéias” (Barros, 1994).

Na perspectiva da Reforma e da desinstitucionalização, o *trabalho* do usuário passa a ocupar outro lugar, não mais um dispositivo de tratamento, mas como mecanismo de acesso por excelência no jogo das contratualidades sociais, “pois se acredita que além do *trabalho* existem outros dispositivos também pertinentes e eficazes de inclusão social que podem contemplar as *necessidades* diferenciadas dos usuários, tais como a de organização social e política, as atividades do convívio cotidiano como lazer, religião, vida afetiva e tratamento” (Aranha e Silva, 1997).

Assim, o *trabalho*, atividade laborativa que produz renda e lugar social, constitui um instrumento privilegiado de inclusão e são “diversas as experiências fomentadas nos serviços de saúde mental, por meio da criação de associações, cooperativas, oficinas e projetos de geração de trabalho e renda” (Ministério da Saúde, 2005a).

Não se sabe ao certo, em função da possível sub-informação, o número de iniciativas de inclusão pelo trabalho no campo da saúde mental na perspectiva da Economia Solidária. Segundo o Ministério da Saúde, os dados de dezembro de 2008 revelam 325 iniciativas cadastradas de inclusão social pelo trabalho, como demonstra a Tabela a seguir:².

²Ministério da Saúde. Iniciativas de inclusão social pelo trabalho.
Disponível em: http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/smDados/2008_SMD_06.pdf

**Tabela 8 – Iniciativas de Inclusão Social
pelo trabalho (dezembro de 2008)**

UF	Iniciativas
Alagoas	6
Amazonas	3
Bahia	14
Ceará	7
Distrito Federal	7
Espírito Santo	1
Goiás	5
Maranhão	3
Minas Gerais	35
Mato Grosso do Sul	1
Mato Grosso	9
Paraíba	11
Pernambuco	18
Piauí	5
Paraná	14
Rio de Janeiro	85
Rio Grande do Norte	6
Rio Grande do Sul	8
Santa Catarina	9
Sergipe	2
São Paulo	94
Tocantins	2
Total	345

Fontes: Coordenação Nacional de Saúde Mental e Coordenações Estaduais e Municipais de Saúde Mental.

A revisão bibliográfica demonstra a escassez de produção científica sobre o tema e a dificuldade para estabelecer diálogos com o cotidiano das experiências. Tal fato justifica a necessidade deste estudo.

As bases de dados Lilacs, da Bireme, utilizando os descritores *geração de renda x saúde mental*, *direito ao trabalho x saúde mental*, *reforma psiquiátrica x geração de renda*, não se obtém nenhum resultado. Os descritores *saúde mental x economia solidária* oferecem duas referências.

A primeira é sobre a realização da Oficina de Geração de Renda e Trabalho de Usuários de Serviços de Saúde Mental em Brasília, em 2004, foi um passo importantíssimo para o estabelecimento da parceria entre a Área Técnica de Saúde Mental do Ministério da Saúde e a Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego, resultando na Portaria Interministerial GM / MS nº 353 de 07 de março de 2005, que constituiu o Grupo de Trabalho Economia Solidária e Saúde Mental e uma Rede Nacional de

Experiências de Geração de Renda e Trabalho em Saúde Mental (Ministério da Saúde, 2005a).

Nessa Oficina foi possível identificar pelo menos

156 iniciativas de Geração de Renda formadas por pessoas com transtornos mentais, entre cooperativas, associações e grupos de trabalho. Aproximadamente 2500 pessoas, entre usuários, familiares e técnicos participam destas iniciativas. Apesar de heterogêneas, estas experiências compartilham o determinante ético da produção de autonomia e da inclusão social e nascem, em sua maioria, nos Centros de Atenção Psicossocial e nos Centros de Convivência e Cultura (Ministério da Saúde, 2005a).

E um artigo onde os autores pretendem estudar

como a forma de organização do trabalho solidária, coletiva e autogestionária, pressupostos da economia solidária, se relacionam com a saúde mental dos trabalhadores. Os resultados apontaram para a identificação dos trabalhadores com o cooperativismo social, bem como a possibilidade das relações solidárias e do gerenciamento, transformando o sofrimento em prazer, favorecendo a saúde mental através da rediscussão da organização do trabalho e da criação de novos modos de viver o trabalho (Barfknecht, Merlo, Nardi, 2006).

O breve histórico de uma cooperativa de costura e serigrafia, elaborado a partir de entrevistas com os trabalhadores e observação das atividades, permitiu identificar que se organizar solidariamente, onde quem trabalha também gerencia, próximos dos princípios da economia solidária, através de uma prática de reflexões sobre o cotidiano do trabalho, favorece a saúde mental das pessoas (Barfknecht, Merlo, Nardi, 2006).

O artigo mostra que a organização do trabalho é um desafio a ser enfrentado todos os dias e assim para se construir uma gestão solidária do trabalho da cooperativa a busca de capacitação e assessoria é permanente. Isso evidencia as dificuldades vividas e a busca de superações e fortalecimento de um empreendimento econômico solidário (Barfknecht, Merlo, Nardi, 2006).

Entre a produção bibliográfica sobre o tema do trabalho encontra-se uma dissertação de mestrado que discute o tema do trabalho de usuários de um Centro de Atenção Psicossocial, mas não aborda o tema da Economia Solidária:

O usuário de serviço de saúde mental, por suas características peculiares (baixo grau de escolaridade, formação profissional precária, inserção preconceituosa no imaginário coletivo, habilidade intelectual restringida pelo uso de psicofármacos, relação familiar permeada pela desconfiança com relação à sua capacidade produtiva, além da condição sócio-econômica dependente), experimenta uma condição desfavorável na competição por um lugar no jogo social. Para ele, o trabalho é o acesso ao lugar onde reside a normalidade do ser humano; o respeito do outro (família, parentes, amigos e vizinhos); a possibilidade de prever e viver o futuro; a produção e reprodução da vida material (Aranha e Silva, 1997).

Alguns artigos que relatam a experiência de Santos, que embora não dialogue diretamente com o campo da Economia Solidária, ao analisar as experiências de inserção no trabalho que “produzem valores reais para a vida das pessoas”, que chama de empreendimentos sociais, indica questões dessas práticas em relação ao mundo do trabalho (Kinker, 1997).

Entre os artigos que dialogam o campo da saúde mental com o campo da Economia Solidária, “sob o referencial da desinstitucionalização, na perspectiva da economia solidária”, um assinala a necessidade de superação das formas de intervenção norteadas pela concepção de “trabalho terapêutico” e pela lógica do “trabalho protegido” e dos diferentes modos de reprodução das relações de invalidação e desvalorização dos sujeitos (Nicácio, Mângia e Ghirardi, 2005). Reconhece o trabalho como direito, apresenta a lógica das cooperativas sociais como um dos caminhos para a implementação de políticas públicas e de projetos inovadores que visem à construção de empreendimentos econômicos solidários.

Propõe que relações entre os sujeitos e o trabalho, a produtividade capitalista, a produção de valores, a produção de subjetividade, as formas de sociabilidade, os processos de desfiliação, o campo dos direitos, as transformações contemporâneas nas relações de

produção e no universo do trabalho produzem desafios importantes para serem pensados, questionados, superados (Nicácio, Mângia e Ghirardi, 2005).

Em um dos artigos sobre a trajetória da experiência Santista, de tecer condições que possibilitem o “viver fora” das instituições totais e “reentrar no mundo”, entra em cena o novo desafio de produção de autonomia e inserção social, da ampliação dos espaços, das possibilidades de expressão subjetiva e das redes de trocas sociais (Nicácio, Kinker, 1996).

Propõe como novos instrumentos de ações a realização de espaços de trabalho para sujeitos mais frágeis na relação de contratualidade social.

A idéia central é que o instrumento “cooperativa” possibilita novas respostas na perspectiva de emancipação dos usuários-trabalhadores e, ao mesmo tempo, significa uma estrutura jurídico-civil própria, o que permite uma relação efetiva de entrada no mercado. A escolha da estrutura cooperativa pauta-se pela necessidade de uma dinâmica democrática das relações de trabalho e de produção e, portanto, uma forma que pode contemplar simultaneamente a produção de valores e de vida (Nicácio, Kinker, 1997).

O relato da construção da Cooperativa Paratodos revela uma estrutura complexa, que permite realizar alianças diferentes e enunciar novas culturas emancipatórias (Nicácio, Kinker, 1997).

Em mais um artigo sobre a intervenção na Casa de Saúde Anchieta, em Santos, o trabalho é entendido como instrumento para a reconstrução de subjetividades, enquanto ponto de partida para a produção de autonomia e ampliação do poder contratual. Com o sentido de reconstituir direitos, entre eles o direito ao trabalho, viabilizar projetos de trabalho, organização de usuários-trabalhadores, espaços de produção, de relação, de novas responsabilidades e riscos, neste cenário nasce a Cooperativa Paratodos (Nogueira F, 1997).

Finalmente, dois capítulos de livro relatam a experiência de um empreendimento econômico solidário no campo da saúde mental, a construção e organização de um coletivo que “de modo processual e compartilhado, vivencia a oportunidade de administrar o próprio destino, de assumir riscos e responsabilidades da gestão de um empreendimento econômico

solidário na realidade do mercado” (Otoni C, Zacheé K, Soares M, 2008; Ribeiro D, Osvaldina M, Messias C, Alves D, Faustina M, Braga PR, Medeiros M, 2008).

Ou seja, um lugar que não está pronto, onde as pessoas se reconhecem capazes e buscam incluir cada um do jeito que é. Como decidir se organizar juridicamente para atuar no mercado de forma mais efetiva, dialogando com este, trocando experiências, aprendendo (Ribeiro D, Osvaldina M, Messias C, Alves D, Faustina M, Braga PR, Medeiros M, 2008; Otoni C, Zacheé K, Soares M, 2008).

No caso do usuário de serviço de saúde mental, o transtorno psíquico está associado à sua incapacidade de se adaptar ao processo produtivo, para o qual, “é normal, aquele que dispõe corpo e mente em perfeitas condições de uso como força de trabalho disponível para a inclusão e subordinação necessárias ao processo de produção capitalista” (Aranha e Silva, 1997). Portanto,

um dos principais desafios da Reforma Psiquiátrica - processo amplo de inclusão social e promoção da cidadania das pessoas com transtornos mentais - é o acesso desta população ao trabalho, entendido como instrumento de inclusão social. Embora os diversos serviços da rede de atenção à saúde mental permitem ou fomentem a criação de oficinas de geração de renda, estas experiências, mesmo que com bons resultados, caracterizam-se ainda por sua frágil sustentação institucional, financeira e relacionam-se com a aquisição de habilidades (Ministério da Saúde, 2005a).

Neste cenário, o marco referencial da Economia Solidária propicia um caminho promissor para os embates práticos e teóricos no campo da inserção no trabalho de pessoas em desvantagem social, no universo da Reforma Psiquiátrica brasileira, e possibilita a construção de redes de resistência a uma sociedade que incessantemente afirma as desigualdades e produz exclusão, pois,

de fato, os movimentos da Reforma Psiquiátrica e da Economia Solidária compartilham princípios fundamentais quando fazem a opção ética, política e ideológica por uma sociedade marcada pela solidariedade. É somente no ano de 2004, no entanto, quando estes movimentos passam a se encontrar, a se reconhecer e a dialogar, que se inicia uma colaboração permanente entre estes campos e entre os integrantes dos movimentos

sociais correspondentes, tendo como desafio a inserção social de pessoas excluídas do processo produtivo (Ministério da Saúde, 2005a).

Os diversos atores da Reforma Psiquiátrica brasileira envolvidos com iniciativas de inclusão social pelo trabalho e renda precisam se mobilizar para conhecer e discutir a perspectiva da Economia Solidária, construindo redes de interlocuções e práticas para poder contar com “capital social fortalecido e que integre e mobilize os produtores por meio de redes de produção, comercialização, informação e formação, bem como outros atores locais, regionais e estaduais e as próprias políticas públicas em torno da sua auto-sustentação” (Culti, 2007).

Esta determinação é a que move o projeto de geração de trabalho e renda O Bar Bibitã, resultado da discussão dos usuários, trabalhadores e parceiros do Centro de Atenção Psicossocial III Itaim Bibi da Secretaria de Saúde do Município de São Paulo.

O coletivo de trabalhadoras e trabalhadores d'O Bar vem se debruçando sobre o interesse e a necessidade das pessoas com experiências de sofrimento psíquico na relação com o corpo social de desenvolverem uma atividade laborativa que produz renda.

Este projeto permite articular saberes - acadêmico, técnico e popular - e tem como consequência a *validação* do conhecimento das pessoas, produto do *confronto da organização do trabalho desse coletivo* com a forma de organização do trabalho na sociedade capitalista, individualista e produtora de exclusão.

A realização deste estudo busca evidenciar que o percurso e o processo de construção d'O Bar é permeado por conceitos e práticas que dialetizam as formas tradicionais capitalistas de organização de trabalho e produzem *superações nesta organização*, na *sofisticação do produto* e nas *mudanças na vida da equipe trabalhadora* (Ballan, Aranha e Silva, 2007).

O Bar entende-se como um instrumento para reconstrução de autonomia, protagonismo e ampliação do poder contratual, de aquisição de lugares sociais reais na vida destas pessoas: de ter trabalho, dinheiro, amigos, respeito, reconhecimento, dificuldades, o que é possível com a organização participativa e solidária do trabalho (sem opressão, sem hierarquias, em grupo, acolhendo as dificuldades, respeitando os limites e potencializando trocas) diferente das condições de trabalho determinadas no capitalismo (Ballan, Aranha e Silva, 2007).

A experiência de trabalho com os trabalhadores e trabalhadoras d'O Bar BiBiTanTã autoriza afirmar que o trabalho junto a esta população necessita de cooperação e solidariedade para sua sustentação, concepção, planejamento e execução (Aranha e Silva, Ballan, Barros, Meola, Capponi, 2008).

Novas *necessidades* convocam novas tecnologias (construção de conhecimentos e caminhos) construídas na articulação e nos encontros para construção de novos saberes, em diálogo com a experiência italiana, nas trocas de experiências com os projetos de geração de trabalho e renda da Rede de Saúde Mental e Economia Solidária³, na participação em seminários que ajudam a discussão sobre o *trabalho* de populações em desvantagem social.

Esta posição inicial dialógica, em Rede, sustentada por uma concepção de cuidado como *direito* e necessariamente em interlocução com atores de campos distintos, ativadora de ações intersetoriais, por si desloca o sentido do *trabalho* do campo sanitário, psiquiátrico ou disciplinar. De imediato o coloca no campo do acesso aos *direitos*, de se organizar, produzir, consumir, interferir e construir saberes.

³O Bar Bibitantã começou a construir rede de interlocuções com o território, alinhada aos princípios da solidariedade e parcerias com comércios próximos, além de estabelecer interlocução com o campo da Economia Solidária. O propósito das articulações com outros projetos e campos intersetoriais é avaliado como essencial para tecer a Rede de Saúde Mental e Economia Solidária e ratificar a importância dos empreendimentos econômicos solidários no campo da saúde mental (Ballan, Aranha e Silva, 2007; Aranha e Silva, 2008). Mais informações sobre a Rede de Saúde Mental e Economia Solidária. Disponível em: www.saudeecosol.wordpress.com

Resta saber como estas experiências se expressam na vida das pessoas, na sociedade e a isto é que este estudo se dedica.

Enquanto O Bar se fortalece como um coletivo de *trabalhadores e trabalhadoras*, contradições se apresentam para serem enfrentadas, como os limites impostos pela legislação trabalhista, a dificuldade de acesso a proteção social, entre outras, que anunciam barreiras que precisam de enfrentamento.

Este estudo apresenta-se com um pressuposto, que pessoas em desvantagem na relação com o corpo social, portadoras de experiências de sofrimento psíquico, podem ocupar diferentes lugares, saberes e poderes, acessar diversos circuitos, ter reconhecimento individual e coletivo pelo *trabalho* realizado num projeto como O Bar Bibitantã.

Neste sentido, o *objeto de estudo* é a forma de organização do trabalho no interior de um novo cenário da Reforma Psiquiátrica, um empreendimento econômico solidário no campo da saúde mental. Admite-se que a experiência de *trabalho* num projeto de geração de trabalho e renda, orientado pelas diretrizes da Reforma Psiquiátrica e da Economia Solidária, possibilita o acesso a novos itinerários, ao exercício de direitos e a um novo lugar social para a experiência da loucura.

Considerados os *trabalhadores e trabalhadoras* d'O Bar sujeitos sociais e históricos, seres pensantes, comunicantes, transformadores, criadores, realizadores de sonhos, capazes de produzir identidades e saberes na construção de um empreendimento econômico solidário, este estudo se dispõe, a partir da formação de sujeitos políticos, protagonistas de suas receitas de vida e da receita de construção e consolidação d'O Bar Bibitantã, compreender a forma de organização do trabalho no interno do projeto e as conseqüências disso na vida das pessoas envolvidas.

2. Objetivos desse estudo

- a. Documentar o processo de concepção, construção e consolidação do empreendimento econômico solidário O Bar BiBiTanTã;
- b. Compreender a forma de organização do trabalho no interior desse empreendimento econômico solidário;
- c. Identificar as transformações que o trabalho no empreendimento econômico solidário produz na vida dos trabalhadores e trabalhadoras.

3. Instrumentos para sustentação de uma pesquisa participante: o método

A produção de conhecimentos no curso de uma experiência concreta, como a d'O Bar, na qual a teoria se atualiza e é desenvolvida a partir da prática, solicita um método de investigação e ação que admite a realidade em constante processo de transformação.

Este estudo pretende ser descritivo e analítico dado seu objeto complexo: a forma de organização do *trabalho* no interior de um empreendimento econômico solidário no campo da saúde mental, incubado num serviço de saúde mental 24 horas, o Centro de Atenção Psicossocial III Itaim Bibi, da Secretaria de Saúde do Município de São Paulo.

Os métodos qualitativos de pesquisa, alternativa ao padrão de pesquisa convencional, que enfatizam os fenômenos sociais em suas especificidades, favorecem as discussões críticas e produção coletiva de conhecimento sobre a realidade vivida, são os mais coerentes para uma investigação como esta.

Trata-se de uma *pesquisa participante* (Brandão, 1986; Freire, 2001; Freire, 2007; Tiollenth, 2008).

A pesquisa participante admite que “pesquisadores e pesquisados são sujeitos de um mesmo trabalho comum, ainda que com situações e tarefas diferentes, pretende ser um instrumento a mais de reconquista popular” (Brandão, 1986).

Trata-se, neste caso, de um estudo sofisticado que busca conhecer a forma de organização do *trabalho* de um coletivo complexo, formado por pessoas em desvantagem na relação com o corpo social e de atores institucionais, trabalhadores do campo da saúde mental, estudantes e pesquisadores implicados com a ética da produção de conhecimento de forma participativa e de iniciativa transformadora.

Trata-se também de um trabalho conjunto de pesquisa e discussão da realidade a ser conhecida e transformada, onde as trabalhadoras e trabalhadores refletem como a organização do trabalho é vivida no interior deste empreendimento e quais os ganhos com esse trabalho. Neste caso o pesquisador assume “dupla postura – observador crítico e participante ativo” (Freire, 1986).

A *pesquisa participante* que esse estudo adota como método, compromete-se com o exercício reflexivo coletivo (de todos os atores) e implicado (dos pesquisadores) com a leitura da realidade real, aquela que se constrói no cotidiano da vida das pessoas, e se dá por meio da análise das transformações da realidade pelos que a vivem (Oliveira RD, Oliveira MD, 1986).

Tal prática investigativa afirma-se como uma ação pedagógica, uma proposta de produção de novos saberes a partir da ação intencional e transformadora dos sujeitos sobre as realidades (Tiollenth, 2008).

O interesse da pesquisa participante está comprometido com as necessidades das populações, via de regra, subalternizadas e desprivilegiadas, que portam saberes pouco reconhecidos e plenos de sabedorias, e que muitas vezes são apropriados pela ciência oficial, a mesma que os desqualifica quando os torna seus *objetos* de investigação (Freire, 1986).
Concorda-se, nesse estudo, com a afirmativa que

uma perspectiva crítica e problematizadora das ciências sociais implica, portanto, na recusa dos mitos da neutralidade e da objetividade e obriga o pesquisador a assumir plenamente uma vontade e uma intencionalidade política. Ao invés de se limitar a constatar como pensam, falam ou vivem as pessoas de determinado grupo social ou de procurar prever o que seria necessário fazer com vistas a dissolver os conflitos e reforçar a coesão social, nossa postura deve ser bem outra. O que nos interessa é mergulhar na espessura do real, captar a lógica dinâmica e contraditória do discurso de cada ator social e de seu relacionamento com os outros atores, visando a despertar nos dominados o desejo da mudança e a elaborar, com eles, os meios de sua realização (Freire, 2001).

O conhecimento popular é o conhecimento prático que tem possibilitado à humanidade, de forma geral, a sua sobrevivência. Diferente do saber científico, acessível a uma parcela reduzida da população, ele está disponível no cotidiano das relações humanas, para ser superado, transformado. Ele também é fonte de afirmação histórica, de identificação cultural, de sentimentos de pertencimento e sinalizações de aceitação e rejeições coletivas (Freire, 2001).

O cuidado a se tomar no campo da pesquisa participante é para não se incorrer no que Paulo Freire chamava de “invasão cultural, a serviço sempre da dominação” (Freire, 2007). Isso pressupõe um profundo respeito e disponibilidade para compreender “a maneira como os grupos populares se compreendem em suas relações com o seu mundo”, ou seja, se um problema preocupa o pesquisador, este só pode ser compreendido a partir da compreensão da percepção que dele têm os que o enfrentam ou sofrem (Freire, 2007).

Por essa razão, se a compreensão da realidade se dá na aceitação de sua dinamicidade, no necessário enfrentamento e embate entre saberes que procuram transformá-la, não é possível reduzir tais problemas a *objetos de pesquisa*.

Trata-se, portanto, de uma escolha ética e política, pois

simplesmente, não posso conhecer a realidade de que participam a não ser com eles como sujeitos também deste conhecimento que, sendo para eles, um conhecimento do conhecimento anterior (o que se dá ao nível de sua experiência quotidiana) se torna um outro conhecimento. Se me interessa conhecer os modos de pensar e os níveis de percepção do real dos grupos populares estes grupos não podem ser meras incidências de meu estudo (Freire, 2001).

Nesta perspectiva quem pesquisa é educador e permite circular os diversos saberes, pensar sobre o fazer, produzir reflexão crítica sobre a prática construída no enfrentamento coletivo de problemas concretos (Freire, 2007):

o pesquisador coloca suas ferramentas científicas a serviço da construção de uma sociedade mais justa e solidária: trabalhar em estreita ligação com um grupo oprimido, com vistas a construir, com o grupo e a partir de dentro da situação vivida pelo grupo, conhecimento

da realidade que conduza à identificação dos meios para superar a situação de opressão (Freire, 1986).

Assim, “a potencialidade da *pesquisa participante* está precisamente no seu deslocamento proposital das universidades para o campo concreto da realidade”, e este estudo se compromete com os diferentes saberes dos sujeitos e a efetiva participação da pesquisadora no cotidiano de trabalho deste coletivo no interior d’O Bar Bibitantã.

Para ser coerente com tal posição optou-se pela estratégia metodológica da Oficina de Trabalho (Serpa da Fonseca, 2002; Aranha e Silva, 2003) (descrita adiante) como instrumento de construção, coletivização, produção e apropriação dos saberes diversos produzidos e consumidos n’O Bar Bibitantã.

3.1 Ambiente teórico e prático onde se constrói O Bar Bibitantã

a. Breve histórico sobre a gênese da Economia Solidária

A economia solidária nasceu com as lutas de resistência à Revolução Industrial, com o espantoso empobrecimento dos artesãos gerado pelo capitalismo industrial nascente, ao longo dos séculos XIX e XX. Com a revolução industrial a força de trabalho foi substituída pelas máquinas e a exploração dos trabalhadores (mulheres, homens e crianças), sem qualquer proteção ou segurança cresceu deliberadamente (Singer, 2002; Singer, 2003).

As primeiras tentativas de assegurar melhores condições de trabalho começaram a ser pensadas com estas pessoas que se indignavam. Entre elas destaca-se Robert Owen (1771-1859), um britânico socialista, proprietário da grande indústria que foi palco das suas primeiras propostas para melhorar as condições de trabalho dos operários.

Depois da experiência na indústria houve uma iniciativa com as *Aldeias Cooperativas* onde as pessoas viviam, trabalhavam, produzindo a própria subsistência e em relação de troca de mercadorias com outras *Aldeias*, provocando um impulso na organização do movimento sindical (Singer, 2002; Singer, 2003).

Naquele momento da história muitas experiências de cooperativismo estavam em ascensão na Inglaterra e com elas o movimento sindical também inaugurava suas lutas, reivindicações de melhorias, greves e conflitos entre trabalhadores e empregadores, o que potencializava as cooperativas (Singer, 2002; Singer, 2003).

Em 1832 as *Bolsas de Trabalho* tornaram-se o mecanismo de troca da produção das cooperativas, conferindo-lhes viabilidade econômica “com preços calculados conforme o número de horas de trabalho gastas em sua produção” e com circulação de uma moeda própria com valor de hora de trabalho.

O cooperativismo se configurou como modo de produção alternativo ao capitalismo que “foi um curto, mas inolvidável momento da história da Grã-Bretanha e também do cooperativismo” (Singer, 2002; Singer, 2003).

Singer chama esta fase de *cooperativismo revolucionário*, entretanto:

o experimento de Owen terminou quando o cooperativismo revolucionário entrou em colapso, junto com os sindicatos, com as greves patronais em 1834 [...] a luta entre o movimento sindical e a nascente burguesia industrial se travou em 1834 e [...] terminou com a vitória do patronato e o esmagamento do movimento operário (Singer, 2003).

Outro antecedente da economia solidária foi o modelo da *cooperativa de consumo*, em 1844. Dezenas de operários constituíram a *Cooperativa de Rochdale de consumo* e de aplicação em poupança que em poucos anos teve um crescimento vigoroso até que em 1864 “tinha 4.747 membros e seu capital valia 64 mil libras”. Esse capital proporcionava a constituição de novas cooperativas de produção e seus princípios foram adotados por inúmeras cooperativas criadas na Europa (Singer, 2003).

Com as cooperativas *de consumo e de produção*, em 1850, surgiram as *cooperativas de crédito*, que adotaram os princípios de Rochdale e respondiam às necessidades dos artesãos e dos camponeses europeus (Singer, 2003).

Por volta de 1852 uma associação reuniu cerca de 150 pessoas e os membros abriram poupanças para construir o capital de giro da cooperativa. Essa invenção alemã era a *cooperativa de crédito*. Os empréstimos destinavam-se a financiar investimento produtivo, a porta da cooperativa estava sempre aberta a pessoas necessitadas de empréstimos, sem distinção de profissão ou classe. Cooperativas assim, autogestionadas, com princípios solidários, passaram a ser chamadas *Bancos do Povo* (Singer, 2002)⁴.

No entanto, a autogestão foi deixando de ser operacionalizada aos poucos nas *cooperativas de crédito e de consumo* e seu funcionamento passou a se assemelhar cada vez ao dos intermediários convencionais:

as únicas cooperativas que, em grande parte mantiveram fiéis à autogestão em sua prática foram as cooperativas de produção, e em sua maioria as que menos cresceram (Singer, 2003) [...] são associações de trabalhadores, artesãos, administradores, técnicos, que visam produzir bens ou serviços a serem vendidos em mercados [...] a Itália atualmente é o país em que há mais cooperativas de produção (Singer, 2002).

As cooperativas continuaram se desenvolvendo em número crescente de países, mas se distanciando da contraposição ao modo de produção capitalista. Até 1870, o que se assistia era uma luta intensa entre a classe trabalhadora e empregadores, muitas vezes sangrentas, tais como os acontecimentos relacionados ao 1º de maio e ao 08 de março, datas que denunciavam massacres históricos de trabalhadoras e trabalhadores (Singer, 2003).

A partir de 1870 as condições de vida da classe trabalhadora começaram mudar em função do aumento real dos salários, do reconhecimento do direito à organização sindical e

⁴As *cooperativas de crédito* foram levadas para Itália e se difundiram pelos demais países da Europa continental e pela América do Norte, entrando pelo Canadá e depois Estados Unidos. Entretanto, cerca de 100 anos adiante “após a Segunda Guerra Mundial, o cooperativismo de crédito sofreu profundas mudanças estruturais para se adaptar à evolução da intermediação financeira capitalista, marcada pela centralização do capital e a formação de gigantes oligopólios financeiros globais” (Singer, 2002).

de greve e da aprovação das primeiras bases do Estado de Bem Estar Social (Singer, 2003), culminando com a conquista do direito ao sufrágio universal.

Desta forma, a classe trabalhadora passou a ter lugar político e social. O emprego assalariado passou a ser um “privilégio”, uma condição social invejável, porque as condições de trabalho e vida não eram mais tão ruins e desesperadoras e os trabalhadores, reconciliados com a condição de assalariados, deixaram de considerar a autogestão como possibilidade real:

o cooperativismo perde sua missão transformadora e se torna modalidade de empresa participativa, em que a participação efetiva dos sócios se torna cada vez mais formal e esvaziada de sentido (Singer, 2003).

Essa nova condição explica o longo intervalo entre as experiências de cooperativismo revolucionário do século XIX e a “revivência” da economia solidária no final do século XX quando a situação mudou novamente, a partir da primeira metade dos anos 1980 quando, sob o domínio do neoliberalismo

o mercado financeiro tornou-se hegemônico e passou a impor sucessivos apertos fiscais e monetários, o que reduziu a metade o ritmo de crescimento das economias centrais; o livre comércio e a movimentação financeira irrestrita de capitais permitiu as multinacionais transferir gradualmente mais e mais linhas de produção para países de baixos salários e sem estado de bem-estar digno deste nome; e finalmente reformas fiscais diminuíram a carga tributária dos riscos e o montante de gastos sociais, ocasionando uma redistribuição ao revés da renda (Singer, 2003).

Isto produziu o que se chama desemprego estrutural, “fruto do deslocamento das empresas para onde a liberdade de demitir e a ausência de salário mínimo reduzem os custos da força de trabalho a uma fração insignificante dos que vigem nos países industrializados” (Singer, 2003).

Por outro lado, a expansão sem limites da gestão empresarial capitalista produziu um fenômeno inédito, isto é, o modelo taylorista seguido do fordista acabou derrotado pelos métodos participativos do toyotismo, que segundo Singer (2003), desde a revolução industrial,

favoreceu a classe trabalhadora ao convocá-la para a necessidade de maior escolaridade, maior responsabilização pelo desempenho de funções mais complexas e a necessária transferência de poder da cúpula à base, uma vez que será esta que realizará as metas planejadas pela cúpula.

Ainda segundo Singer (2003) “para trabalhadores deste calibre, a busca de mais participação nas decisões e de mais poder é natural. O horizonte desta busca é a autogestão, ou seja, a eliminação total da hierarquia” e é “a partir desta nova situação que se explica a ‘revivência’ da economia solidária nos dias atuais” (Singer, 2003).

b. A Economia Solidária se realiza por meio de empreendimentos econômicos solidários

Empreendimentos Econômicos Solidários, EES, compreendem formas comunitárias e democráticas de organizar a produção e o consumo de diversas modalidades, organizações econômicas compostas por indivíduos, grande maioria excluídos do mercado de trabalho, como alternativa coletiva de sobrevivência, realizam atividades econômicas de produção de bens, de prestação de serviços, de fundos de crédito (cooperativas de crédito e os fundos rotativos populares), de comercialização (compra, venda e troca de insumos, produtos e serviços) e de consumo solidário (Ministério do Trabalho e Emprego, 2006):

são organizações suprafamiliares, singulares e complexas, como associações, cooperativas, empresas autogestionárias, grupos de produção, clubes de trocas, redes e centrais cujos participantes ou sócios (as) são trabalhadores (as) dos meios urbano e rural que exercem coletivamente a gestão das atividades, assim como a alocação dos resultados permanentes (Ministério do Trabalho e Emprego, 2006).

Os EES se caracterizam por práticas que articulam atividades econômicas com ações de cunho educativo e cultural, onde a relação de solidariedade gera resultados

materiais e ganhos extra-econômicos, chamados, neste estudo, de ganhos imateriais. Neste caso, a divisão do trabalho que visa apenas maximizar o lucro cede espaço para que todos os atores possam compartilhar das responsabilidades e os ganhos de maneira igualitária, melhorando a qualidade de vida das trabalhadoras e trabalhadores (Gaiger, 2003). Nesse sentido,

o termo empreendimento econômico solidário é usado para se referir aos mais diversos tipos de experiências de economia solidária. De um modo geral, compreende modalidades de trabalho às quais acorrem indivíduos que vivem ordinariamente do emprego da sua força de trabalho e nas quais encontram guarida categorias sociais postas à margem dos sistemas convencionais de ocupação e de distribuição da riqueza, dependentes do setor privado e do Estado. Adotam, em proporção variável, arranjos coletivos na posse dos meios de produção, no processo de trabalho e na gestão do empreendimento, [...] por meio da socialização dos meios de produção e da democratização do poder econômico (Gaiger, 2003).

Uma das contribuições dos EES aos trabalhadores e trabalhadoras é possibilitar o desenvolvimento de suas habilidades, o resgate de sua auto-estima e identidade na relação de cooperação e solidariedade. Assim, permite por meio do *trabalho*, a produção e geração de renda, o resgate dos saberes e histórias das pessoas, aproveitando as potencialidades individuais e coletivas.

Para Gaiger (2003) o surgimento dos EES, de um modo geral, decorre da conjunção de cinco circunstâncias: a presença de uma *identidade* no modo associativo, comunitário, de se organizar para o *trabalho*; a existência de *coletivos populares organizados*, com lideranças legítimas e ativas; a *redução de postos de trabalho* convencionais, por maior seletividade destes ou ineficiência das políticas públicas destinadas a gerar oportunidades econômicas; a *mediação de organizações representativas* ou de apoio que impulsionem as experiências para o crescimento e ruptura com padrões de subsistência e reprodução capitalista de organização do trabalho; e a formação de um *cenário político e ideológico que reconheça e fortaleça as alternativas de atividades econômicas solidárias* (Gaiger, 2003).

Ou, de outra forma, EES são

os diversos tipos de atividade econômica, baseados na associação voluntária, na propriedade comum dos meios de produção, na gestão coletiva, no exercício de poder exercido pela comunidade de trabalhadores e no esforço mútuo, em prol de interesses comuns (Verano, 2001)

A característica dos EES de atuar simultaneamente na esfera econômica, social e política, negando a dicotomia entre interesses econômicos e questões sociais, reconhece e busca a superação das necessidades materiais e imateriais (lugar social, autonomia, reconhecimento, aprendizado, entre outros) dos trabalhadores e trabalhadoras (Gaiger, 2003) porque

o papel dos empreendimentos econômicos solidários, a ser verificado, consiste em dar provas palpáveis de que são estruturalmente superiores a gestão capitalista, no desenvolvimento econômico e na geração de bem-estar social, por disporem de vantagens comparativas, decorrentes da sua forma social de produção específica (Gaiger, 2003).

Entretanto, o conceito deve ser sempre utilizado com crítica, o que evidencia as qualidades emancipatórias e promissoras das alternativas de produção econômica na perspectiva da Economia Solidária, levando em consideração sempre o contexto político, cultural e científico referido (Gaiger, 2003).

c. Economia Solidária e Saúde Mental

No Brasil, a Economia Solidária nasceu efetivamente como uma proposta de inclusão social, mas não de inclusão social no modo de produção capitalista, precursor das desigualdades (Singer, 2005; Singer, 2002). A Economia Solidária proporciona que as relações sociais de produção não sejam de exploração, na qual o capital e o mercado determinam a conduta e a vida dos trabalhadores, mas sim do exercício do poder compartilhado, cooperação e solidariedade entre trabalhadoras e trabalhadores.

A discussão mais consistente sobre formas de organização de trabalho para as populações que vivem em desvantagem social ganhou força em função da realização do I Fórum Social Mundial, em 2001, com a constituição do Grupo de Trabalho brasileiro da Economia Solidária, e a partir desse marco foi criada, em 2003, a Secretaria Nacional de Economia Solidária, do Ministério do Trabalho (Camilo, 2005). Desta forma,

a Economia Solidária, hoje política pública do Ministério do Trabalho e Emprego, é um movimento em prol de uma forma de organização econômica coletiva e autogestionária, em resposta à exclusão por gênero, raça, idade, instrução, entre outros determinantes, das pessoas no campo do trabalho. É clara neste marco referencial a crítica à lógica capitalista de organização do modo de produção, individualista, hierárquica e competitiva (Singer, 2002).

Desde o ano de 2005 torna-se clara a aproximação e certo campo identitário entre as diretrizes da Reforma Psiquiátrica brasileira no tocante às ações que visam a inserção no trabalho dos usuários de serviços de saúde mental e os princípios da Economia Solidária,

compreendida como o conjunto de atividades econômicas – de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito – organizadas e realizadas solidariamente por trabalhadores e trabalhadoras sob a forma coletiva e autogestionária (Ministério do Trabalho e Emprego, 2006).

A identidade no campo ético, de tomar as formas de inclusão das pessoas em desvantagem social no mundo do trabalho por meio de processos produtivos e distributivos solidários, torna-se mais evidente quando voltadas para as pessoas com experiência de sofrimento psíquico, porque

é clara neste marco referencial a crítica à dura lógica capitalista de produção incessante de vitoriosos e derrotados. Como horizonte da Economia Solidária está a instauração da solidariedade como norma social e a construção de empreendimentos coletivos e autogestionários como resposta à exclusão do mercado. É através de um diálogo permanente entre os campos da saúde mental e da Economia Solidária que o Programa de Inclusão Social pelo Trabalho das pessoas com transtornos mentais e transtornos decorrentes do uso de álcool e outras drogas começa a ser delineado (Ministério da Saúde, 2005a).

A articulação entre a Economia Solidária e a Reforma Psiquiátrica brasileira pode potencializar as experiências em curso dos grupos ocupados com o projeto de inserção de pessoas em desvantagem social no mundo do trabalho e ampliar o contingente de novos sujeitos engajados na construção ativa de uma nova sociedade, capaz de abrir espaço para quem fica do lado de fora do processo produtivo, e,

da articulação das duas políticas públicas espera-se a consolidação de um suporte institucional de apoio e financiamento às iniciativas existentes, e a expansão das ações de inclusão social pelo trabalho no campo da saúde mental brasileira (Delgado, 2005).

O Ministério da Saúde, por meio da Portaria 1.169, de 07 de julho de 2005, “implementa incentivo financeiro para municípios que desenvolvam projetos de Inclusão Social pelo Trabalho destinado a pessoas portadoras de transtornos mentais e/ou de transtornos decorrentes do uso de álcool e outras drogas” (Ministério da Saúde, 2005a). Trata-se de um novo horizonte de práticas.

Considerando-se esse novo horizonte teórico e prático, e a crítica da economia solidária sobre a economia capitalista, é possível afirmar

de maneira clara e evidente, ou seja, [que] o modo de produção capitalista produz desigualdades, [e] a economia solidária se contrapõe a isto e propicia o desenvolvimento humano, através de solidariedade, contraponto com o individualismo competitivo das sociedades capitalistas (Singer, 2002; Singer, 2003).

Para tal, no conjunto de atividades econômicas, pois EES pressupõe atividade econômica, e nas formas de organização dos processos de trabalho nos EES, quatro características devem ser observadas e compreendidas como categorias, sempre e necessariamente presentes na perspectiva da Economia Solidária (Ministério do Trabalho e Emprego, 2006):

- a. *Cooperação*: existência de interesses e objetivos comuns, união dos esforços e capacidades, propriedade coletiva parcial ou total de bens, partilha dos resultados e responsabilidade solidária diante das dificuldades;
- b. *Autogestão*: exercício de práticas participativas de autogestão nos processos de trabalho, nas definições estratégicas e cotidianas dos empreendimentos, na direção e coordenação das ações nos seus diversos graus e interesses;
- c. *Atividade Econômica*: agregação de esforços, recursos e conhecimentos para viabilizar as iniciativas coletivas de produção, prestação de serviços, beneficiamento, crédito, comercialização e consumo;
- d. *Solidariedade*: preocupação permanente com a justa distribuição dos resultados e a melhoria das condições de vida de participantes. Comprometimento com o meio ambiente saudável e com a comunidade, com os movimentos emancipatórios e com o bem estar de trabalhadoras (es) e consumidoras (es) (Ministério do Trabalho e Emprego, 2006).

Além disso, para fomentar o desenvolvimento da organização dos processos de trabalho dos EES no campo da saúde mental são necessários: *fortes laços de cooperação e confiança entre os agentes locais, investimento nas potencialidades dos sujeitos envolvidos nos diversos projetos de geração de trabalho e renda (formação política e técnica), investimento financeiro e teórico para incubação dos empreendimentos, estratégias de reconhecimento das atividades produtivas adequadas aos locais e sujeitos participantes, e parcerias com outros projetos, empreendimentos e sociedade civil organizada para a construção de redes solidárias* (Culti, 2007).

Essas são as bases teóricas e conceituais do diálogo que permitirá conhecer e analisar a organização do *trabalho* do EES O Bar BiBiTanTã.

3.2 O cenário desse estudo

O Sistema de Saúde da cidade de São Paulo está estruturado em cinco Coordenadorias Regionais de Saúde ⁵

A Coordenadoria Regional de Saúde Centro-Oeste, onde se insere o serviço de saúde mental 24 horas, o CAPS III Itaim Bibi, incubador d'O Bar Bibitãntã, cenário deste estudo, é composta pelas Supervisões Técnicas de Saúde Butantã, Lapa/Pinheiros e Sé⁶.

⁵Disponível em:

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/organizacao/coordenadorias_saude/index.php?p=6541.

Acesso em 20/01/2010

⁶Disponível em:

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/organizacao/supervisoes_de_saude/index.php?p=5406/#CO. Acesso em 20/01/2010

Na Coordenadoria Regional de Saúde Centro-Oeste, do ponto de vista administrativo encontram-se quatro Subprefeituras: Lapa, Pinheiros, Butantã e Sé⁷.

Os equipamentos de saúde existentes na Subprefeitura de Pinheiros, portanto, sob gestão da Coordenadoria Regional de Saúde Centro-Oeste, são:

1. CAPS Adulto Itaim Bibi;
2. CAPS ad Pinheiros;
3. Unidade Básica de Saúde Magaldi;
4. Unidade Básica de Saúde/PSF Pêra;
5. Unidade Básica de Saúde Meninópolis;
6. Unidade Básica de Saúde Alto de Pinheiros.

O Pronto Socorro da Lapa é referência para as áreas de Pinheiros, Lapa e Butantã.

O território da Subprefeitura de Pinheiros, particularmente do bairro do Itaim Bibi, caracteriza-se por alta incidência de idosos, alta renda, mais de 50% dos responsáveis pelos domicílios possui 15 anos ou mais de estudo, alto índice de desenvolvimento humano (IDH), grande oferta de emprego no setor de serviços, alta concentração de trabalhadores, quase a

⁷Disponível em:

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/index.php?p=8978>. Acesso em 20/01/2010

totalidade dos domicílios permanentes possuem água encanada, coleta de lixo e sistema de esgoto, a população moradora residente nas áreas de favela corresponde a 0,24% da população total, é a terceira região dos municípios com população em situação de rua (Meola, 2004).

A área de abrangência da região administrativa da Subprefeitura de Pinheiros é formada por: Alto de Pinheiros, Pinheiros, Itaim Bibi, Jardim Paulista e Vila Madalena, com cerca de 270.000 habitantes.

As características do território são compatíveis com condições favoráveis de vida da população (saneamento, grau de escolaridade, acesso a bens e serviços) exceto da população residente nas áreas das favelas, dos cortiços e a que está em situação de rua.

A população usuária do CAPS Itaim Bibi, caracterizada pelo perfil sócio demográfico e epidemiológico da região – idosos, população em situação de rua e com comportamentos suicidas, psicóticos e outros - exhibe significativas dificuldades para acessar os recursos sócio-culturais do território e necessita de muito investimento e acompanhamento para responder às necessidades da vida cotidiana.

O atual CAPS III Itaim Bibi foi inaugurado como Hospital Dia em Saúde Mental nos anos de 1990, na gestão Luiza Erundina, como política pública municipal, para compor a rede local de cuidados com a tarefa fundamental de acolher e acompanhar as situações de crise e evitar as internações psiquiátricas.

O Município de São Paulo, entretanto, no período de 1995 a 2001, nas gestões Maluf e Pitta, teve abortado o processo de implantação das políticas públicas do Sistema Único de Saúde (SUS) e da Reforma Psiquiátrica, mediante a instalação do Plano de Assistência à Saúde (PAS) que significou um enorme retrocesso técnico e político⁸.

⁸Sousa MF, Mendes A. Tempos radicais da saúde em São Paulo: a construção do SUS na maior cidade brasileira. São Paulo: Hucitec, 2003.

Desde a retomada do gerenciamento das unidades do PAS pela Secretaria de Saúde do Município (Sousa, Mendes; 2003), oficialmente em maio de 2001, na gestão Marta Suplicy, a (re)construção do Projeto Institucional do então Hospital Dia foi ancorada nos pressupostos da Reforma Psiquiátrica brasileira, utilizando como referencial o trabalho interdisciplinar, grupal e com vistas à inclusão sócio-cultural dos sujeitos e dos grupos sob sua responsabilidade, adultos e adolescentes (Meola, 2004).

Além da mudança de modelo de atenção, que de fato significava a superação das internações psiquiátricas, o que estava em cena era a construção de um novo olhar e de um novo lugar social para a população com a experiência do sofrimento psíquico na sua relação com a sociedade (Meola, 2004).

Neste caso, da mudança do olhar para o fenômeno da loucura, tratou-se fundamentalmente de investir na construção de lugares de pertencimento, para todos, onde prevaleça o respeito às diferenças subjetivas e a possibilidade do efetivo exercício das potencialidades e trocas sociais; que supere os preconceitos e a exclusão e que intervenha na representação social da loucura, ainda fortemente marcada pelo estatuto da periculosidade, da incapacidade, do desvalor e, portanto, da incompatibilidade para a vida comunitária (Meola, 2004).

Em 2003, após a publicação da Portaria 336, o Hospital Dia foi credenciado junto ao Ministério da Saúde como CAPS II Adulto do Itaim Bibi. Mesmo com o estatuto de Hospital Dia, o serviço operava numa lógica de cuidados que se ocupava com as crises e também com os processos de cuidados.

Não se pode afirmar que todos os serviços comunitários sustentam as diretrizes das políticas públicas de saúde mental, entretanto, o Centro de Atenção Psicossocial, desde 2003, constitui-se um recurso estratégico da rede de atenção à saúde mental que disponibiliza cuidados intensivos e cotidianos para sujeitos e grupos com a experiência do sofrimento

psíquico e suas famílias, nas situações de crise e para o acompanhamento dos processos que visam à ampliação da autonomia, a inclusão sócio-cultural e o exercício da cidadania (Ministério da Saúde, 2004).

O modelo de atenção psicossocial organizado em torno de uma rede substitutiva de serviços de base territorial e comunitária (Lei 10.216 de 06 de abril de 2001) é fruto dos movimentos da Reforma Sanitária e Psiquiátrica brasileiras e antagoniza o modelo de atenção baseado nas concepções e práticas centradas na doença e no hospital psiquiátrico.

Derrotadas as políticas em andamento na gestão 2001/04, as gestões subseqüentes, Serra e Kassab (2005/08 e 2009/12) optaram pela transferência da gestão do Sistema de Saúde do Município⁹ para as Organizações Sociais¹⁰.

a. Um serviço de saúde mental 24 horas: o Centro de Atenção Psicossocial III do Itaim Bibi

Em julho de 2009 o Centro de Atenção Psicossocial Itaim Bibi passou a funcionar 24 horas por dia, sete dias por semana, numa parceria da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo com a Associação Saúde da Família¹¹.

O serviço ainda não foi credenciado pelo Ministério da Saúde como CAPS III. Esse serviço 24 horas opera na lógica de vir a ser o organizador e articulador da rede de serviços e recursos territoriais, definido assim pela política pública de saúde mental no Sistema Único de Saúde, mas que não é a realidade dos CAPS III, caso evidente no Município de São Paulo.

O serviço de saúde mental 24 horas do Itaim Bibi é um serviço comunitário de atenção intensiva e cotidiana, destinado a pessoas portadoras de experiências de sofrimento

⁹Disponível em: <http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/saude> Acesso em 06.04.2010

¹⁰A análise dessa conjuntura e desses fatos se caracterizaria como outro estudo, de fato relevante, mas não é o caso no momento.

¹¹Disponível em: www.saudedafamilia.org Acesso em 06.04.2010

psíquico e suas famílias. Está localizado na Coordenadoria Regional de Saúde Centro-Oeste, e tem responsabilidade sanitária pelo território da Subprefeitura de Pinheiros.

A complexidade da atenção oferecida pelo CAPS Itaim Bibi, no contexto da rede de saúde mental e dos recursos do território, visa compensar a desvantagem a que está submetida a população usuária do serviço, por suas condições subjetivas e também objetivas.

O Projeto Institucional do CAPS 24 horas do Itaim Bibi, produzido no Processo de Capacitação da Equipe Multidisciplinar (Relatório, 2009), entre os meses de maio a junho de 2009, tem por finalidade orientar a organização do serviço segundo os princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde, da Reforma Psiquiátrica, da Desinstitucionalização, na lógica da Atenção Territorial.

A Primeira Fase da Capacitação dedicou-se exclusivamente aos Auxiliares de Enfermagem, Auxiliares Administrativos, Copeiras, Equipe de Limpeza, Auxiliares de Farmácia e Vigias, uma vez que a maioria não tinha experiência de trabalho no campo da saúde mental e, principalmente, no campo da Reforma Psiquiátrica.

Quadro 1: Processo de Capacitação da Equipe de Auxiliares de Enfermagem, Auxiliares Administrativos, Copeiras, Equipe de Limpeza, Auxiliares de Farmácia e Vigias do Centro de Atenção Psicossocial III Itaim Bibi, 2009

18/05/2009	19/05/2009	20/05/2009	21/05/2009	22/05/2009
Representação da loucura	Intervenções em saúde mental (crise) Comunicação terapêutica Relacionamento profissional Atitudes terapêutica, solidária e afetiva, reabilitatória e farmacológica	Trabalho em equipe multiprofissional (o que, como e para que fazer)	Vídeo da Colônia Juliano Moreira – RJ Políticas de saúde mental	Reconstruindo a representação da loucura
Trabalho em grupo	Trabalho em grupo	Trabalho em grupo	Trabalho em grupo	Trabalho em grupo

Fonte: Relatório Orientador do Trabalho da Equipe do Serviço de Saúde Mental 24 horas, 2009

A Segunda Fase da Capacitação estendeu-se para a totalidade das trabalhadoras e trabalhadores do CAPS III, com discussão de temas e textos de referência, participação de convidados, grupos de trabalho e discussão, num processo fortemente participativo (Campos, 2009; Nicácio, 2003; Muramoto, 2008; Mehry, s/d; Saraceno, 1999; Kinoshita, 1996).

Os objetivos do processo de capacitação foram: construir consensos mínimos (teóricos e práticos) para a organização dos processos de trabalho; colocar o usuário (indivíduo e grupos de referência, como familiares, vizinhos, amigos) na centralidade das ações; definir o coletivo (ou os coletivos necessários para a organização do trabalho, como mini-equipes, parcerias nas referências) dos trabalhadores e trabalhadoras como o cenário de trocas e disputas teóricas e práticas.

Os eixos para o percurso de capacitação da equipe foram planejados e desenvolvidos pelo Colegiado de Gestão em parceria com uma Docente do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e uma Docente do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Os temas desenvolvidos em forma de grupos de trabalho e discussão ou mediados por convidados e estudiosos, foram:

Quadro 2: Processo de Capacitação da Equipe Multidisciplinar do Centro de Atenção Psicossocial III Itaim Bibi, 2009

25/05/2009	26/05/2009	27/05/2009	28/05/2009	29/05/2009
A construção do olhar	A construção do olhar	Serviço como lugar de produção de relações	O sujeito em seu contexto: territorialidades	Necessidades de saúde
	Grupos de discussão			
	Plenária de coletivização das discussões			

Fonte: Relatório Orientador do Trabalho da Equipe do Serviço de Saúde Mental 24 horas, 2009

Quadro 3: Processo de Capacitação da Equipe Multidisciplinar do Centro de Atenção Psicossocial III Itaim Bibi, 2009

01/06/2009	02/06/2009	03/06/2009	04/06/2009	05/06/2009
Redes sociais	Dimensões essenciais nos projetos terapêuticos	Consensos mínimos para organização do trabalho	Organização do trabalho em equipes por território	Consensos mínimos para organização do trabalho territorial e substitutivo:
	Trabalho - O Bar BiBiTanTã	Final de semana	Responsabilização territorial das mini equipes	Grupos de trabalho: indicadores, eventos sentinela
	Cultura - O Cordão BiBiTanTã	Hospitalidade diurna e noturna	Responsabilização pelo acolhimento	Definição de metas para avaliação de 12 meses de implantação do serviço
	Morar – Residência Terapêutica	Manejo de medicação	Reuniões	Grupos de trabalho: reorganização do serviço, acolhimento
		Limites da continência	Responsabilização pela coordenação de período	Planejamento e definição do funcionamento inicial das equipes para o início do trabalho
		Acolhimento	Organização das mini equipes	Trabalho em grupos
		Plenária de coletivização e responsabilização	Trabalho em grupos	Plenária de coletivização e responsabilização
			Plenária de coletivização e responsabilização	

Fonte: Relatório Orientador do Trabalho da Equipe do Serviço de Saúde Mental 24 horas, 2009

Esse processo convocou a equipe de trabalhadoras e trabalhadores do serviço à responsabilização e formulação de *consensos mínimos para a organização do trabalho* e a construção, em plenárias de coletivização, do Relatório Orientador do Trabalho da Equipe do Serviço de Saúde Mental 24 horas: CAPS III do Itaim Bibi (Relatório, 2009).

O CAPS III Itaim Bibi definiu os objetivos institucionais da seguinte forma:

1. O objeto de intervenção desse serviço 24 horas é o sujeito em seu contexto. A função é acolher, ser referência e acompanhar o percurso das pessoas e grupos do e no território de abrangência;

2. O acompanhamento, dessa forma, ocorre nas dimensões onde a vida acontece, na vida real de pessoas reais: nas formas de morar na perspectiva da Reabilitação Psicossocial como cidadania (Saraceno,1997); de acesso à cultura na perspectiva da produção de bens e da intervenção cultural; nas formas de inserção no mundo do trabalho na perspectiva da Economia Solidária, nas formas de inserção no mundo das trocas sociais (cultura, lazer, educação, saúde);
3. O projeto de intervenção deve ser sensível à investigação e detecção pontos de vulnerabilidade ou de proteção na dimensão da vida da própria pessoa e do seu contexto de vida;
4. O olhar é o da perspectiva das *necessidades de saúde*¹² e não da oferta de respostas pré-estabelecidas e à medida que os projetos são capazes de resolver dada necessidade, outras se apresentam certamente mais complexas, sofisticadas. Este movimento pedirá novos instrumentos, novos projetos. É isso que caracteriza a dinamicidade e a projetualidade das ações.

As ações de saúde foram estruturadas em estratégias coletivas e individuais:

- **Coordenação de Período:** instrumento de organização do cotidiano do serviço, referência para as equipes e população nos períodos de Coordenação. As reuniões de passagem de coordenação de período são realizadas às 7:00, 13:00 e 19:00 horas. Os períodos da manhã e tarde são compostos por 03 a 04 profissionais das três mini-equipes. No período da noite a coordenação é de 12 horas, sob responsabilidade de uma enfermeira ou enfermeiro, duas ou dois auxiliares de enfermagem e um vigia.

¹²Stotz E.N. Necessidades de saúde: mediações de um conceito. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, 1991. Schraber L.B.; Mendes Gonçalves R.B. Necessidades de saúde e atenção primária. In:Saúde do Adulto Programas e Ações na Unidade Básica. São Paulo:Hucitec, 1996. Campos C.M.S.; Mishima S.M. Necessidades de saúde pela voz da sociedade civil e do Estado. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 21(4):1260-1268, jul-ago, 2005.

No final de semana, são coordenações de 12 horas, compostas por uma enfermeira ou enfermeiro, duas ou dois auxiliares de enfermagem e um vigia e um técnico não médico. A equipe de coordenação se responsabiliza também por:

Ambiência: responsabilidade por um olhar abrangente do ambiente físico do serviço, disponibilidade para acompanhamento dos eventos cotidianos, escuta interessada, acolhimento das necessidades, etc.;

Acolhimento: o serviço trabalha com o sistema de porta aberta, acolhimento imediato da demanda e encaminhamento qualificado de usuários, a partir da articulação com os outros serviços da região de abrangência e de outras regiões. Necessariamente quem procura a unidade será acolhido: toda entrada se realiza pela coordenação de período, preferencialmente pelo profissional responsável pelo território de moradia da pessoa. A recepção distribui os agendamentos, quando ocorrem, pelas coordenações, que são remetidos às mini equipes, portanto, territorialmente;

- **Referência:** acompanhante / parceiro / articulador do Projeto de cuidados junto ao usuário, com a finalidade de acompanhar os processos de construção de projetos possíveis de vida nas dimensões do cuidado, trabalho, morar, lazer, vida afetiva e amorosa, das relações sociais (familiares, de amizade, estudo, etc);
- **Hospitalidade 24 horas:** hospitalidade integral é um dos recursos fundamentais na atenção às situações de crise, de forma a garantir a atenção intensiva 24 horas, a continuidade terapêutica e buscar superar, efetivamente, a internação em hospitais psiquiátricos. Esse dispositivo de cuidados é modulado de acordo com as necessidades de cada usuário, recurso a serviço do processo de acompanhamento dos usuários e famílias;
- **Mini Equipes:** operadoras do Projeto Institucional, lugar da construção dos projetos de vida dos usuários, da responsabilização da referência, de suporte, discussão e

sustentação do acompanhamento dos percursos dos usuários dos territórios do Itaim Bibi, Pinheiros e Brooklin.

Foram projetados resultados e metas, a partir do Processo de Capacitação, para que em um ano, a partir da data de implantação do CAPS 24 horas do Itaim Bibi, possam ser avaliados como indicadores de eficiência e resolutividade do serviço:

- a. Internação zero dos usuários do território;
- b. Visita domiciliar para todos os usuários e famílias matriculados no serviço;
- c. Desenvolvimento de projetos de geração de trabalho e renda, na perspectiva da Economia Solidária;
- d. Acesso dos usuários a algum tipo de proteção social;
- e. Projeto terapêutico e de vida escrito para todos os usuários atendidos no serviço;
- f. Parcerias com equipamentos sociais do território;
- g. Participação dos usuários no Conselho Gestor.

Para acompanhar a eficiência e eficácia do serviço, estabeleceram-se Eventos Sentinela que podem indicar incongruência entre o projeto institucional e os resultados dos processos de trabalho. Eles também servem de alerta para reorientação dos processos de trabalho e para reavaliar o trabalho e corrigir metas:

- a. Internação ou prisão do usuário;
- b. Suicídio ou tentativa de suicídio;
- c. Agressão física no ambiente do CAPS;
- d. Sumiço ou desaparecimento do usuário;
- e. Necessidade de contenção mecânica do usuário;
- f. Uso de medicação se necessário, no CAPS, à noite e no final de semana.

O serviço de saúde mental 24 horas do Itaim Bibi organiza estes trabalhos para afirmar os direitos de cidadania das pessoas, com vistas à inclusão sócio-cultural dos sujeitos e dos grupos sob sua responsabilidade, coordenadas por trabalhadores da equipe multidisciplinar ou por meio das parcerias construídas com outras entidades, instituições ou serviços.

Nesse cenário complexo, uma atividade caracterizou a iniciativa do serviço, ainda com a estrutura do CAPS II, de construir a Rede e explorar os recursos territoriais, foi o que se chamou Tardes Culturais.

Os encontros produziram o Grupo Cultural Cordão Carnavalesco Bibitantã, parceria do Centro de Atenção Psicossocial Adulto Itaim Bibi, Centro de Atenção Psicossocial Adulto Butantã, Centro de Convivência e Cooperativa Parque Previdência, Unidade Básica de Saúde Jardim Boa Vista, Centro de Atenção Psicossocial Adulto Lapa, a ONG Sambatá – que trabalha com samba e cidadania – e o Grupo Kolombolo dia Piratinga – grupo de resistência cultural e resgate do samba paulista (Gebrim, 2004).

Esta iniciativa tem por finalidade a inclusão sócio-cultural, a ampliação da autonomia e o exercício da cidadania da população envolvida, junto à comunidade, através de espaços de criação e expressão cultural. O Cordão Bibitantã trabalha a *diversidade* como possibilitadora da criatividade e beleza estética, e possibilita a todos os participantes e ao público em geral, vivências de alegria e de trocas, por meio da manifestação da cultura popular e do fazer coletivo (Gebrim, 2004).

O Grupo Cultural Cordão Carnavalesco Bibitantã¹³ foi criado em 13 de janeiro de 2006, como uma parceria entre serviços de saúde e grupos ligados à cultura popular, com apoio de universidades públicas, tendo como eixo a reprodução e a produção da cultura popular brasileira tradicional com foco no Carnaval de cordões e nas Festas Juninas.

¹³Mais dados sobre o Cordão, ver: Santos IMM. A interface da cultura e saúde: o desafio para os CAPS. Dissertação. Escola de Enfermagem da USP, 2009.

A experiência em torno do campo da cultura, o acesso e a circulação por territórios antes não explorados, provocou e possibilitou a emergência da *necessidade* de produção e reprodução social dos usuários, e a resposta que se agenciou foi o projeto de geração de vida, trabalho e renda O Bar Bibitantã.

b. O Bar Bibitantã dialoga com as políticas públicas

O Bar Bibitantã promove inclusão social de usuários da rede de atenção à saúde mental da Coordenadoria Regional de Saúde da Região Centro-Oeste da Secretaria de Saúde do Município de São Paulo (Centro de Atenção Psicossocial Adulto Itaim Bibi e Butantã) por meio da inserção no trabalho, na perspectiva da Economia Solidária.

Desde sua inauguração opera com o pressuposto do *trabalho como direito*, um instrumento de inclusão da pessoa no mundo das contratualidades sociais e diverge da concepção de trabalho como forma de adaptação social.

É fruto da Cooperação Técnica, Didática e Científica entre o Centro de Atenção Psicossocial Itaim Bibi da Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura do Município de São Paulo, a Área Temática de Enfermagem em Saúde Mental do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, Associação Franco Basaglia¹⁴ e Associação Vida em Ação¹⁵.

A parceria foi construída por apostarem nos pressupostos da Reforma Psiquiátrica, com o intuito de transformar o campo teórico e prático para a produção concreta de

¹⁴No processo da Reforma Psiquiátrica as associações de usuários e familiares vêm desempenhando um papel fundamental e a Associação Franco Basaglia foi a primeira nesse campo. A Associação Franco Basaglia, AFB, foi fundada em abril de 1989, na cidade de São Paulo. A parceria possibilitou de maneira rápida o início das atividades d'O Bar Bibitantã.

¹⁵A Associação foi fundada em 2004 dentro do campo do Movimento da Luta Antimanicomial e desde então vêm realizando eventos sócio-culturais organizados coletivamente pela equipe de trabalho composta por profissionais e usuários de serviços de saúde mental, estudantes de graduação e pós-graduação das diversas áreas de conhecimento no campo da saúde e demais colaboradores. A Associação Vida em Ação tem como missão promover, difundir e garantir os direitos humanos de pessoas com transtornos mentais, por meio da geração de renda e inclusão social pelo trabalho, como seu principal eixo de atuação.

possibilidades de vida e trabalho para os usuários de serviços comunitários de atenção à saúde mental, acolher e objetivar a *necessidade* destas pessoas, parte do grande contingente de trabalhadores e trabalhadoras de “segmentos sociais de baixa renda, desempregados ou em via de desemprego, trabalhadores do mercado informal, subempregados ou empobrecidos” (Singer, 2006).

As instituições de ensino, cuidados e a sociedade civil, neste cenário, possibilitam o exercício de uma atividade econômica alinhada aos pressupostos da Economia Solidária, a criação de novos conhecimentos e a busca de inovações que orientam a construção de uma história de transformações.

O Projeto é campo de formação de força de trabalho em saúde (graduandos e pós-graduandos), comprometidos com a ética do cuidado inclusivo a pessoas que vivem em desvantagem social extrema, e, também, é campo de pesquisa e investigação na área do direito sanitário, dos direitos humanos, das tecnologias em saúde mental, como atividade norteadora da organização sanitária e do cuidado nas instituições de saúde mental.

Quem é cada trabalhadora e trabalhador, as receitas das histórias de cada pessoa que compõe este coletivo, a construção da forma de organização do trabalho, a experiência de trabalhar n'O Bar Bibitantã, os ganhos materiais e imateriais dessa forma de organização do *trabalho*, a organização, são discutidos no Capítulo 4 desse estudo.

3.3 Trabalhadoras e trabalhadores d'O Bar Bibitantã: sujeitos do estudo

O coletivo d'O Bar BiBiTanTã é composto, atualmente, por 16 (dezesesseis) trabalhadoras e trabalhadores que são usuários do CAPS III Itaim Bibi e do CAPS Butantã, desses, 11 (onze) aceitaram participar do estudo.

A caracterização dos sujeitos do estudo encontra-se no Capítulo 4, O Livro das Receitas: produzir saberes e práticas que buscam construir direitos, Item 4.1, Um caldeirão repleto de histórias de vida.

3.4 Ingredientes: fontes, procedimentos, instrumento de coleta e de análise dos dados empíricos.

Após o exame de qualificação, o Projeto de Pesquisa foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Secretaria Municipal de Saúde (SMS) de São Paulo, onde obteve aprovação (Anexo 1).

Já em posse da aprovação para realização do estudo pelo CEP da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, contatou-se o gestor do serviço para autorização da realização da pesquisa.

O projeto foi apresentado aos trabalhadores d'O Bar Bibitantã e todos foram convidados a participar do estudo. Os 11 (onze) trabalhadores que aceitaram e se organizaram para participar do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, seguindo todos os procedimentos éticos de uma pesquisa com seres humanos (Anexo 2).

Foram três as *fontes dos dados empíricos*, ingredientes do Livro das Receitas:

As *fontes documentais* são o Livro de Atas d'O Bar Bibitantã e o Livro Caixa, documentos institucionais sistematizados ao longo dos últimos quatro anos, período que vai da concepção do empreendimento econômico solidário em abril de 2006 a dezembro de 2009.

A *fonte da observação participante* da pesquisadora, o diário de bordo construído ao longo do mesmo período, como aluna de graduação e pós-graduação da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

E as *Oficinas de Trabalho*, que foram realizadas em 20 de setembro de 2009, 14, 21 e 29 de janeiro de 2010.

A justificativa para a escolha do procedimento metodológico da Oficina de Trabalho como instrumento de sistematização coletiva do impacto do trabalho n'O Bar BiBiTanTã por seus trabalhadores dá-se em função da característica peculiar da forma de realização do estudo, uma vez que o cenário é também o campo de execução de um projeto de extensão universitária e de um Projeto de Pesquisa financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico, o CNPq.

Isto porque a Oficina de Trabalho reconhece a prática e o saber dos sujeitos do estudo que compartilham a construção do empreendimento econômico solidário no campo da saúde mental como um processo epistemológico que não romperia a barreira da reprodução alienada, se não fosse realizado coletivamente, numa ação integradora de refletir sobre o *saber-fazer* e apropriar-se dele (Fonseca, 1996).

Assim,

enquanto opção metodológica para a pesquisa, as Oficinas de Trabalho constituem uma relação processual entre pesquisadores e pesquisados que leva, ao mesmo tempo, à coleta dos dados referentes às concepções iniciais dos pesquisados a respeito do tema e ao seu aprofundamento, em momentos posteriores, quando são introduzidas, pelos pesquisadores-coordenadores, questões verticalizadoras sobre os temas [...] numa segunda dimensão, propicia a reflexão imediata do grupo a respeito das contradições detectadas nos temas e sub-temas, constituindo um espaço que é também pedagógico, que tem como base a visibilidade do pesquisado como sujeito social, respeitando suas concepções [...] ao abrir mão de juízos de valores e levar os pesquisados à superação das contradições, cria-se um ambiente propício para a ampliação da consciência crítica, direito inalienável de todo cidadão ou cidadã (Fonseca, 1996, Aranha e Silva, 2003).

Além disso, a Oficina de Trabalho, operando técnicas facilitadoras para a reflexão e expressão, através do uso da palavra escrita ou falada, favorece a constituição de um campo de confiança, elemento fundamental, tanto para a fidedignidade dos dados coletados como para a abordagem educativa que sucede a coleta dos dados.

Uma aquisição em particular é ressaltada ao final do processo, pois supera a função pedagógica e terapêutica, cunhando o seu caráter emancipatório, uma vez que o conhecimento decodificado fornece ao pesquisador e ao pesquisado os elementos essenciais para maior compreensão da realidade. Por isso, trabalha-se sempre vinculando os temas às vivências dos participantes sejam como atores, sejam como próximos aos atores dos diferentes fenômenos, permitindo mais que uma reflexão sobre o tema, uma reflexão sobre a vida (Fonseca, 1996).

A *Oficina I* foi desenvolvida a partir da seguinte estratégia metodológica:

- Cada participante escolheu uma receita (receita ou evento, pois são produtos do trabalho do grupo, portanto, um instrumento de reflexão sobre a *organização do trabalho*), na forma de uma apresentação, para dizer quem é, de onde veio, um pouco da sua história e como chegou a'O Bar (Anexo 3);

A receita ou o evento realizado pel'O Bar deveria traduzir o significado do *trabalho* naquele momento. Nesse processo foi possível observar e analisar as diversas formas de inserção no projeto, tempos, saberes e lugares distintos ocupados por cada um (Anexo 4).

O objetivo dessa *Oficina* foi preparar o Grupo para os demais momentos da sistematização coletiva e buscou o fortalecimento das relações interpessoais, do campo de confiança interpessoal, de pertencimento, das diferenças e a reflexão sobre a experiência individual de trabalhar n'O Bar.

Na *Oficina II*, para fortalecer o coletivo na discussão e apropriação do *significado do trabalho*, optou-se pela utilização do "Instrumento para captar o impacto do trabalho cotidiano na vida dos trabalhadores de um Empreendimento Econômico Solidário no campo da Saúde Mental" (Anexo 5), construído e validado no decorrer do ano de 2009, por uma aluna de Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, como bolsista de Iniciação Científica do CNPq.

Nessas Oficinas priorizou-se a produção e difusão das receitas de vida destas trabalhadoras e trabalhadores, histórias recheadas de muito sofrimento, força, desafios, angústias, exclusão, ingredientes que compõem a vida de pessoas com experiência de sofrimento psíquico (Anexo 6).

A *Oficina II* aconteceu durante três reuniões d'O Bar no mês de janeiro de 2010, período de diminuição das propostas de trabalho, eventos, portanto, bom momento para compartilhar as experiências e fortalecer a elaboração coletiva dos caminhos e dificuldades enfrentados e a serem enfrentados para a consolidação desse empreendimento econômico solidário.

A análise e o processo de problematização, reflexão e síntese da trajetória organizativa e operativa d'O Bar, por meio do Livro de Atas e do Livro Caixa, do Diário de Bordo e das Oficinas de Trabalho, dialogando com os princípios da Economia Solidária (cooperação, autogestão, atividade econômica e solidariedade), possibilitou descrever a construção e o percurso do EES, entendendo que o diálogo que existe com cada princípio não se identifica necessariamente com uma cronologia real, linear, objetiva e acabada.

4. O Livro das Receitas: produzir saberes e práticas que buscam
construir direitos

Na perspectiva da Economia Solidária, O Bar Bibitantã se configura como uma organização coletiva e solidária de produção, comercialização e prestação de serviços, na qual, “o trabalho não é concebido como simples resposta à necessidade, mas como espaço de produção de sentido, de valores subjetivos e de troca” (Saraceno, 1999).

A alquimia produzida pel’O Bar Bibitantã começa com a intencionalidade de mapear as *potências individuais e coletivas* das pessoas que se interessaram em compor o grupo de trabalho, o que configura uma ruptura com o paradigma psiquiátrico da busca pelos sintomas de incapacidade para a vida em relação, para o trabalho, de irresponsabilidade e periculosidade (Nicácio, 1994).

Essa fase inicial do processo de construção do EES, ou seja, a formação de um coletivo que compartilha interesses, vontades, disponibilidades, necessidades e saberes para cooperar com a organização do trabalho e desenvolver as atividades econômicas d’O Bar Bibitantã configurou uma nova história, cujo horizonte é autonomia social, econômica e cultural das pessoas. E, depois que se forma o grupo inicial, as trabalhadoras e trabalhadores que se agregam ao grupo, o fazem facilmente, num ambiente acolhedor, pleno de contradições, mas acolhedor.

Quando o EES começou a ganhar visibilidade, o entorno institucional (de todos os atores: serviço, universidade, parceiros, gestão pública) passou a observá-lo mais de perto, começaram surgir interesses pelo projeto, propostas de novas participações e incentivos e também obstáculos administrativos.

A *atividade econômica* d’O Bar é produção e prestação de serviços, no ramo da produção de alimentos e bebidas (Ministério do Trabalho e Emprego, Atlas, 2006). O Bar realiza aniversários, noivados, batizados, festas, almoços, confraternizações, café da manhã, chás da tarde, atividades culturais, encontros científicos e sociais, sempre privilegiando a culinária brasileira como um valor cultural intrínseco à cidadania.

Funcionando há quatro anos, O Bar se destaca com um elenco expressivo de serviços contratados para realização de Eventos (Anexo 7) e prestação de serviços na forma de trabalho cotidiano (Anexo 8).

Por sua natureza solidária, pela qualidade, elegância e eficiência dos serviços prestados, a finalidade é potencializar estratégias de circulação desta população por espaços sociais que lhes permitam ampliar a autonomia e melhorar as condições concretas de vida; interferir na percepção que têm do seu próprio lugar social e na concepção preconceituosa e estigmatizante que o coletivo social tem sobre a loucura (Ballan, Aranha e Silva, 2007).

Novas histórias já fazem parte desse EES.

A *atividade econômica* desenvolvida concomitante às ações práticas de formação sobre Economia Solidária, sobre a forma de organização do trabalho coletivo (como Feiras e Eventos em parcerias com outros empreendimentos da Rede de Saúde Mental e Economia Solidária¹⁶), histórias plenas de transformações, tornam-se *parte constitutiva das ações de inserção social*, econômica e cultural das trabalhadoras e trabalhadores.

Intencionalmente, com pratos cada vez mais personalizados, menus criativos e requintados e também temáticos, receitas artesanais e de diferentes sabores, O Bar BiBiTanTã transforma um evento numa ocasião especial para o cliente e seus convidados, e o poder público é um cliente preferencial. Ao sofisticar os produtos, os trabalhadores também sofisticam seus repertórios e suas necessidades (Marx, 1985), assim a “qualidade do produto qualifica a auto-estima do produtor” (Saraceno, 1999). Este é o desenho sofisticado, uma sinergia de forças humanas, físicas e afetivas, que traduz o que é O Bar Bibitantã.

Daqui para diante se discutirá e analisará, por meio das receitas das trabalhadoras e trabalhadores, como se construiu esse *coletivo solidário*, como se deu a escolha da atividade econômica e como a organização do trabalho no interior desse EES repercute nas suas vidas.

¹⁶ Disponível em: <http://saudeecosol.wordpress.com/> Acesso em 30.03.2010

4.1 Um caldeirão repleto de histórias de vida

Nesse Capítulo as trabalhadoras e os trabalhadores d'O Bar Bibitantã se apresentam para si e para os outros, narram suas histórias de vida, suas experiências singulares, e ao fazê-lo se fazem conhecer ao outro e se reconhecem e resignificam o sentido da experiência do trabalho no mundo capitalista (ou ausência dela).

Ao falar das suas *histórias de vida* compõem de forma particularizada a história de um coletivo historicamente sujeitado por um saber objetificante, coisificante, que não exprime de forma nem próxima a riqueza de suas vivências, de seus conflitos e de suas superações.

Ao dizerem suas histórias negam sua objetivação pela ciência positivista, codificada, diagnóstica, e se apresentam como sujeitos complexos, capazes de provocar dúvidas, que podem alavancar a necessária e ininterrupta revisão e superação dessa posição.

Guilherme tem 40 anos, (18/03/1969), estudou o 2º Grau completo. Identifica-se como auxiliar de escritório e sua única renda é proveniente d'O Bar Bibitantã.

Nasceu em São Paulo e vive no Jardim Umarizal, com a mãe, uma sobrinha e um sobrinho neto num apartamento emprestado pela irmã. Faz alianças no núcleo familiar com a irmã e irmão e diz que não tem outros conflitos familiares.

Sua trajetória no campo do trabalho iniciou aos 15 anos, quando começou a trabalhar no comércio do pai numa das cinco lanchonetes de sua propriedade. Ajudava no balcão, a servir, atender os clientes. Quando tinha 20 anos o pai vendeu a lanchonete.

Conta que começou a ficar doente aos 21 anos, quando estava terminando o 3º Colegial, em 1990.

Sente que é algo que tinha que passar para ver a vida de outro jeito e nomeia seu problema de saúde como depressão ou esquizofrenia, que é como o médico chama.

Fala dessa experiência como um momento que deu um branco, o que não permitiu que acabasse a escola naquele mesmo ano. Terminou no ano seguinte e começou o tratamento no Ambulatório da Lapa, onde ficou até 1994.

No mesmo ano foi trabalhar na linha de produção de perfumes de uma empresa de cosméticos, sem registro, mas com regularidade, durante 03 anos (1994-6). No início de 1997 perdeu o irmão mais velho que sofreu um infarto, e a partir disso, o trabalho começou a ficar irregular e logo após se afastou. Aproximadamente em 1999/2000 começou a fazer bicos com o cunhado, com transporte de mudança, conta que foi durante um ano e pouco. Em 2003 começou o tratamento no CAPS Butantã.

Maria Alice, com 57 anos, (09/04/1952), tem ensino superior completo pela Universidade Aberta da Terceira Idade. Identifica-se como bancária e tem uma pensão vitalícia de R\$ 1.500,00.

Nasceu em São Paulo e vive no Jardim Prudência numa casa alugada com uma irmã e uma sobrinha. Faz aliança com uma tia paterna, de 87 anos e uma prima de 66 anos. Tem conflitos familiares com a irmã mais velha e com um tio materno de 97 anos.

Iniciou sua trajetória no campo do trabalho como vendedora de uma empresa de cosméticos, na banca de jornal do pai e numa loja de roupas dos 18 aos 28 anos, por pequenos períodos.

Fez curso de atendente de enfermagem em os anos de 1976 a 1977, e de programador numa empresa de processamento de dados em 1978.

Bancária aos 28 anos, em 1980 trabalhou durante sete meses. Está de licença médica desde 1980 e não recebe o benefício porque não completou um ano de contribuição. Não se aposentou porque perderia a pensão do pai.

No cargo de escriturária B, de um banco privado em São Bernardo do Campo, se afastou das atividades por problema de assédio moral. Afirmo que colocaram dinheiro na sua bolsa para a comprometer moralmente. Diz que isso foi uma brincadeira, não acontecia só com ela, era um ambiente muito difícil. Avalia que faziam isso porque estava evoluindo muito rápido. Depois disso ficou sem cabeça para nada, ficou desanimada, sem memória. Procurou uma clínica para se internar, era já a terceira internação.

Em 1982 trabalhou de atendente de enfermagem num hospital privado no Ipiranga, durante um mês no esquema 12/36. Interrompeu o tratamento durante este mês e saiu do trabalho para retornar ao tratamento.

Voltou a trabalhar como vendedora de livros, cosméticos, artesanato de tricô e crochê que produzia para as pessoas conhecidas (1982 a 1995) e assim continuava o tratamento com medicação e terapia. Nomeia sua experiência como angústia, sofrimento psíquico, ansiedade.

Em setembro de 1995 morreu o pai e, em janeiro de 1996, a mãe. Entre 1996 e 2000 fez parte da Pastoral da Criança como voluntária e recebeu capacitação para líder comunitária, passando a fazer recepção dos atendimentos.

Em 2000 procurou uma clínica para idosos. Queria ficar um mês, mas permaneceu por 05 anos. A irmã “simplesmente” não ia buscá-la, dizendo que era “melhor ficar um pouquinho mais”. A clínica era paga com o dinheiro da sua pensão, e foi necessário dar uma procuração para a irmã. Quando os custos começaram ficar muito altos a irmã resolveu tirá-la e levá-la para morar com ela, em 2005, quando iniciou o tratamento no CAPS Itaim Bibi.

Entre 2008 e 2009 foi Coordenadora da Paróquia Santa Catarina pela Pastoral da Criança, realizando registro de dados das consultas.

Helena, 45 anos, estudou o ensino fundamental completo. Apresenta-se como empregada doméstica e sua renda advém de Aposentadoria por invalidez, R\$ 475,00 e d'O Bar.

Nasceu em Recife e vive no Paraísoópolis. Vive na casa da mãe com sua filha. Pode contar com a irmã no núcleo familiar e tem importantes conflitos com a mãe.

A trajetória no campo do trabalho iniciou quando chegou a São Paulo com 18 anos, com a mãe e irmão. Conheceu um homem, um vizinho, no bairro onde vive até hoje. Ele indicou para ela trabalhar em uma fábrica de tapetes entre os anos de 1982 a 1984. Trabalhou sem registro, fazia tapete das 08 às 16 horas. A empresa pagava só o transporte e não tinha comida. Preparava a tela manualmente, tecia a partir da tela da desenhista com mais 05 pessoas que demoravam 15 dias para fazer um tapete. A firma faliu.

Durante o ano de 1985 trabalhou em uma creche, na limpeza, lavanderia, cozinha, levava as crianças na escola, ia buscar. Acordava às 05 horas da manhã para dar banho nas crianças. Eram 04 pessoas para 40 crianças. Conta que morava lá, só ia para casa de final de semana. Neste trabalho era registrada, tinha direitos trabalhistas. A Creche era ligada a um Centro Espírita.

De 1986 a 1988 trabalhou em uma casa de uma família americana, morava lá, sem registro, limpava, lavava, passava, arrumava, lá aprendeu mexer na máquina de lavar roupa.

Em 1988 engravidou e parou de trabalhar.

Quando a filha nasceu, sua mãe tomou conta do nenê e Helena tentou voltar ao trabalho de diarista numa mansão no Morumbi. Diz que trabalhou um dia, mas “a mulher escravizava demais e eu fui embora”.

Depois de um tempo foi trabalhar numa chapelaria, à noite, sem registro. Saía da chapelaria de madrugada e encontrava pessoas na rua, saiu de lá por ficar com medo de andar na rua pela madrugada, trabalhou dois anos. Depois foi trabalhar de doméstica, avalia que era bom, nem via a patroa, ela não reclamava. Saiu porque eles foram embora para os EUA.

Ficou parada por um tempo.

Aos 38 anos foi para o Hospital Campo Limpo. Com relação à sua experiência de sofrimento psíquico, diz que um dia dormiu, acordou e não sabia mais quando era, deu branco. Acha que é algo que tinha que acontecer mesmo. Na família tem muitos casos, quase toda a família toma remédio controlado. Só queria beber leite, até que estourou. As vozes a mandavam tirar a roupa. Foi internada num hospital privado conveniado por um mês e depois iniciou o tratamento no CAPS Itaim, em 2007.

Rodrigo, 45 anos, (24/05/1964), estudou até o Segundo Grau. É Técnico de Publicidade e tem uma renda de aposentadoria de R\$ 1.000,00, mesada do pai de 01 salário mínimo e d'O Bar Bibitantã.

Nasceu em São Paulo e vive no bairro dos Jardins. Vive na casa de um tio paterno com a mãe e um tio materno e não pagam aluguel. Faz alianças no núcleo familiar com a mãe, tio, avó e irmão mais velho. Tem conflitos no núcleo familiar com uma tia materna.

Em 1985, quando tinha 19 anos, a trajetória no campo do trabalho iniciou-se quando foi trabalhar em uma editora. Foi auxiliar de escritório durante três anos com registro, saiu porque a empresa faliu. Em 1989 trabalhou em uma construtora em Campinas, no departamento de vendas, com registro, foi vendedor durante sete anos, foi mandado embora devido corte de funcionários.

Em 1996 trabalhou em uma boate de um primo, de promotor, com registro, no período da noite, durante dois anos. Após sair da boate voltou para São Paulo, ficou sem trabalho e foi morar com a mãe e tio.

Em 1998 trabalhou em uma construtora, no setor de processamento de dados, com registro, como auxiliar de escritório durante três anos, saiu devido corte de funcionário.

Fala que as crises se iniciaram em 2000, aos 35 anos, com perseguição, falava alto. Entre 2000 e 2007 fez tratamento particular e iniciou o uso de medicações. Ficou internado em Itapira entre 2002 e 2003 e em Embu, entre 2005 e 2006. Iniciou o tratamento no CAPS Itaim Bibi em 2007.

Não trabalhou mais com registro. Entre 2007 e 2008 fez bicos na TV Bandeirantes, sem registro, com contrato temporário.

Júlia, 54 anos, (07/09/1955), tem 2º Grau completo. É auxiliar de escritório e tem rendas advindas d'O Bar Bibitã e de ajuda da filha.

Nasceu em Recife e vive na cidade de Taboão da Serra, em casa própria, com a filha, com quem faz as alianças familiares. Não tem conflitos no núcleo familiar.

Em Recife, presenciou o assassinato da mãe quando tinha sete meses.

Uma mulher a trouxe para São Paulo e foi criada com irmãos da família do Circo Garcia, assim se inicia sua trajetória no campo do trabalho. Trabalhava na casa, mas não a deixavam estudar. Com 15 anos fugiu de lá porque se sentia escrava, juntou dinheiro e alugou um quarto.

Em 1970, quando tinha 15 anos, após fugir da casa em que trabalhava e morava foi trabalhar na casa de uma família em São Paulo, com registro. Durante 11 anos trabalhou para esta família, fazia tudo, lavava, passava, cozinhava, era dama de companhia para a patroa, morava lá. Casou e saiu. É separada há 16 anos. O ex-marido mora numa casa no mesmo quintal com outra mulher.

Com 27 anos teve o 1º filho. Nesta época vendia vidro e pano de prato em feiras. Quando teve o filho parou de ir às feiras. Teve mais uma filha. Após o nascimento da filha saiu para procurar trabalho, foi bater em um prédio para perguntar se o porteiro conhecia alguém que precisava de empregada, começou a passar roupa, passou a trabalhar em várias casas no prédio. Com um casal de moradores, para quem começou a passar roupas, criou um vínculo forte e foi trabalhar no escritório do marido da

patroa. Trabalhou para eles 19 anos, fazia tudo, de escritório até comida, limpeza. Passou a ser quase da família.

Durante um tempo começou a ficar diferente, quieta, calada, isolada, perseguida, vigiada, escutando tiros, pessoas querendo matá-la, achava que sabia demais, sem comer, no escuro. Foi afastada do trabalho. Um dia acordou no hospital da Lapa e chegou ao CAPS Itaim em 2006.

Ruth, 50 anos, (23/08/1959), estudou até a 5ª Série. É manicure e sua renda vem exclusivamente d'O Bar Bibitantã atualmente.

Nasceu em Recife e vive atualmente em São Paulo, num albergue em Pinheiros, junto com outras 40 mulheres. Vive sozinha, sem família. Diz que atualmente vive com O Bar e o CAPS Itaim. Tem 10 irmãos, é a penúltima filha, não tem contato com nenhum desde os seis anos, portanto diz que não tem conflitos familiares.

Sua trajetória no campo do trabalho começou com seis anos de idade, quando foi abandonada pela mãe no mercado municipal de uma cidade do interior de um Estado do Nordeste. Conta que uma moça a pegou e a levou para morar com ela. Lá cozinhava, lavava roupas, cultivava fumo. Morou com essa mulher que a fazia de escrava até os 15 anos (trabalho infantil), sem ganhar nada.

Com 15 anos aumentou a idade no RG para poder ficar livre. Na verdade tem 44 anos.

Saiu da cidade de origem e foi para uma outra, onde trabalhou na casa do prefeito (trabalho escravo também). Com 16 anos saiu da casa do prefeito, onde trabalhava por mais de 12 horas por dia.

Trabalhou de graça, não ficou por lá mais de dois anos. Saiu à noite sem paradeiro, foi trabalhar na casa de uma mulher que lhe pagava 100 cruzeiros (na época).

Foi para Maceió trabalhar como manicure, começou a morar na pensão e pagava 20 cruzeiros por mês. Sofreu um estupro com 18 anos quando saiu tarde da noite do trabalho. Foi para o Rio de Janeiro junto com um senhor, com quem morou, trabalhando como cuidadora de uma senhora de idade.

Voltou para o Nordeste e conheceu o pai dos seus filhos. Vieram para São Paulo, sempre trabalhando como manicure, moraram na Estrada Velha de Santos numa casa que a irmã do prefeito deu e onde

ele morreu em 14/02/2000. Era alcoólatra. Um filho morreu em 21/02/2000 com três meses porque nasceu prematuro.

Quando ficou viúva os traficantes invadiram sua casa. Após este acontecimento, os três filhos do primeiro marido: A, de 1994; B, de 1996; J, de 1999 passaram a morar num abrigo público. A filha V, de 2003, mora com o pai em São Bernardo do Campo.

O pessoal da Fundação Criança a encaminhou para um albergue público. Foi quando começou ficar agressiva e foi encaminhada para o CAPS Itaim.

Matilde, 37 anos, (31/08/1972), estudou até a 4ª Série. Apresenta-se como faxineira e sua renda vem de benefício (LOAS) e d'O Bar Bibitantã, cerca de R\$ 1.000,00 por mês.

Nasceu em São Paulo, vive sozinha na Vila Olímpia, na Favela da Funchal, numa casa própria, um barraco. É a 3ª filha do núcleo familiar e afirma “que ninguém me ajuda eu que ajudo eles”. Tem conflitos com a irmã mais velha, a 2ª filha.

Começou sua trajetória no campo do trabalho como de faxineira aos 15 anos, em 1996, na firma onde a mãe era encarregada. Era registrada mesmo sendo menor de idade. Estudava de manhã e trabalhava a noite. Trabalhou durante dois anos, com registro.

Depois trabalhou em outra empresa, também como faxineira, onde limpava mesas, passava aspirador, limpava banheiro e tirava lixo. Dois anos, com registro.

Nasceu a primeira filha e depois da licença maternidade trabalhou mais um tempo e foi demitida, mas não sabe dizer por quê. Em outra empresa trabalhou um ano e meio com registro (faxineira e copeira).

Nasceu a segunda filha.

Saiu desta empresa com mais ou menos 21 anos. Com a morte da mãe caiu em depressão. Ficou um ano sem sair de casa, no escuro, jogava as roupas fora, via bichos na comida, com medo das pessoas. A mãe já tinha morrido há algum tempo, diz que não conheceu as meninas. Parece que ficou doente por muitos anos e nem se deu conta. Cerca de dez anos.

Teve o terceiro filho com 31 anos, e lembra-se que tomou uma surra do irmão de facão. Ficou “um palito de fósforo, um zumbi”. A irmã só dava comida, e tinha alucinações visuais e sinestésicas.

O pai morreu em 2001.

Em 2005 compareceu ao CAPS Itaim com a irmã mais velha e uma conselheira do Conselho Tutelar, que mobilizou a família para o tratamento.

Maria, 49 anos, (14/09/1960), estudou até a 6ª Série. É auxiliar de limpeza e tem renda do auxílio doença e d'O Bar Bibitantã.

Nasceu em Cícero Dantas, no Estado da Bahia. Vive no Capão Redondo, em casa de aluguel, com dois quartos e um banheiro, com duas filhas, uma neta e um genro. Faz alianças no núcleo familiar com duas filhas e tem conflitos com o ex-marido.

A trajetória no campo do trabalho é algo presente desde pequena em sua vida, vendia comida em barracas com a mãe na Bahia.

Casou-se na Bahia, em fevereiro de 1978. Chegou em São Paulo em maio de 1978. Passou um tempo sem trabalhar porque o marido não queria. Tem três filhas, nascidas em 1978, 1980 e em 1985. Passou um tempo indo e vindo da Bahia, sempre trabalhando com comida, vendendo o que produzia, e encomendas.

Em 1991, com 31 anos, começou a trabalhar numa lavanderia como faxineira por 9 horas ao dia, com almoço, com registro. Vendia salgados na lavanderia e durante os primeiros três meses de trabalho o marido parou de falar com ela. Trabalhou durante dez meses.

Em 1992 voltou para a Bahia e lá ficou por 03 a 04 anos, vendendo bolo na porta de casa e do colégio. Voltou para São Paulo em 1995, sempre vendendo comida.

Um amigo do irmão a chamou para trabalhar numa casa de família, em Piraporinha, durante 10 meses sem registro (10 às 23hs) e o marido continuava querendo ela não trabalhasse. Voltou a vender comida, encomendas e trabalhar em casa de família sem registro.

Posteriormente trabalhou em firmas de limpeza, com registro, 7 horas por dia, mas pediu para ser mandada embora e voltou para as encomendas de comida.

Trabalhou como auxiliar de costura quando as filhas começaram a trabalhar.

Em 1998 teve três abortos espontâneos.

Foi chamada por uma amiga para tentar uma vaga numa empresa, mas não aceitou o trabalho porque era à noite no centro da cidade. Neste episódio, o marido quase bateu nela porque ela não aceitou o trabalho.

Tentou vaga de novo como folguista na antiga empresa e depois num escritório terceirizado, com registro, durante dois anos e sete meses, continuou fazendo encomendas de bolos, docinhos e salgados. Entre 2000 e 2001 organizou festas e, sem dinheiro, começou a vender cachorro quente, mas não deu certo. Em 2002 trabalhou em casa de família sem registro, durante cinco meses. Conseguiu um emprego novamente, como folguista na antiga empresa e foi efetivada durante seis meses. Começou a ver câmeras, sentir-se perseguida, jogava lixo no chão, xingava as pessoas, só queria dormir, nem lembra o que falava.

Chegou no CAPS Itaim em 2004, encaminhada pela UBS Magaldi, porque a mãe veio Bahia para isso. Pegou um atestado de 16 dias e entrou na Caixa.

Filippo, 33 anos, (28/04/1976), estudou o 2º Grau completo. Identifica-se como autônomo (trabalho no bufê O Bar, pintura e aluguéis) e sua renda vem de aluguéis e d'O Bar Bibitantã.

Nasceu em São Paulo, vive sozinho em Pinheiros, em casa própria. Não faz alianças com ninguém da família e tem conflito no núcleo familiar com cinco primos paternos, com a vizinha, com duas amantes do pai e com os irmãos por parte de pai.

Desde criança sempre queria experimentar tudo. Sua trajetória no campo do trabalho inicia-se quando trabalhou durante um mês, ainda menor de idade, numa empresa que fazia maquetes de avião e helicóptero.

Durante muito tempo, até a morte do pai em 94, trabalhou junto com ele nos bares de sua propriedade em Pinheiros e Santo Amaro, no caixa, no balcão e nas compras.

Com a morte do pai os primos tomaram conta dos estabelecimentos. Ele e a mãe viviam de aluguéis.

Nunca mais procurou trabalho e cuidou da mãe desde pequeno até a morte dela.

Depois da morte do pai os conflitos ficaram maiores, o pai sempre bateu na mãe quando ela tinha crises. Diz “parece que eu reproduzia o que ele fazia”.

As crises da mãe aconteciam desde que ele era pequeno, que o fazia armar barracos na escola, que o encaminhava para a psicologia, onde fez poucos atendimentos e parou. Viveram só os dois sem nenhuma atividade, durante 18 anos. Neste tempo era a mãe quem recebia os aluguéis, fazia mercado. Ele não saía de casa, não tinha vida social.

Aos 21 anos foi internado durante um mês num hospital público, por conflitos com a mãe. A vizinha chamava a polícia que o encaminhou para a internação. Em 1999, com 23 anos foi encaminhado para tratamento numa UBS, ficou pouco tempo, foi encaminhado para outro posto e não foi mais. Aos 25 anos foi levado ao PS da Lapa, mas os psiquiatras não o internaram, falaram que não caso para internação.

Em 2003 uma crise da mãe a fez se internar no HC, sempre machucada pelo filho. Do HC a mãe foi encaminhada para um hospital privado onde ficou por três meses recebendo tratamento de eletroconvulsoterapia. A mãe voltou para cãs a muito debilitada, fraca, caindo, demandando muitos cuidados, o que ultrapassava todos os limites de Filippo.

Não demorou muito sua mãe faleceu.

Depois disso toma iniciativa de ligar no HD Lapa que havia se tornado CAPS Infantil que o encaminharam para o CAPS Itaim Bibi em 2004, quando começa seu tratamento.

Pedro tem 37 anos, (12/06/1972), estudou até a 7ª série do ensino fundamental. Identifica-se como técnico mecânico com renda proveniente de benefício (LOAS) e d'O Bar Bibitãtã.

Nasceu em São Paulo, vive com a mãe, uma irmã e um irmão, em casa própria. Faz alianças no núcleo familiar com a mãe e um primo e tem conflitos com um irmão.

Sua trajetória no campo do trabalho tem início como office-boy, com registro em carteira, por cerca de um ano e meio, quando tinha aproximadamente 14 anos de idade.

Aos 16 anos trabalhou na mesma função, com registro, em outra empresa, durante um ano e meio e saiu por causa da fase do Exército. Nesta fase começou trabalhar com o pai como funileiro, por mais ou menos 01 ano.

Não se lembra da morte do pai. Acha que foi quando tinha mais ou menos 17 anos. Ninguém contou da doença do pai (câncer). Todo mundo sabia. Depois da morte do pai ficou sabendo que a mãe estava namorando. Não aceitava e isso foi uma bomba.

Depois de trabalhar como ajudante de mecânico, com aproximadamente 18 anos de idade, foi trabalhar numa oficina de carros importados, com registro e lá ficou durante 09 meses, quando foi dispensado não sabe dizer por quê. Também como auxiliar de mecânico foi trabalhar em outra oficina, sem registro, e fica lá durante 01 ano e 07 meses.

Começou uma sequência de trabalhos como mecânico em oficinas de carros importados, com registro, durante cerca de quatro anos e meio. Ficou um bom tempo desempregado.

Voltou a trabalhar como mecânico, com registro, em 2002, mas trabalhou somente os 03 meses de experiência e foi demitido porque houve uma confusão com um colega e acabou entregando o chefe que tinha comportamento arrogante e bebia em horário de serviço.

Ficou desempregado novamente.

Antes a família já o tratava como louco. Neste período a família o colocou em uma casa de recuperação e ele fugiu. A primeira crise aconteceu em 2004, quando foi obrigado a se separar do convívio da filha, porque a família ficava querendo mandar em tudo. Diz que subiu muita coisa para cabeça (família, filha e emprego). Nesta época, ficou internado mais ou menos 03 meses em Osasco. Iniciou o tratamento no CAPS em 2005.

Antonio, com 34 anos, (20/05/1975), estudou até a 5ª Série do Ensino Fundamental. Identifica-se como ajudante de cozinha e sua renda é proveniente atualmente exclusivamente d'O Bar Bibitãntã.

Nasceu em São Paulo e vive na Vila Sônia, com a esposa e uma filha, em casa de aluguel. Faz alianças no núcleo familiar com um irmão que mora no interior de São Paulo, uma irmã que mora em São Paulo e outra que mora em Minas Gerais. Não informa sobre conflitos na família.

Começou sua trajetória no campo do trabalho aos 11 anos de idade como vendedor de limão na feira. Ia sozinho porque precisava ajudar a família e dava o que ganhava para a mãe.

Aos 17 anos foi para Recife com a mãe e o irmão. Eles voltaram, mas ele ficou lá com uma tia por mais ou menos 07 anos. Dos 17 aos 24 anos trabalhou como camelô, vendedor de CDs e DVDs e em banca de comida na feira, como ajudante de cozinha.

Aos 24 anos voltou para São Paulo, depois que a tia faleceu, com 99 anos. Foi trabalhar como ajudante de cozinha, sem registro, numa lanchonete, por mais ou menos 03 anos e meio, onde lavava panelas, cortava legumes e fazia de tudo um pouco. Saiu deste emprego para procurar trabalho com registro. Nesta época foi morar com a atual mulher.

Depois disso voltou a trabalhar de camelô, vendendo Cds e Dvds no centro de São Paulo. Não tinha sócio, comprava e saía vendendo. Não tinha ponto fixo.

A primeira crise aconteceu quando ele tinha por volta de 30 anos, estava no sítio com a família, começou a chorar, ficar com medo. Voltou para a casa e não melhorou. Tentou suicídio 03 meses depois. Foi atendido na PS do Mandaqui e no PS da Lapa. Foi encaminhado para o CAPS Butantã onde se trata até hoje.

O coletivo de trabalhadoras e trabalhadores d'O Bar Bibitantã que aceitou participar do estudo é composto por 06 mulheres e 05 homens, a faixa etária está entre 33 a 57 anos, uma média de 45 anos de idade.

A metade das trabalhadoras e trabalhadores não completou o ensino fundamental e a outra metade completou o ensino médio, somente uma das trabalhadoras tem ensino superior completo, na Faculdade para a Terceira Idade.

Sobre a trajetória no mundo do trabalho, a maioria fez parte do mercado informal como trabalhadoras domésticas, vendedores e vendedoras, feirantes.

Além da renda d'O Bar, 06 (seis) trabalhadoras (es) possuem algum tipo de renda proveniente de benefícios do INSS. São 02 (duas) trabalhadoras (es) que recebem aposentadoria por invalidez, 01 (uma) tem pensão vitalícia, 02 (dois) trabalhadores recebem auxílio pela Lei Orgânica de Assistência Social, LOAS, 01 (uma) trabalhadora recebe auxílio

doença. Entre eles, 02 (duas) trabalhadoras e 02 (dois) trabalhadores têm renda exclusiva do trabalho n'O Bar e 01 (um) trabalhador tem renda de aluguel.

A análise desse caldeirão de histórias demonstra que quando são interrogados sobre a *história de vida* e de *trabalho* eles narram os acontecimentos reais de suas vidas reais, como experiências reais, sofrimentos e conquistas reais, limites e possibilidades reais.

Quando falam em doença, essa se encontra no contexto de suas vidas, de suas histórias, numa “relação dialética onde a saúde pode [possa] surgir como um momento de consciência da apropriação do corpo, e a doença uma fase da vida, uma ocasião de apropriação de si, do próprio corpo, das próprias experiências” (Basaglia, 1982).

Na perspectiva basagliana, para entender o processo saúde-doença, é preciso problematizar saúde e doença em relação ao determinado modo de produção onde esse fenômeno se apresenta, à estrutura econômica onde se inscrevem as instituições responsáveis pela atenção à saúde, ou seja, à função estratégica da instituição.

Ou, de outra forma, a análise a se fazer é se o serviço de saúde mental produz ações emancipatórias ou de dependência.

Isso porque na perspectiva do modelo econômico capitalista e, atualmente, neoliberal, a saúde é identificada, na perspectiva basagliana, como o recurso capaz de assegurar a produtividade do sistema e a doença é identificada com a incapacidade de manter o jogo produtivo. Esta posição de saúde em “positivo” e doença em “negativo” no jogo das trocas sociais é sustentada pela ideologia médica, biologicista ainda hegemônica.

Assim, no campo psiquiátrico e no campo sanitário, a doença interrompe a vida produtiva, produz exclusão e incapazes, “determina a suspensão da vida ‘normal’, isto é, da atividade, do trabalho” (Basaglia, 1982). Isso, pois saúde, no modo de produção capitalista, é

explicitamente definida em termos de participação na vida produtiva, como se houvesse uma equivalência direta, objetiva e subjetiva, entre saúde e trabalhar. Isto porque o processo saúde-doença na cultura ocidental está associado uma norma: que é a participação na vida produtiva. Tal norma se traduz numa absolutização da saúde: a norma não é a vida, mas a

saúde, constantemente minada pela doença. A doença é a suspensão da norma, que se não se traduz em saúde (eficiência, participação produtiva) fica absolutizada com a morte (Basaglia, 1982).

A visão de mundo antagonista a esta, na perspectiva da Economia Solidária e da Reforma Psiquiátrica brasileira, admite o fenômeno saúde-doença como processo, como uma oportunidade de apropriação das potências e fragilidades, como resignificação das experiências, entende que o *cuidado* e o *trabalho* são um *direito*, reconhece pessoas em desvantagem no sistema capitalista de produção como potências para trabalhar, mas também, e principalmente, para sonhar e viver.

O Bar Bibitantã é um lugar de construção e reflexão.

O Bar Bibitantã são mulheres e homens nas suas diversas potencialidades, são pessoas que “trabalham, quer dizer, atuam e pensam. Trabalham porque se tornam capazes de prever, de programar, de dar finalidades ao próprio trabalho” (Freire, 2001).

4.2 A construção de um coletivo solidário

Desde o início do trabalho n'O Bar foram garantidas reuniões semanais do grupo para construir maneiras democráticas, participativas e solidárias de organizar o trabalho e administrar o dinheiro. Essas reuniões são permeadas de interesses diferentes, portanto, diferentes formas de participação no EES. O norte da organização do trabalho sempre foi o respeito a essas diferenças como forma de potencializar as trocas de experiências e saberes.

Essa sistemática se implantou e foi se consolidando a cada novo contrato de prestação de serviço, permeada por novas expectativas, curiosidades e preparações inusitadas.

Além dos preparativos concretos para a elaboração de novos cardápios, com objetos e instrumentos de trabalho sendo agregados a cada novo evento, a necessidade de composição de um *corpus*, onde uniformes, postura, gestos, são incorporados, começam os desafios das aventuras por territórios estrangeiros, pela cidade, e O Bar se transforma num campo peripatético (Lancetti, 2006).

Peripatético porque desvenda a cidade de São Paulo, suas riquezas e suas misérias, faz interlocução com o mundo da cultura, com o mundo acadêmico, com o mundo das ruas e comércios, com as realidades onde as pessoas vivem e moram, com os mercados de coisas e de valores individuais e coletivos. Produz trocas econômicas e afetivas. Produz valor econômico e agrega significado à vida das pessoas, resultado de suas andanças pela cidade (Ballan, 2007).

Assim, O Bar Bibitantã passa a ocupar espaço na vida de quem aos poucos se envolve com ele.

O coletivo d'O Bar, considerando que cada um tem seu jeito de se relacionar com a vida social e psíquica, desenha essa forma de *organização do trabalho* que favorece a apropriação de outro lugar na vida real.

As pessoas que trabalham n'O Bar encontraram um lugar *produtivo*, aqui entendido como possibilidade de criação, reconhecimento, aprendizado. Esse foi um dos motivos agregadores para a criação desse EES:

Gosto de cozinha, do assunto, ter um bico. Acompanho as reuniões quando posso. Participo como eu sei

Porque gostei do serviço, das pessoas, do jeito de trabalhar

Porque abriu a possibilidade de produzir coisas, trabalhar

Segundo o Atlas da Economia Solidária no Brasil “os três principais motivos para a criação dos empreendimentos econômicos solidários são: alternativa ao desemprego, complemento da renda dos sócios e obtenção de maiores ganhos” (Ministério do Trabalho e Emprego, Atlas, 2006). As falas a seguir mostram que 03 trabalhadores d'O Bar o reconhecem como uma forma de trabalho alternativa ao desemprego:

Quero agradecer a oportunidade de tá no bar, porque sem isso eu estaria sem serviço até hoje

Queria trabalhar, precisava de dinheiro, para conhecer pessoas e gostei muito do projeto

Queria trabalhar, estava desempregado

E para 03 trabalhadores, o trabalho n'O Bar é um recurso para complemento de renda:

O Bar ajuda no orçamento

Porque eu não tinha nenhum benefício e trabalhando n'O Bar eu podia ajudar em casa

quando fiquei sabendo que ia ganhar dinheiro foi melhor ainda, porque assim tá me ajudando até hoje nas despesas em casa, ajudando meu marido, quando eu fico sem o auxílio doença, então é de geração de renda d'O Bar Bibitantã que me socorre, como por exemplo, que tá por pouco tempo que eu precisei de dinheiro com urgência e foi O Bar Bibitantã que me socorreu por causa do problema de saúde da minha filha

Nas falas a seguir é possível observar que a inserção no trabalho solidário é um processo de articulação do campo dos interesses, das necessidades e dos desejos

(Saraceno, 1999), bem como uma forma de conseguir um meio de sobrevivência e de maiores ganhos:

Estava [...] com muita dificuldade financeira e a Júlia se aproximou e me chamou para trabalhar n'O Bar, fazer um estágio

Júlia: ela não tinha um centavo, chegava sem comer e eu pagava um cafezinho pra ela

Vim na reunião e gostei [...] me interessei porque ia ganhar dinheiro e o trabalho também era interessante [...] gosto de trabalhar na cozinha

Em síntese, pode-se observar que 03 (três) entre as trabalhadoras e trabalhadores inserem-se no coletivo de trabalho por alternativa ao desemprego, 03 (três) como complemento da renda, 01 (uma) como obtenção de maiores ganhos e 01 (uma) como meio de sobrevivência. Os demais não explicitaram os motivos que os levaram ao trabalho n'O Bar.

Ainda segundo o Atlas, para a criação de um EES, “dois outros motivos ganham destaque: possibilidade da gestão coletiva e condição para acesso a crédito” (Ministério do Trabalho e Emprego, Atlas, 2006).

O motivo para a criação do EES como possibilidade de gestão coletiva aparece de forma frágil nas falas acima, nas formas de expressões como “gostei muito do projeto”, ou, “gostei do jeito de trabalhar”, ou ainda, “o trabalho era bem interessante”, “participo como eu sei” e o acesso a crédito, como motivo para a criação desse EES não aparece em nenhuma fala.

Com relação à motivação e escolha da *atividade econômica*, produção e serviços de alimentos e bebidas, encontra-se entre as mais citadas pelos EES existentes no Brasil (Ministério do Trabalho e Emprego, Atlas, 2006). É essa *atividade econômica* de produção e prestação de serviços que vem organizando coletivamente as trabalhadoras e trabalhadores d'O Bar em resposta à exclusão sofrida por eles, do mercado de trabalho capitalista,

especialmente por sua condição de usuárias e usuários de serviços de saúde mental (Ballan, Aranha e Silva, 2007).

então nosso trabalho é assim, a gente procura se unir o máximo possível pra trabalhar produzindo o alimento e também trabalhamos como garçom, participamos de eventos como lançamento de livros, eventos como da tese das enfermeiras

Pode-se afirmar que O Bar Bibitantã é um coletivo que possibilita experimentar caminhos que podem produzir transformações na relação dessas pessoas consigo mesmas para que, de diferentes maneiras, possam gerar normas e ordens para suas vidas, conforme as diversas situações que devem ser enfrentadas. Assim é que as trabalhadoras e trabalhadores avaliam seus limites e possibilidades para o trabalho:

Não gosto de servir porque tenho dificuldade de pegar ônibus, porque fiquei internada muito tempo. Sei me locomover, mas prefiro não fazer.

Nos eventos às vezes me sinto sufocado, muita gente. Quando estamos juntos fico mais tranquilo, fico mais a vontade porque todo mundo tem problemas. No primeiro evento fiquei mais apavorado, no segundo e terceiro fiquei mais tranquilo.

Experimentando coisas novas, ajudando e sendo ajudado. As coisas que faço dependo da organização do grupo, o que não gosto muito é de servir, de estar com público como garçom.

Gosto muito do trabalho. Tive apoio quando mais precisei, mesmo com problemas fui aceito

Trata-se de um coletivo em que as dificuldades pessoais estão incluídas, que permite a participação do trabalhador nas atividades e a escolha de ficar junto ao grupo em situações difíceis, onde “a matéria prima é dada pelos indivíduos, seus saberes e suas estratégias” (Saraceno, 1999).

A premissa é compartilhar força e apostar nas capacidades e qualidades das pessoas, para que tenham espaço para manifestar-se, para que cada um ponha à disposição do coletivo, aquilo que tem:

Descasco cebola, choro, faço as coisas devagar, lavo a louça, os panos de prato, limpo fogão, descasco e pico tomate, cenoura, abóbora, ajudo a fazer bolos, fazer eventos, montar lanches, servir, da risada

Lavar louça, varrer chão, cortar cebola, tomate, ralar cenoura, só não sei mexer com carne

Particpei servindo, empacotando, no Curso de Técnicos em Espetáculo

Trabalhava bastante, mais era engraçado, jogava palitinho

Agente lava a louça, serve nos eventos, faz carne, tortinha

Ajudo na cozinha, corto legumes, verduras, lavo panelas. Já servi, vou para os eventos. Participo mais na cozinha d'O Bar

Trabalho de servir e comprar

A experiência do trabalho n'O Bar também aposta na capacidade de luta, de vida, na possibilidade, diferente do paradigma psiquiátrico que associa a doença mental à incapacidade produtiva e de responsabilização. Kinoshita (1996) ao fazer à crítica ao modelo clínico-psiquiátrico ensina que

a pessoa que recebe o atributo de doente mental enuncia-se simultaneamente a sua negatividade; essa enunciação invalida ou torna negativo este valor pressuposto, anula-se o seu poder de contrato: os bens dos loucos tornam-se suspeitos; as mensagens incompreensíveis; os afetos desnaturado, tornando praticamente impossível qualquer possibilidade de trocas (Kinoshita, 1996).

Não é o que é possível ver e ouvir das falas dos trabalhadores e trabalhadoras. Ao contrário, as falas são plenas de elaboração, apropriação, responsabilização, indicação de melhora da auto-estima, maior autonomia e identidade com o trabalho realizado, como nas falas a seguir:

Servir bem as pessoas, com educação, ser paciente

No começo servir, depois na cozinha limpando, aprendendo a cozinhar junto com a Maria, depois conhecemos a Julia, organizar nossos produtos

É um trabalho cheio de responsabilidade, com diversão, aprendizado

O trabalho é bom, participo das reuniões, faço os eventos, aprendo na cozinha, servir, é bastante coisa, Quando estou na cozinha tenho expectativa, ansiedade, quando vou servir é muito bom

É bom, melhorou muito minha auto-estima, fazer coisas em grupo. Manuseando alimentos, limpando

Servir para fora quando tem muita gente da vergonha. Não tem o que não gosto aqui dentro

Me senti bem entre vocês, me senti útil

É bom trabalhar no Bar

Surpreendeu que conseguia vender e me divertir

A coisa melhor do mundo, eu faço o que eu gosto, adoro cozinhar, é o que mais gosto da minha vida

O trabalho n'O Bar torna-se uma fonte de renda e de prazer. Ganhar dinheiro pode ser de “forma bacana, sem sofrer”. Isto só é possível se o jeito de funcionar for diferente das condições de trabalho determinadas pelo modo de produção capitalista, isto é, sem opressão, de maneira democrática, em grupo, entendendo as dificuldades, aceitando e acolhendo as pessoas com seus limites e seus saberes.

Um aspecto importante para a organização do EES é a Reunião Semanal. É uma estratégia intencional de organizar o trabalho na perspectiva da *autogestão* e efetivar a participação de todos no processo completo de construção do trabalho, isso porque n'O Bar, acredita-se que “trabalhadoras e trabalhadores organizados de forma coletiva gerenciam o seu próprio trabalho, definem seus horários, suas tarefas” (Manetti, s/d), seus temperos.

As reuniões servem para se informar das coisas, saber dos eventos

Estar atento nas reuniões de 5ª feira

A periodicidade das reuniões é um indicador importante para avaliar a participação e a capacidade de gestão coletiva das trabalhadoras e trabalhadores dos EES (Ministério do Trabalho e Emprego, Atlas, 2006). Do universo dos EES do Brasil, 79% afirmam realizar assembléias e reuniões com periodicidade de até três meses; 49,2% realizam assembléias ou reuniões mensalmente; 10,5% semanal ou quinzenalmente (Ministério do Trabalho e Emprego, Atlas, 2006).

N'O Bar, consoante a periodicidade da Região Sudeste, que é 21,1%, portanto, acima da média nacional, as reuniões são semanais e espaços de constante avaliação do trabalho, das dificuldades, conquistas e mudanças. As reuniões provocaram e provocam

discussões sobre como organizar o *trabalho*, parcerias jurídicas (inicialmente com a Associação Franco Basaglia e posteriormente com a Associação Vida em Ação), definem formas de como organizar o dinheiro, o controle de entradas e saídas, o valor do trabalho e do produto, enfim da organização financeira e produtiva do EES.

Nesse processo, o Caixa começou ser organizado, eventos, custos, entradas, saídas, rateios e sobras foram e estão documentadas (Anexos 7 ao 12). Nesse contexto, começaram surgir discussões relacionadas à legislação trabalhista, incongruências dessas leis com a condição de beneficiários do INSS, por exemplo, discussão sobre a função e o valor do trabalho:

Comecei a me interessar pela discussão do trabalho, de participar de um grupo e fazer coisas

A gente trabalha assim, por hora, divide o banco de hora de cada um, cada um faz uma coisa

todo mundo trabalhando de igual pra igual e tendo a mesma voz dentro do projeto

porque aconteceram muitos imprevistos, a gente teve que trabalhar junto, todo mundo teve que se unir pra dar certo o evento, traduz O Bar como uma família

Todo mundo unido, um vai ensinando pro outro e aprendendo

Ninguém é patrão de ninguém. Não dá pra ficar esperando alguém mandar, tem que ir lá e fazer

Vamos melhorar com o tempo se caminharmos juntos

O Bar segue nesse cotidiano cada vez mais organizado, a equipe vai aprendendo compartilhar o *trabalho*, os erros e acertos, aprendendo a gerir coletivamente o dinheiro.

O exercício do trabalho em eventos ou num cotidiano (Anexo 9), como foi a experiência do Curso de Formação de Técnicos em Espetáculos, onde O Bar produziu, forneceu e serviu, durante 100 (cem) dias úteis, em três edições, ou seja, 300 (trezentos) dias úteis (quase dois anos), um kit alimentação composto por um lanche, uma bebida e uma sobremesa para 120 (cento e vinte) estudantes/dia, isto é, 60 (sessenta estudantes) no período da manhã e 60 (sessenta) no período da tarde, comprova a capacidade produtiva dos

trabalhadores e trabalhadoras, a capacidade de responsabilização e protagonismo de que se apropriam quando convocados, a disposição para aprender e compartilhar os saberes e, fundamentalmente, para o trabalho solidário.

Dessa perspectiva, a da Economia Solidária, O Bar Bibitãntã começou a construir uma rede de interlocuções com o território, com outros EES no campo da saúde mental (novas parcerias se consolidaram e resultaram na Rede de Saúde Mental e Economia Solidária), com a padaria mais próxima, com o hortifruti do bairro, com lugares onde o projeto desperta olhares e produz novos espaços de agregação de esforços, recursos e saberes para pensar caminhos, para consolidar uma prática de transformação da realidade para uma realidade mais justa e solidária, que incluía essas pessoas historicamente colocadas à margem, impossibilitadas de sonhar, planejar, construir suas alegrias e tristezas, suas vidas.

O Bar já deu certo, ele existe, pois quem está envolvido nele acredita nisto

Maria, 2006

4.3 Atividade econômica

A organização do trabalho do empreendimento econômico solidário, EES, O Bar BiBiTanTã é passível de reprodução, pois alinha-se aos pressupostos da Reforma Psiquiátrica brasileira e à perspectiva da Economia Solidária, política pública de inclusão social pelo trabalho instituída pela ação interministerial do Grupo Técnico de Saúde Mental do Ministério da Saúde e da Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego por meio da Portaria Interministerial de 07 de março de 2005.

Segundo o Atlas de Economia Solidária (2006), os produtos e serviços dos EES no Brasil se organizam nos ramos de produção agropecuária (42%), produção e serviços de alimentos e bebidas (18,3%), produção de artefatos artesanais (13,9%), produção têxtil e confecções, prestação de serviços diversos, produção industrial diversas, serviço de coleta e reciclagem de materiais, produção de fitoterápicos, limpeza e higiene, serviços relativos a créditos e finança, produção mineral diversa e produção e serviços diversos.

O ramo de *atividade econômica* d'O Bar Bibitantã é o da produção e serviços de alimentos e bebidas, portanto, um ramo compartilhado com 18,3% dos EES da Brasil.

A receita da escolha da *atividade econômica*, da forma de organização do trabalho, seu processo de construção e das atuais estratégias de organização para o trabalho n'O Bar, podem ser visualizada a seguir.

a. Escolha da *atividade econômica*

*“compreender todo o processo produtivo e todo o processo de gestão”
(Barbieri, Rufino, 2007)*

1. Organizar-se como um serviço de “buffet” foi avaliado como a forma mais segura de planejar o trabalho, com menos riscos e é mais interessante porque além de entrar maior quantia de dinheiro, significa que o produto do trabalho é melhor valorizado.

2. Avaliar coletivamente o que aceitar para produzir, os riscos de prejuízos.
3. Formalizar contrato de serviço com o contratante com pagamento adiantado.
4. Trabalhar em eventos pequenos, para poucas pessoas demanda menor quantidade de pessoas na equipe.
5. O processo deve ser compartilhado, coletivo, planejado utilizando-se uma metodologia de trabalho aberta à escuta que prevê discussões sobre as experiências e saberes pessoais, sobre as sensações produzidas pela loucura: descontrole, falta de limites, solidão, medo de si próprio e das pessoas e o significado de trabalhar nesse contexto.
6. A experiência de trabalho cotidiano permite a entrada de novas pessoas, que inicia com uma discussão difícil, ou seja, a entrada de mais pessoas acaba por diminuir o rateio, por outro lado torna o trabalho mais agradável, mais compartilhado, em um grupo maior.
7. Todas as informações são importantes e devem ficar disponíveis a todos os trabalhadores e trabalhadoras para garantir que todos tenham acesso.

b. Organização do trabalho

*Todos “devem em conjunto decidir as questões políticas, estratégicas e produtivas”
(Barbieri, Rufino, 2007)*

8. Reuniões semanais fixas. No caso d'O Bar é às quintas-feiras, às 14:00 horas. O momento reservado para esta atividade provocou maior responsabilização do grupo com o trabalho.
9. Registrar em Livro-Ata o total de dinheiro (entradas, saídas e rateios), número de horas trabalhadas por cada trabalhador e trabalhadora, valor da hora trabalhada, rateio.

10. Fazer Livro-caixa organizado por evento individual e arquivar todas as notas fiscais ou recibos de pagamentos de insumos e de entradas e saídas. O Livro-caixa é um instrumento de democratização do conhecimento, da gestão, facilitador da autogestão (Mascarenhas, 2007).
11. O *valor* econômico e social do trabalho n'O Bar é igual entre as diferentes funções (cozinhar, limpar, servir, transportar), entendendo que estas são igualmente necessárias e importantes para o desenvolvimento do trabalho e é pactuado coletivamente. Cada trabalhador e trabalhadora recebe em função da quantidade de horas trabalhadas.

c. Estratégias de organização para o trabalho

*“qualificação técnica, produtividade, conquista de mercado, ampliação do capital, favorecem autogestão no interior de um empreendimento”
(Barbieri, Rufino, 2007)*

12. Preparar e formar as equipes de trabalho.
13. Preparar as listas de compras para cada novo desafio, com pessoas desconhecidas em lugares não explorados. As compras são realizadas em esquema de rodízio, para que todos possam realizar esta atividade.
14. Testar receitas e aprimorar outras.
15. Digitar receitas, recuperar e cuidar dos equipamentos da cozinha.
16. Prever um período de recesso ou férias do EES.
17. Manter reuniões mesmo sem propostas de eventos, uma estratégia de consolidação do grupo e resgate de atividades que não foram desenvolvidas pela intensa demanda de trabalho.
18. Pessoas alcoolizadas não podem trabalhar.

d. Ações cooperadas de trabalho

*“a democracia do conhecimento é um valor essencial”
(Barbieri, Rufino, 2007)*

19. Construir interlocuções com outros atores sociais que resultem em projetos coletivos de inclusão social e cultural.
20. Organizar seminários temáticos, para ajudar na discussão sobre a inserção no trabalho de populações em desvantagem social.
21. Ministras aulas e seminários. Definir o tema das falas nas aulas e nas apresentações, para os seminários, onde alguns se organizaram sozinhos, outros precisam de mais apoio, dadas as diferentes formas de se expressar, ajuda a explicitar o significado que o projeto produz nas vidas das pessoas.
22. Ajudar em festas de confraternizações e fazer parcerias para a organização de festas ajudam na divulgação e são formas e possibilidades de consolidação do EES.
23. Escrever projetos com a finalidade de obtenção de recursos em agências de fomento.

Após quatro anos de construção do EES O Bar Bibitantã é possível afirmar que os conceitos de *atividade econômica, cooperação, autogestão e solidariedade* são presentes nesse coletivo. Concomitantemente, os muitos eventos passaram a demandar formação técnica e política das trabalhadoras e trabalhadores para se organizarem, para poderem decidir caminhos para o seu fortalecimento.

Esses desafios são passíveis de enfrentamento no nível do próprio EES. Trata-se de ações que estão sob a governabilidade do coletivo.

Por outro lado, no nível das Leis, portanto, estrutural, o marco referencial da Economia Solidária propicia um caminho promissor para os debates nesse campo, ou seja, a inserção no trabalho de pessoas em desvantagem social, à luz das diretrizes da Reforma Psiquiátrica brasileira, e possibilita a construção de redes de resistência numa sociedade que incessantemente agrava as desigualdades e produz exclusão.

Como afirma Godinho (2005a)

da articulação das duas políticas públicas espera-se a consolidação de um suporte institucional de apoio e financiamento às iniciativas existentes, e a expansão das ações de “inclusão social pelo trabalho” no campo da saúde mental brasileira (Godinho, 2005a).

O Grupo de Trabalho de Saúde Mental e Economia Solidária (2005a), no Relatório Final, fez recomendações aos Ministérios (da Saúde e Trabalho e Emprego), aos gestores estaduais e municipais, às iniciativas de geração de trabalho e renda e às redes de saúde mental no território.

As Recomendações são orientadoras das ações nesse campo:

Recomenda-se considerar as Iniciativas de Geração de Trabalho e Renda como parte integrante das ações de reabilitação/reinserção social dos usuários de serviços de saúde mental, pois geram protagonismo social e possibilidade de sair da situação de miséria em que alguns usuários vivem. As experiências que são consideradas como iniciativas pelo GT Interministerial de Saúde Mental e Economia Solidária são as que:

1. Possibilitem o processo de emancipação das pessoas com transtornos mentais;
2. Favoreçam a participação de pessoas da comunidade;
3. Incentivem a autogestão e a participação democrática;
4. Permitam a inclusão em redes de comercialização, rede de oportunidades, fóruns de economia solidária;
5. Busquem o aprimoramento das habilidades profissionais e das técnicas de gestão, produção e/ou comercialização;
6. Busquem o desenvolvimento local;
7. Busquem parcerias, tanto de apoio técnico e tecnológico, como de participação na vida social e comunitária;
8. Operem com a perspectiva da intersetorialidade, articulando a participação de outras entidades/instituições, tais como: Incubadoras Universitárias, associações comunitárias e de usuários, ONGs, entre outras;
9. Atuem como multiplicadores locais das proposições de inserção social pelo trabalho;
10. Fortaleçam a contratualidade social das pessoas com transtornos mentais, promovendo sua efetiva participação na vida social.

Os movimentos da Reforma Psiquiátrica e da Economia Solidária compartilham princípios fundamentais quando fazem a opção ética, política e ideológica por uma sociedade marcada pela solidariedade. É somente no ano de 2004, no entanto, que estes movimentos passam a se encontrar, a se reconhecer e a dialogar, iniciando uma colaboração permanente entre estes campos e entre os integrantes dos movimentos sociais correspondentes, tendo como desafio a inserção social de pessoas excluídas do processo produtivo (Ministério da Saúde, 2005a).

O manejo diário das experiências dos EES no interior do modo de produção capitalista, excludente e competitivo, explícita, no cotidiano, as contradições a serem enfrentadas, pois, de forma antagônica ao capitalismo, na Economia Solidária

a gestão é dever de todos, ou seja, todos têm a preocupação adicional da gestão, além de se ocupar com sua função específica. Isso ocorre ainda que haja alguns trabalhadores especificamente designados para a gestão ou mesmo que haja rotatividade do trabalho. Vale ressaltar que, no cotidiano da autogestão, o exercício cotidiano da gestão é um processo criativo e não repetitivo (Singer, 2000).

e. Movimentação financeira do EES O Bar Bibitantã

Atividade econômica no universo da Economia Solidária significa “agregação de esforços, recursos e conhecimentos para viabilizar as iniciativas coletivas de produção, prestação de serviços, beneficiamento, crédito, comercialização e consumo” (Ministério do Trabalho e Emprego, Atlas, 2006).

Os dados apresentados nesse Item referem-se à concretização da *atividade econômica*, isto é, a representação dos processos de planejamento, organização, produção, comercialização e distribuição de rateios.

Na Tabela 1 encontra-se a síntese dos ganhos, custos (incluindo os rateios) e as sobras da atividade econômica d'O Bar desde sua fundação, em 24 de março de 2006 até o dia 12 de dezembro de 2009, contabilizando um total de 100 (cem) eventos.

Tabela 1: Total de Eventos realizados pel'O Bar Bibitantã entre os anos de 2006-2009

Eventos	Ano	Entrada	Custos	Sobras
12	2006	R\$ 5.766,35	R\$ 6.156,57	R\$(390,22)
40	2007	R\$ 13.543,01	R\$ 13.666,94	R\$(123,83)
24	2008	R\$ 8.424,06	R\$ 8.659,61	R\$(235,55)
24	2009	R\$ 35.567,65	R\$ 31.043,28	R\$ 4.524,37
Total: 100	04	R\$ 63.301,07	R\$ 59.527,26	R\$ 3.773,81

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitantã, 2010.

Observa-se que a *atividade econômica* segue uma curva ascendente, ou seja, em 2006 foram realizados 12 (doze) eventos; em 2007 foram realizados 40 (quarenta) eventos; em 2008, foram 24 (vinte e quatro) e em 2009, 24 (vinte e quatro) eventos, o que caracteriza vigor e crescimento do EES.

Em 2009, os 24 (vinte e quatro) eventos realizados geraram mais renda (R\$ 35.567,65) que os 76 (setenta e seis) realizados entre os anos de 2006 a 2008 (R\$ 27.733,42). Uma análise possível é que o aumento de ganho está associado ao aperfeiçoamento do trabalho de buffet e uma definição de perfil de atividade econômica direcionada para a produção de grandes eventos, como foram os de 2009, com contratos de prestação de serviços para 100 (cem) pessoas no mínimo e 300 pessoas, no máximo.

Outra interpretação que pode justificar o crescimento econômico pode estar associada ao reconhecimento, por parte do mercado, da qualidade dos produtos, da capacidade dos trabalhadores e trabalhadoras para a produção em larga escala, na medida certa das produções, onde o cliente sempre afirma satisfação com os serviços prestados.

A aparente contradição nos anos de 2008 e 2009, onde a curva de crescimento dos eventos se estabiliza em 24 (vinte e quatro) eventos/ano se explica.

Em 2008, além dos 24 (vinte e quatro) eventos, que rendeu R\$ 8.424,06, O Bar firmou o contrato de prestação de serviços para a Associação Nós do Centro para fornecimento da alimentação dos estudantes do Curso de Formação de Técnico em Espetáculos (Anexo 8), que rendeu um total de R\$ 70.988,00.

O vigor econômico d'O Bar diante da escolha de um contrato de trabalho cotidiano fica evidente, como mostra a Tabela 2.

Tabela 2: Totais do Curso de Formação de Técnico em Espetáculos entre 2007-2009

Meses	Ano	Entrada	Custos	Sobras
02	2007	R\$ 10.080,00	R\$ 8.285,83	R\$ 1.794,17
12	2008	R\$ 70.988,00	R\$ 62.010,19	R\$ 9.977,81
01	2009	R\$ 7.779,00	R\$ 7.231,89	R\$ 547,11
Total: 15	03	R\$ 88.847,00	R\$ 77.527,91	R\$ 11.319,09

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitã, 2010.

Os dados da Tabela 2 demonstram que contratos de prestação de serviços que permitem planejar, criar estratégias de produção e distribuição com regularidade, provocam superação e aprimoramento da organização do trabalho e aumentam de forma significativa a renda mensal dos trabalhadores e a potência do EES.

Por um lado, a experiência de trabalho cotidiano provoca transformações na forma de organização do trabalho, uma vez que a regularidade da atividade tende a fixar cada trabalhador e trabalhadora num dado lugar na composição dos processos de trabalho, isto é, há uma tendência a uma certa “especialização”: quem cozinha, quem limpa, quem empacota, quem transporta e quem distribui.

Por outro lado, é óbvio que nesse processo, cada um reconhece e se apropria de suas “especificidades”, ao mesmo tempo em que tal “especificidade” vai, paradoxalmente, qualificando o coletivo para a produção dos grandes eventos.

O que iguala as duas formas de prestação de serviços é estar presente no momento do consumo. É essa condição que diferencia o trabalho no O Bar do trabalho no modo de produção capitalista. Ao apresentar, *in vivo*, o produto do seu trabalho, os trabalhadores e trabalhadoras encarnam a eficácia e eficiência da sua própria organização. Não estão alienados do produto do seu trabalho: ali está o processo desde a concepção ao planejamento, compras, preparo, empacotamento, transporte e distribuição.

A síntese da atividade econômica do EES está descrita na Tabela 3, abaixo:

Tabela 3: Totais dos Eventos e do Curso de Formação de Técnico em Espetáculos realizados pelo O Bar Bibitantã entre 2006-2009

Descrição	Entradas	Custos	Sobras
Geral de Eventos	R\$ 63.301,07	R\$ 59.527,26	R\$ 3.773,81
Geral de Técnico em Espetáculos	R\$ 88.847,00	R\$ 77.527,91	R\$ 11.319,09
Total	R\$ 152.148,07	R\$ 137.055,17	R\$ 15.092,90

Fonte: Livro-caixa do O Bar Bibitantã, 2010.

O trabalho no Curso de Formação de Técnico em Espetáculos permitiu a experiência do trabalho cotidiano, maior ganho econômico (R\$ 88.847,00) num período de tempo menor (15 meses) em relação ao trabalho nos Eventos, que rendeu R\$ 63.301,07 em 04 (quatro anos). Por outro lado, a realização de Eventos sofisticada a capacidade criativa dos trabalhadores e trabalhadoras, possibilita o exercício de elaborar cardápios diversificados,

maior cooperação entre os lugares e funções nos processos de trabalho, penetração no mercado e maior divulgação do EES.

Desta forma, pode-se depreender que o *trabalho cotidiano* incrementa a renda e a organização dos processos de trabalho e os *Eventos*, por sua característica, incrementam a criatividade e plasticidade do EES.

A Tabela 4, a seguir, demonstra os *ganhos materiais* individuais dos trabalhadores e trabalhadoras, participantes do estudo, por Eventos e na experiência do *trabalho cotidiano*, no período de 2006 a 2009.

Tabela 4: Demonstrativo dos ganhos *materiais* dos trabalhadores e trabalhadoras d'O Bar Bibitantã participantes do estudo, entre 2006-2009

Nome	Eventos	Técnico em espetáculos	Total
Pedro	R\$ 2.745,60	R\$ 3.327,75	R\$ 6.073,35
Filippo	R\$ 2.316,80	R\$ 1.971,50	R\$ 4.288,30
Maria	R\$ 5.062,60	R\$ 5.359,75	R\$ 10.422,35
Maria Alice	R\$ 736,96	R\$ 374,75	R\$ 1.111,71
Matilde	R\$ 2.552,85	R\$ 1.907,25	R\$ 4.460,10
Júlia	R\$ 4.695,50	R\$ 6.452,75	R\$ 11.148,25
Helena	R\$ 3.227,40	R\$ 2.484,25	R\$ 5.711,65
Guilherme	R\$ 1.271,80	R\$ 763,00	R\$ 2.034,80
Rodrigo	R\$ 646,40	R\$ 195,50	R\$ 841,90
Antonio	R\$ 1.497,10	R\$ 1.189,00	R\$ 2.686,10
Ruth	R\$ 1.600,00		R\$ 1.600,00

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitantã, 2010.

Observa-se que alguns trabalhadores e trabalhadoras alcançam maior renda com o trabalho cotidiano, e outros, com os Eventos. Uma trabalhadora não compunha o coletivo na época do trabalho cotidiano, mas alcançou renda superior a outros que trabalham desde o início d'O Bar. Esse dado confirma que a *atividade econômica* d'O Bar segue linha ascendente e que os Eventos maiores produzem maior renda, o que vem indicando um horizonte mais consistente de trabalho para O Bar.

A Tabela 5, abaixo, demonstra a retirada total dos trabalhadores e trabalhadoras que participaram do estudo, entre os anos de 2006 a 2009, o total individual de meses trabalhados e a renda média mensal.

Tabela 5: Demonstrativo da quantidade de meses trabalhados e da renda média mensal dos trabalhadores e trabalhadoras d'O Bar Bibitãntã participantes do estudo, entre 2006-2009

<i>Nome</i>	<i>Total</i>	<i>Meses trabalhados</i>	<i>Renda média mensal</i>
Pedro	R\$ 6.073,35	33	R\$ 188,03
Filippo	R\$ 4.288,30	45	R\$ 95,29
Maria	R\$ 10.422,35	41	R\$ 254,20
Maria Alice	R\$ 1.111,71	45	R\$ 24,70
Matilde	R\$ 4.460,10	45	R\$ 99,11
Júlia	R\$ 11.148,25	31	R\$ 359,61
Helena	R\$ 5.711,65	23	R\$ 248,33
Guilherme	R\$ 2.034,80	19	R\$ 107,09
Rodrigo	R\$ 841,90	14	R\$ 60,13
Antonio	R\$ 2.686,10	14	R\$ 191,86
Ruth	R\$ 1.600,00	16	R\$ 266,66

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitãntã, 2010.

Observa-se que a renda média mensal varia de R\$ 24,70 a R\$ 359,61. Esses números traduzem a possibilidade *individual* para o *trabalho*, em termos financeiros, mas traduzem também uma adesão *incontesti* ao coletivo d'O Bar. Isso porque, a trabalhadora que menos retira mensalmente, está desde o início. É fato, também, que ela dispõe de outra fonte de renda (pensão vitalícia do pai), no entanto, é de se pensar que o ganho *material*, nesse caso, está subsumido ao *imaterial*.

As maiores retiradas mensais estão associadas à produção dos alimentos, ou seja, quem cozinha tende a ganhar mais que os demais trabalhadores nos Eventos, o que não se aplica ao trabalho cotidiano, onde é necessário forte logística de empacotamento, transporte e distribuição dos produtos.

Não estão disponíveis, na Tabela, a quantidade de horas trabalhadas e o valor-hora médio, entretanto, a composição do ganho d'O Bar, para complementação de renda ou como alternativa ao desemprego, mantém esse coletivo ativo e unido há 04 anos.

Toda a movimentação financeira d'O Bar está documentada em Livro-caixa e, atualmente, está disponível em programa Excel, produto do estudo realizado por uma aluna de Graduação em Enfermagem, da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, EEUSP, com Bolsa de Iniciação Científica do CNPq.

Esses dados estão em fase final de consolidação e ficarão hospedados no ambiente da EEUSP, para torná-los públicos e fonte de dados para futuras pesquisas.

A organização da contabilidade d'O Bar Bibitantã é tarefa de algumas pessoas escolhidas pelo conjunto de trabalhadoras e trabalhadores com o dever de informar e disponibilizar as contas para que todos saibam a situação financeira do empreendimento, o que possibilita tomar decisões coletivas (Singer, 2005).

Os dados consolidados da totalidade das entradas e dos rateios nos 04 anos de funcionamento d'O Bar demonstram que cerca de R\$ 63.000,00 reais foi o dinheiro distribuído

entre as trabalhadoras e trabalhadores, o quer dizer que 42% do dinheiro circulado no EES foi para suas mãos.

Como todo o processo foi rigorosamente negociado no coletivo do EES, pode-se afirmar que os dados confirmam que a

autogestão significa que a mais completa igualdade de direitos de todos os membros deve reinar nas organizações da economia solidária [...] a propriedade do capital deve estar repartida entre todos os sócios por igual, que em consequência terão os mesmos direitos de participar nas decisões e na escolha dos responsáveis pelos diversos setores administrativos da mesma (Singer, 2003).

f. Ganhos *materiais* e *imateriais* advindos do trabalho n'O Bar Bibitantã

O *trabalho* n'O Bar Bibitantã possibilita, por meio de um conjunto articulado de práticas, uma relação mais autônoma das trabalhadoras e trabalhadores com diversas dimensões de suas vidas, com a família, amigos e o entorno social (Ballan, Aranha e Silva, 2007).

Os ganhos *materiais* e *imateriais* advindos do trabalho, a solidariedade, a autogestão e a cooperação compõem a organização do trabalho d'O Bar e contribuem para as transformações que o EES opera na vida de cada trabalhadora e trabalhador.

O consolidado desses dados seguem abaixo.

Guilherme

Faz bastante diferença na vida

De poucas palavras, tímido, pontual e comprometido. Bastante atencioso, é um excelente garçom, realiza seu trabalho com delicadeza e serenidade. Deve ser trabalhoso alcançar tanta simplicidade para um santista, F 20.0, forma como, ironicamente, se apresenta.

Tabela 6: Demonstrativo da renda total e mensal do Guilherme entre 2008-2009

Descrição	Renda total	Meses trabalhados	Renda média mensal
Eventos	R\$ 1.271,80		
Técnico em Espetáculos	R\$ 763,00		
	R\$ 2.034,80	19	R\$ 107.09

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitã, 2009.

Guilherme, com um pouco mais de um ano na equipe de trabalhadores d'O Bar, fala dos ganhos *materiais*:

O máximo que ganhei foi R\$ 350,00 e o mínimo foi R\$ 2,00, tenho um recibo de R\$ 2,00 guardado

O dinheiro que ganho ajudo em casa, nas contas e compras. Guardo um pouco para consumir aos poucos, com refrigerante, passeios, tomar sorvete

e *imateriais* que o trabalho possibilitou na sua vida:

Converso com a equipe de trabalho, com as pessoas nos eventos, faz com que eu fique menos tímido, ajuda a falar mais em casa, nos lugares que frequento, como a padaria

Ganho auto-estima pelo trabalho, motivação, comprometimento

Me surpreendo que sou capaz, que dou conta

A rede social de Guilherme, família, amigos, pessoas que convivem com ele, reconhecem mudanças na sua vida, depois que começou a trabalhar n'O Bar:

Na família ficam felizes, gostam que estou trabalhando

Uma vez o vigia do prédio ficou assustado quando eu apareci às 6 da manhã, eu disse que estava trabalhando

As pessoas do prédio sentem que estou diferente, sabem que estou trabalhando

Nos empreendimentos autogestionados o trabalho é cooperado, os interesses e objetivos são comuns, os saberes são compartilhados, a hierarquia é eliminada, e Guilherme traduz essa organização da seguinte maneira:

Aqui não tem patrão, é economia solidária, é trabalho, mas todos ajudam com cooperação

Maria Alice

O trabalho n'O Bar ajudou a ter iniciativa, fico orgulhosa

Escondida por muito tempo sob um grande e único casaco, como uma segunda pele, uma capa protetora. Quem será Maria Alice, não se mostra, se protege, de quê? A cozinha possibilita deixar o casaco, abrir espaço para aparecer uma mulher frágil, organizada e simples, como o fogo.

Entretanto sabe-se quanto mistério, calor e perigo oculta a combustão das labaredas.

Tabela 7: Demonstrativo da renda total e mensal da Maria Alice entre 2006-2009

Descrição	Renda total	Meses trabalhados	Renda média mensal
Eventos	R\$ 736,96		
Técnico em Espetáculos	R\$ 374,75		
	R\$ 1.111,71	45	R\$ 24,70

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitã, 2009.

Maria Alice fala das transformações que o trabalho n'O Bar Bibitantã possibilitou na relação consigo mesma:

No primeiro de janeiro escolhi um prato, preparei e servi, todos souberam que foi eu que fiz

Foi a primeira vez que fiz sozinha, sempre ajudei na cozinha, mas desta vez fiz tudo sozinha, era um prato pra acompanhar a carne

Com a família:

Fiz também um bolo de chocolate para todos da família, as pessoas gostaram muito

A família fica satisfeita porque emagreci, porque passei a cuidar da comida de outra maneira

E com os amigos:

As pessoas sabem que trabalho n'O Bar, essa iniciativa comprovou minha capacidade

O trabalho promove um pequeno, mas significativo, movimento de Maria Alice na direção de ocupar lugares geralmente interditados, como na cozinha, na condição de ajudante da irmã, com que tem uma relação ambígua. Esses movimentos podem indicar reais possibilidades de transformação e superações a serem conquistadas (Saraceno, 1999).

Ganho mais ou menos R\$ 50,00 por mês, o máximo foi R\$ 120,00, e o mínimo R\$ 10,00

Gasto tudo com alimentação, material para artesanato, caderno, revistas, dízimo, roupas

A partir da experiência n'O Bar passei a ajudar minha irmã a fazer congelados para vender

A pensão é administrada pela minha irmã e o dinheiro d'O Bar também presto contas para ela

Maria Alice presta contas do dinheiro que recebe d'O Bar à irmã. Será um salto de qualidade na sua vida quando, ao prestar contas, se perceber provedora, a que mais põe na roda, a que poderá, um dia, não mais prestar contas, mas pagá-las, com suas próprias mãos.

Helena

O Bar me deu força, ânimo coragem para viver

A cozinha d'O Bar para Helena é onde se aprende sobre a vida. E as transformações provocadas pela alquimia dessa cozinha ultrapassam a pura utilidade da produção dos alimentos.

Pela magia da culinária, a cozinha, lugar de muitos risos de Helena, torna-se arte, possibilidade e alegria.

Tabela 8: Demonstrativo da renda total e mensal da Helena entre 2008-2009

Descrição	Renda total	Meses trabalhados	Renda média mensal
Eventos	R\$ 3.227,40		
Técnico em Espetáculos	R\$ 2.484,25		
	R\$ 5.711,65	23	R\$ 248,33

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitã, 2009.

Para Helena, o trabalho n'O Bar é o lugar de produção de autonomia, um trabalho onde participa, se apropria, produz novas relações com ela mesma:

To me sentindo muito melhor sou mais alegre

Ganho tanta coisa, amizade, carinho, respeito, atenção

To me sentindo bem, auto-estima melhor, mais confiante

com amigos, familiares e vizinhos:

*a minha irmã reconhece que estou muito melhor
ajudou com a relação com minha filha
n'O Bar tenho amigas
as pessoas da comunidade falam que estou melhor, mais falante*

Um lugar que a possibilita experimentar “itinerários de produção de emancipação, de ampliação da contratualidade social”, onde, ao decidir o que fazer com o dinheiro do seu trabalho, passa a ser uma pessoa com direitos e com valor (Nicácio, 2005).

*o máximo foi R\$ 800, 00, e o mínimo R\$ 35,00
uma parte do dinheiro, metade do que ganho dou pra minha mãe e gasto o outro montante com minha filha
me sinto útil pra ajudar minha filha com o dinheiro que eu ganho, com a aposentadoria pago um curso para ela
às vezes guardo um pouco para comprar roupas e coisas para mim*

N'O Bar Bibitantã trabalhadoras e trabalhadores compartilham seus projetos de vida, se fortalecem, “se reapropriam de suas vidas” (Nicácio, 2005), e, nesse contexto, tratamento e trabalho não se confundem, se complementam, um produz potência ao outro, mas, são *diferentes*:

*o tratamento é diferente d'O Bar, estar n'O Bar me ajuda a levar o tratamento a sério
o trabalho n'O Bar é muito importante pra mim, pra minha saúde, ajudou a abrir a cabeça, entender muitas coisas*

Rodrigo

O trabalho ajuda a controlar a crise, no trabalho não posso ficar doido, tenho que trabalhar

Devagar e sempre, faz muito esforço para dar conta do trabalho, da mãe, de ter amigos, de ter lugar, de ser reconhecido e amado, esforço de limites ambíguos.

Para trabalhar com ele são necessárias paciência e tolerância. Para Rodrigo elaborar sua receita levará bastante investimento desse coletivo solidário, do qual faz parte.

Tabela 9: Demonstrativo da renda total e mensal do Rodrigo entre 2008-2009

Descrição	Renda total	Meses trabalhados	Renda média mensal
Eventos	R\$ 646,40		
Técnico em Espetáculo	R\$ 195,50		
	R\$ 841,90	14	R\$ 60,13

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitã, 2009.

Para muitos a Economia Solidária é uma forma de organização possível, para outros não é só uma forma de organização possível, mas desejável, e, para alguns, uma forma de organização necessária (Schiochet, 2005), como se pode perceber nas falas de Rodrigo:

*ganhei experiência com um trabalho que nunca tinha feito na vida
se trabalhasse o tempo todo não teria crise, tem que dar conta
a família acha que estou mais calmo, menos agitado
os amigos dizem que é legal eu trabalhar no Bar
gosto das pessoas, não tem o que não é bom*

Com 14 meses, trabalhados com muita dificuldade, Rodrigo tem renda média mensal advinda do trabalho n'O Bar de R\$ 60,13, e esse dinheiro complementa sua renda, como o fazem muitos trabalhadores no universo de Economia Solidária:

*o máximo que ganhei foi R\$ 140.00 e o mínimo R\$ 20.00
ajudo a pagar coisas na padaria e algumas coisas para minha mãe
tenho uma filha de 16 anos, que ajudo mensalmente*

Júlia

Aprendi a lidar coma diferença. Cada um é do jeito que é.

Com um enorme fascínio pelas panelas, pelo fogo, pelos temperos e por toda a bruxaria que acontece na cozinha, Júlia produz coisas que são boas para o corpo e para a alma.

Interessa-lhe muito o prazer que aparece no rosto curioso e sorridente de alguém que tira a tampa da panela, para ver o que está lá dentro.

Tabela 10: Demonstrativo da renda total e mensal da Julia entre 2007-2009

Descrição	Renda total	Meses trabalhados	Renda média mensal
Eventos	R\$ 4.695,50		
Técnico em Espetáculo	R\$ 6.452,75		
	R\$ 11.148,25	31	R\$ 359,61

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitãtã, 2009.

Júlia ensina que se pode sentir alegria em relação ao trabalho de cozinhar e satisfação em agradar paladares e proporcionar prazer. O trabalho n'O Bar fortalece, emociona, produz alegria, satisfação, confiança, reconhecimento, “não é só a restituição de direitos retirados, como também a criação de direitos que nunca existiram” (Saraceno, 1999).

*me ensinou que existem qualidades e defeitos com todas as pessoas
tenho grandes amigas que me amam e que eu amo
a minha família ta muito feliz de eu estar trabalhando, ganhando meu próprio
dinheiro, me cuidando
a minha amiga até chorou de tão feliz que ficou
se não fosse O Bar não tinha trabalho*

Com 31 meses trabalhados, sua renda média mensal é de R\$ 359,61. Os ganhos *materiais* provenientes d'O Bar são sua fonte de renda exclusiva. Com a renda, vai

participando do jogo produtivo, consumindo e cuidando de sua reprodução social, uma grande e consciente trabalhadora de um EES:

o máximo que ganhei foi R\$ 1.000, 00 e o mínimo R\$ 70,00.

chegou o fim do ano passado e eu achei que não ia ter dinheiro nenhum e ganhei R\$1000

faço compras para casa, presentes para família, roupas para mim, calcinha, pago contas de água, luz, telefone e também guardo

Existem claras diferenças na organização do trabalho n'O Bar Bibitantã com a organização do mercado capitalista. No interior de um EES, as práticas participativas são determinantes, os resultados e as dificuldades são partilhados solidariamente, as definições das estratégias cotidianas são coletivas, a gestão "consiste na autonomia da coletividade dos membros da empresa de decidir sobre os destinos, os processos e os resultados do trabalho" (Mascarenhas, 2007).

Júlia tem clareza disso, até porque foi procurar emprego num buffet e constatou que:

a vida lá fora não é assim, a gente não divide o dinheiro

eles tiram o deles e não querem saber

os bufês lá fora não são iguais O Bar, não é compartilhado como a gente faz

fui conversar com um dono de bufê e quando contei como a gente trabalhava, ele falou assim: a senhora fica lá porque a gente não trabalha assim, é muito bonito o trabalho de vocês

Ruth

agora eu não to mais sozinha não, eu to com uma equipe maravilhosa, espero que esse

Bar Bibitantã vá à frente que ele é bom

É preciso provar, cheirar, só um pouquinho, e ficar ali, atenta, para chegar de mansinho e ocupar um lugar na cozinha.

Ruth, para apresentar seus gostos e enunciar suas receitas, precisou de paciência, para caminhar na cozinha, para entender que o que importa está para além da palavra, está no sabor, e isso é indizível.

Tabela 11: Demonstrativo da renda total e mensal da Ruth em 2009

Descrição	Renda total	Meses trabalhados	Renda média mensal
Eventos	R\$ 1.600,00		
Técnico em Espetáculo			
	R\$ 1.600,00	06	R\$ 266,66

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitantã, 2009.

Ruth é a mais nova trabalhadora da equipe, com 06 meses de trabalho. Ganhou R\$ 1.600,00, e sua renda média mensal d'O Bar é R\$ 266,66. Esta renda tem possibilitado a Ruth ter esperança de viver com os filhos novamente, de mudar de vida:

minha vida mudou

o máximo que ganhei foi R\$ 800,00 e o mínimo R\$ 20,00

gasto porque compro vestido, calcinha, sutiã, presente para meus filhos, jóias, batom, coisas de manicure

os ganhos com esse trabalho são muitos, força, sonhos, amizades

ganhei muitas coisas boas, mudou em mim, sei me expressar mais não sou agressiva, mudei muito, era uma pessoa agressiva não sou mais

aqui é bom pelas amizades e a força que dão a gente.

Uma das idéias gerais da *autogestão* é o fim do assalariamento e a organização do trabalho tem como base a gestão democrática do EES, onde as decisões são tomadas por meio de práticas democráticas, com preocupação permanente da justa distribuição dos resultados e a melhoria das condições de vida de participantes (Ministério do Trabalho e Emprego, 2006).

Ruth entendeu isso e topou:

não tem salário fixo, foi um acordo no começo

Essa fala de Ruth confirma que “toda empresa solidária é ao mesmo tempo uma associação comunitária. Quem se associa a ela não faz um contrato de trabalho, mas entra numa união em que o seu destino individual se funde com o de seus companheiros” (Singer, 2000).

Matilde

Ganhei confiança. Isso é trabalho

*Matilde pensa coisas estranhas;
anacondas, serpentes e perigo
espreitam a si e suas entranhas,
feitas meninas e menino, dor tamanha;
que não há no mundo, seguro abrigo.
vida na cela trancafiada
noite escura e solidão fria
cuidando, cuidadosa cria;
de si mesma prenhe e abortada
um dia, o sol, a pele escura, bria.*

Ana Aranha, 2007

Tabela 12: Demonstrativo da renda total e mensal da Matilde entre 2006-2009

Descrição	Renda total	Meses trabalhados	Renda média mensal
Eventos	R\$ 2.552,85		
Técnico em Espetáculo	R\$ 1.907,25		
	R\$ 4.460,10	45	R\$ 99,11

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitantã, 2009.

Matilde compõe a equipe d'O Bar Bibitantã desde sua inauguração. Responsável pela limpeza, fala do seu trabalho com confiança:

consigo falar d'O Bar, ter reconhecimento das pessoas

Com renda média mensal de R\$ 99, 11, decide o que o fazer com seu dinheiro:

o máximo que ganhei foi R\$ 260,00 e o mínimo R\$ 90,00 ou 50,00

o dinheiro do Bar é todo meu, compro calcinha, sutiã, sapato, roupa, comida, sabão em pó, gás

não conto para família para não dar o dinheiro pra elas

Maria

Aprende novas receitas, amizades

Não é só uma questão de sobrevivência, nem trabalho de especialista em dietética. Na escola da vida em que o corpo é obrigado a comer para sobreviver, uma cozinha onde é possível criar e recriar desperta prazeres que fazem o corpo sorrir, “lugar de saber-sabor” (Alves, 1995). Sempre com cheiro de cebola na mão e com muito recheio, esta é a cozinha da Maria.

Tabela 13: Demonstrativo da renda total e mensal da Maria entre 2006-2009

Descrição	Total	Meses trabalhados	Renda média mensal
Eventos	R\$ 5.062,60		
Técnico em Espetáculos	R\$ 5.359,75		
	R\$ 10.422,35	41	R\$ 254,20

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitãntã, 2009.

Maria é sócia fundadora d'O Bar Bibitãntã, cozinhando pela vida afora acaba por descobrir que lidar com panelas e alimentos, nessa cozinha, leva a compreensões muito particulares da existência:

O Bar Bibitãntã, projeto de geração de renda, eu acho que não só pra mim, mas acho que para todos nós que estamos envolvidos ele representa muito, porque no momento que a gente entra na cozinha pra trabalhar, nós esquecemos de tudo e se concentra só no que tá fazendo, quando eu to no projeto eu esqueço tudo

Detentora de receitas e porções generosas, cozinhar representa prazer e concentração. Com muitos ganhos, as receitas agregam ingredientes potentes de solidariedade e autonomia:

*quando a gente ta com problema têm sempre alguém que ajuda
os amigos acham muito bom que tenha mudado que estou trabalhando, me cuidando
uma aprendizagem, se eu chegar tarde é que eu to n'O Bar
ganhei mais conhecimento, perdi timidez, aprendi a ignorar certas coisas, falar melhor com as pessoas, pensar mais em si*

Em 41 meses trabalhados n'O Bar Bibitantã, Maria tem renda média mensal de R\$ 254,20, e sabe muito bem a forma como o dinheiro é administrado no EES, e fala, de forma clara e simples:

o dinheiro a gente sabe que quando faz ganha e quando não faz não ganha

E sabe, também, (e muito bem) o que fazer com o dinheiro que recebe da força do seu trabalho:

*o máximo que ganhei foi R\$ 800,00 e o mínimo R\$ 120,00
ajudo na despesa da casa, compro roupa para mim
as despesas da casa são minhas, compro coisas para minhas netas, ajudo minhas filhas, penso em mim, como o que tenho vontade, passagens para Bahia
o dinheiro ajudou no tratamento da minha filha durante a gravidez*

Filippo

Quando chego a'O Bar descubro que não estou mais só

Os sonhos solitários se tornam comunhão quando aquecidos e degustados num coletivo solidário e agregador. Um fogo acesso acalenta, e na cozinha, a gente é agente mesmo, fogo, fome e alegria.

Assim que Filippo, uma alma cheia de saudade e culpa, descobre quem é e que pode decidir como pode ser a sua vida.

Tabela 14: Demonstrativo da renda total e mensal do Filippo entre 2006-2009

Descrição	Total	Meses trabalhados	Renda média mensal
Eventos	R\$ 2.316,80		
Técnico em Espetáculos	R\$ 1.971,50		
	R\$ 4.288,30	45	R\$ 95,29

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitã, 2009.

Para o *trabalho* ser realizado, Filippo fala de “agregação de esforços, recursos e conhecimentos para viabilizar as iniciativas coletivas de produção, prestação de serviços” (Ministério do Trabalho e Emprego, 2006).

trabalhar em equipe, socializar com as pessoas, trabalhar em conjunto, pensar no coletivo, não só no individual, isso foi importante

a experiência de conviver com as pessoas, aprender um pouquinho mais comigo mesmo, como eu funciono, aprender com meus erros, tentar consertá-los, tentar ser um ser humano melhor, tentar melhorar um pouquinho, tentar evoluir

tentar tocar a vida pra frente, mesmo apesar de todos os problemas, todas as coisas que ocorrem na vida, infelizmente, e aí eu agradeço bastante de ter vindo pra cá, o pessoal ter me acolhido

Pertencente à equipe de trabalho d'O Bar desde o início, Filippo fala de muitas mudanças na vida potencializadas por este lugar:

ajudou a estimular a cuidar da casa, fazer minha comida, arrumar uma geladeira, ligar o fogão, passa a cuidar mais da alimentação

se eu faço aqui n'O Bar, por que não posso fazer pra mim

é importante, a gente pensa que não é capaz e é, consegue

acho que é bom, que faz diferença pra mim

gosto de trabalhar na cozinha, de ajudar

O *trabalho* para Filippo é descrito como um lugar solidário, de cooperação, de confiança:

um ajuda o outro, ensina, dá dica

o que a gente constrói nesse grupo é importante, convívio e relações de amizade

Em 45 meses trabalhados, onde ganhou R\$ 4.299,30, fala do dinheiro como algo que ajuda a ter autonomia para fazer as coisas da vida:

o máximo foi R\$ 700,00 e o mínimo R\$ 20,00

o dinheiro, a renda, ajuda eu pagar minhas contas, me dá autonomia, eu sou capaz de fazer alguma coisa, isso é legal, mesmo tendo as minhas limitações eu sou capaz de fazer alguma coisa

pago contas, vou pra balada, compro roupas, sapato, coisas para casa, gás, comida, produto de higiene e limpeza

amadurecimento é um processo...

Pedro

Gosto principalmente de estar perto das pessoas, é um trabalho diferente de tudo

Seu sorriso contagia e enche a cozinha de alegria.

É bom ter Pedro de volta, sua presença afirma que:

*Faz escuro (já nem tanto),
Vale a pena trabalhar.
Faz escuro mas eu canto
Porque a manhã vai chegar.
Thiago de Mello*

Tabela 15: Demonstrativo da renda total e mensal do Pedro entre 2006-2009

Descrição	Total	Meses trabalhados	Renda média mensal
Eventos	R\$ 2.745,60		
Técnico em Espetáculos	R\$ 3.327,75		
	R\$ 6.073,35	33	R\$ 184,03

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitantã, 2009.

Em 33 meses de trabalho, tempo desde que começou a trabalhar, Pedro recebeu por seu trabalho o total de R\$ 6.073,35, o que resulta em uma renda média mensal de R\$ 184, 03, lembrando que esta não é o equivalente a trabalho cotidiano e regular.

*o máximo que ganhei foi R\$ 800,00 e o mínimo R\$ 50,00
gasto com comida, roupa, ajudando em casa
ajudo nos estudos da minha filha e engordando a poupança dela*

Pedro começou a trabalhar n'O Bar logo nos primeiros Eventos, escolhido como responsável pelo Caixa, e é porta voz de um sonho coletivo:

sonho com o Bibi Móvel, conhecer lugares diferentes, se locomover por São Paulo

Os ganhos *materiais* indicam as mudanças no decorrer dos anos de trabalho n'O Bar, que são expressas por Pedro quando fala de autonomia para decidir sobre a própria vida, sobre o próprio dinheiro:

*no início em 2006 dava todo o dinheiro para minha mãe e ela controlava o que ia pra minha filha, e o que gastava dentro de casa
com o tempo passei a controlar o dinheiro
vi que estava tendo um pouco de egoísmo da família comecei a desconfiar
hoje eu decido como gastar*

E os ganhos *imateriais*, são identificados com as relações no trabalho, com a família e amigos:

*amizades gostosas, confiança, novos amigos, reconhecimento, ganhei auto-estima que ajuda na terapia, "re-vivi"
reconhecimento de que voltei a ser o mesmo de antes de ser internado, mais seguro
as pessoas admiram o trabalho n'O Bar e quatro amigos e a família quer conhecer*

Nos EES são necessários espaços de discussão, reuniões, transparência nas informações e resolução de conflitos em ambientes cuidadosos, o que propicia negociações em que todos podem se colocar, e do resgate da cidadania, por meio da apropriação coletiva dos meios de produção e do próprio destino em suas mãos (Anteag, 2000):

tem união, resolvemos nossos problemas entre nós

Como ensina Singer (2000):

quando a empresa solidária começa a funcionar, os sócios já têm certa prática de autogestão; embora lhes falte, possivelmente, toda competência técnica para operar no ramo de negócios escolhido, os trabalhadores têm proximidade com o trabalho e com a forma de organização do trabalho desenvolvido. Saber do trabalho, de como dar conta das tarefas e desafios pode criar novas respostas para sua atividade econômica (Singer, 2000).

Antonio

Aprendo a ser mais humilde porque tem que colaborar com o outro

Com alegria, cantada simples e sempre, Antonio ensina que não é só de pão que se faz ou vive, o homem.

Tabela 16: Demonstrativo da renda total e mensal do Antonio entre 2008-2009

Descrição	Total	Meses trabalhados	Renda média mensal
Eventos	R\$ 1.497,10		
Técnico em Espetáculos	R\$ 1.189,00		
	R\$ 2.686,10	14	R\$ 191,86

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitantã, 2009.

Com 14 meses trabalhados e uma renda média mensal de R\$ 191,24, Antonio reconhece no *trabalho* n'O Bar um lugar de protagonismo e de conquista de respeito em casa, com a família e amigos:

quando estou no meio de amigos ou da família e o assunto é sobre trabalho tenho como entrar na conversa e falar do meu trabalho

ter uma renda ajudou muito, é bom chegar com dinheiro em casa

ajudo em casa

dou todo o dinheiro para minha mulher, ajudo no aluguel, conta de água, luz. A minha mulher que administra. Ela ganha mais do que eu, isso me incomoda, por isso dou tudo para ela

o máximo que ganhei foi R\$ 500,00 e o mínimo R\$ 20,00

Para além dos ganhos *materiais*, o *trabalho* no interior de um EES, para Antonio produz ganhos *imateriais* aparentemente não contabilizáveis:

me distraio trabalhando, bato papo, conversamos sobre os problemas um do outro, falamos besteira, damos risada. fiquei mais calmo depois que entrei n'O Bar

se ficar em casa parado parece que a doença vai voltando

O Bar ajuda a não entrar em crise

As práticas produtivas dos EES “inscrevem-se em uma nova racionalidade produtiva, na qual o solidarismo converte-se em sustentáculo dos empreendimentos, ao gerar resultados materiais efetivos e ganhos extra-econômicos” (Gaiger, 2003).

É por isso que

a economia solidária reconhece que necessita não só de recursos que se compra no mercado, mas também de recursos não monetários. Ela reconhece, por exemplo, que as relações de confiança em um grupo são fundamentais para que esse grupo funcione e dê certo (Nobre, 2003).

O coletivo d'O Bar reconhece a importância de afirmar o compromisso com a possibilidade da diversidade, da crítica, da ética e do respeito.

O Bar Bibitantã se aproxima organicamente dos princípios da Economia Solidária porque as trabalhadoras e trabalhadores aderiram a um jeito solidário de se organizar em razão do que Culti chama de “forças positivas”, fatores que proporcionam vantagens materiais e subjetivas, o que favorece o efeito irradiador e multiplicador deste empreendimento (Culti, 2007).

4.4 O receituário de nossa cozinha

Uma cozinha imaginosa, generosa e rica, com suas feijoadas delicadamente excessivas, com paio, lombinho, costelinha, carne seca e lingüiças e com a orientação de nunca deixar ninguém com fome, é assim:

Feijoada d'O Bar Bibitã

Ingredientes para 200 pessoas:

20 quilos de arroz
 10 quilos de feijão
 6 quilos de farinha de mandioca crua
 25 maços de couve
 10 dúzias de laranjas
 muito louro
 1 litro de óleo
 sal
 200 g de alho
 6 quilos de cebola
 10 quilos de tomates
 6 maços de cheiro verde

Carnes:

5 quilos de paio
 5 quilos de lingüiça calabresa
 5 quilos de lingüiça portuguesa
 5 quilos de bacon
 10 quilos de lombinho
 5 quilos de costelinha
 10 quilos de carne seca

Modo de Preparo

Muita gente com vontade de trabalhar retira as peles dos embutidos e dá muita risada, faz muita piada. Cortam os embutidos em fatias delicadas e finas, põem a água para aquecer em panelas grandes e colocam as porções separadas por tipos, para tirar o excesso de gordura, com louro, muito louro.

O feijão cozinha separado, com a carne seca desalgada de véspera, que ficou na geladeira e os couros do bacon. Quando estiver quase pronto, no ponto que gostam, colocam a costelinha defumada, para dar gosto. Aqui também pode por louro, muito louro.

Enquanto isso selam o lombinho de porco no azeite e no alho picado bem fininho, um por um, para dourar, mas não fritar. Esse azeite e alho usam para o tempero do feijão.

Quando o feijão ficou com o gosto da carne, costelinha e bacon, fazem em separado, um refogado com bacon cortadinho em cubos, alho, cebola naquele azeite do lombinho.

Quando o refogado está pronto, juntam um pouco do feijão para misturar e depois, entornam o refogado na panela grande. Aí, colocam todos os embutidos sem gordura, o lombinho. A carne seca e as costelinhas já estão lá e deixam apurar até o caldo engrossar.

É bom fazer de véspera para o caldo ficar mais grosso e a feijoada mais saborosa. Se fizer isso, deixe na geladeira para não azedar. E quando retirar no dia seguinte deixe chegar à temperatura ambiente e coloque no fogo brando, para esquentar com calma.

Pode tomar um caldinho para abrir o apetite.

Acompanha couve abafadinha, vinagrete de tomate com cebola e cheiro verde bem pequeninos, farofa de manteiga e alho, caldinho apimentado e, claro, laranja e caipirinha.

É dessa cozinha que nos ocupamos, onde os fascínios de sua alquimia começam na preparação de um Evento, às vezes, no nascer de um dia, sem pausas, até a hora de servir:

gosto de preparar os alimentos, lavar a louça, servir o café da manhã, servir o almoço também, foi uma experiência boa, eu gostei, me ajudou bastante [...] fez eu acordar cedo [...] fiquei surpreso comigo mesmo

São receitas permeadas por lembranças que têm a memória de sabores até hoje sobreviventes:

a receita que eu me lembraria é da tortinha de queijo, que é algo que a gente introduziu no nosso repertório de cardápio recentemente, é uma receita que eu trouxe da minha casa, é uma receita de infância, eu comi muito daquela tortinha a minha vida toda, e acho que isso fala um pouco dessa integração d'O Bar ser algo da minha vida

aprendi uma nova receita [...] feito com leite morno, manteiga, depois a farinha. depois da farinha mexida com o leite quente é que põe o fermento, que a gente serviu no último evento e adoraram deram nota mil pra essa tortinha, perguntaram do que era feito e quem tinha feito, eu falei: fui eu. todo mundo dava nota dez pra mim e outros davam nota mil, eu fiquei muito feliz

Receita da Tortinha de Queijo

50 unidades pequeninas

Ingredientes para massa:

½ copo de leite

4 colheres de sopa de margarina

2 ½ xícaras de farinha

Ingredientes para o recheio:

3 ovos

200g de parmesão ralado

Modo de Preparo:

*Derreter a margarina no leite e acrescentar a farinha.
Misturar tudo com as mãos até soltar.
Acrescentar uma colher de chá de fermento em pó.
Forrar as forminhas com esta massa, não é preciso untar.
Misturar os ingredientes do recheio e acrescentar um pouco de leite.
Colocar esse creme nas forminhas até a metade e levar ao forno até que estejam douradinhas.*

A quantidade de **Doce de Abóbora** varia muito, pode ser pequeno, para poucas pessoas, ou maior, capaz de servir 300 pessoas. A operação do preparo é simples, mas trabalhosa: começa com descascar quilos de abóbora, acende-se o fogo e em uma pequena, média ou grande panela, derrete-se o açúcar até surgir uma calda a ponto fio, com alguns cravos engraçando e perfumando.

Um exemplo de quantidades é 7 quilos de abóbora, 2 quilos de açúcar, 500g de coco ralado e um punhado de cravos. Junta os pedacinhos de abóbora bastante alaranjados com a calda e a deixe desmanchar, até cuspir, cuspir e cuspir. A cada minuto torna-se mais intenso seu brilho.

Existem aquelas receitas “arroz com feijão”, aquelas de quase sempre, “tipo simples”, que enfrenta qualquer tempo e proposta de evento, como bases para canapés, em lançamentos de livro, confraternizações, como tortas para almoços com saladas, ou até como salgado de distribuição para a Casa do Saci, as **Tortinhas da Célia**:

minha receita é de uma Tortinha Integral e sem ser integral também, eu fico feliz quando eu faço e a turma come e me pergunta a receita. Eu fico feliz por isso, a receita vai, de farinha integral: vai meio quilo de farinha integral e meio quilo de farinha comum, vai 03 ovos e 500g de manteiga, vai 03 ovos e 300g de manteiga, da integral, a sem ser integral vai 1kg de farinha de trigo e 500g de manteiga, sal, fermento e ovos também, vai 04 ovos, só, minha receita é essa

Tem feijão com arroz literalmente, o **Baião-de-Dois do Corró**, traduzindo: feijão com arroz é um dos pratos tradicionais da cozinha nordestina. Claro que não é a simples

mistura de feijão cozido com arroz cozido, e para isso contamos com a participação especial de um cozinheiro de um famoso restaurante nordestino de São Paulo.

Para duas partes de feijão (de preferência feijão-de-corda maduro), uma parte de arroz. Cozinha-se o feijão com os temperos: toucinho, carne-de-sol, charque e um refogado de cebola e alho feito em azeite doce. Quando o feijão estiver cozido, põe-se o arroz e deixa-se em fogo brando. Acrescenta-se cheiro-verde (coentro e cebolinha) e, pouco antes de tirar do fogo, enfiam-se pedaços compridos de queijo coalho (como palitos) até que se derretam.

Não se esquecer, quando o baião estiver pronto, de jogar por cima uma boa porção de torresmo.

Tem também o mais famoso e nacional dos pratos afro-brasileiros, o vatapá.

Vatapá

(Dorival Caymmi)

<i>Quem quiser vatapá, ô</i>	<i>Amendoim, camarão, rala um coco</i>
<i>Que procure fazer</i>	<i>Na hora de machucar</i>
<i>Primeiro o fubá</i>	<i>Sal com gengibre e cebola, iaiá</i>
<i>Depois o dendê</i>	<i>Na hora de temperar</i>
<i>Procure uma nêga baiana, ô</i>	
<i>Que saiba mexer</i>	<i>Não pára de mexer, ô</i>
<i>Que saiba mexer</i>	<i>Que é pra não embolar</i>
<i>Que saiba mexer</i>	<i>Panela no fogo</i>
	<i>Não deixa queimar</i>
<i>Bota castanha de caju</i>	<i>Com qualquer dez mil réis e uma nega, ô</i>
<i>Um bocadinho mais</i>	<i>Se faz um vatapá</i>
<i>Pimenta malagueta</i>	<i>Se faz um vatapá</i>
<i>Um bocadinho mais</i>	<i>Que bom vatapá</i>

Impõe atenção uma travessa repleta de mãos e camarões, representa a construção do coletivo solidário. A receita inclui “pão dormido, tomates, pimentões verdes, ervilhas. O azeite-de-dendê, a pimenta e o leite de coco são fundamentais. É a glória da culinária baiana” (Cascudo, 2004):

pão dormido. Farinha de trigo ou farinha de mesa. Galinha ou peixe (cozidos com água e sal). Camarões secos, castanhas, amendoins e um pedacinho de gengibre. Pimenta, uma colher de sopa de azeite doce (para neutralizar o dendê). Azeite-de-dendê, o quanto baste, leite fino e grosso de coco; sal a gosto; galhinho de coentro, cebola e tomate. Peixe, bacalhau ou galinha são postos na panela em pedaços grandes. Passa-se na máquina ou no liquidificador, os

camarões e todos os temperos, inclusive castanhas, amendoins, gengibre, pimenta. Desmancha-se com água, ou leite fino de coco, meio quilo de farinha de trigo ou pão inchado, passado na peneira. Tira-se o bagaço do coco e espreme-se o leite grosso, deixando-o à parte. Põe-se o sal (pouco). Põe-se a panela no fogo brando, mexendo sem parar. Para não embolar. Em seguida, o azeite doce, o dendê (quantidade suficiente para cozinhar a massa). Quando começar abrir fervura, derrama-se o leite grosso de coco. Perto de tirar do fogo, botam-se camarões secos inteiros, enfeitando por cima também, já na vasilha para servir. A fim de não criar crosta, derrama-se um pouco de dendê.

Receita que proporcionou momentos com uma grande parceira baiana que compartilhou seus dotes culinários conosco¹⁷. Quando se pergunta, "quente ou frio", quer dizer com ou sem pimenta, pois, ao contrário do que se pensa, o vatapá deve ser servido quase frio em temperatura.

Os eventos sempre são abastecidos de bolos, dos quais não é preciso dar a receita, pois são bolos comuns variados, laranja, cenoura, coco, banana, entre outros. Entre eles destaca-se um que quase sempre “desmorona”:

o bolo deu um problemão lá, mas em meia hora devoraram o bolo, bolo de chocolate com morango, é bom, é gostoso

Receita do Bolo de Chocolate

(Mary e Jane)

Ingredientes:

3 ovos
2 xícaras de farinha de trigo
1 xícara de chocolate em pó
2 xícaras de açúcar
1 ½ xícaras de leite
3 colheres cheias de margarina
1 ½ colheres de fermento

Modo de Preparo:

Bater claras em neve (bem firme). Em outra bacia bate o açúcar com a margarina até formar um creme branco e acrescenta as gemas, em seguida acrescenta o leite e a farinha aos poucos, intercalando. Por último acrescenta o chocolate até a massa ficar lisinha, sem bolotas. Diminua a velocidade da

¹⁷ Profª Drª Sônia Barros, do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica ensinou O Bar Bibitã fazer um vatapá, numa das Tardes Culturais. Sua receita é muito mais saborosa e de raiz que a do Câmara Cascudo.

batedeira, acrescente as claras em neve até formar outro creme. Leve ao forno pré aquecido em forma média.

Recheio e Cobertura:

Antes de começar a prepara o recheio pique 2 caixinhas de morangos, polvilhe uma colher de açúcar e coloque em um recipiente que possa ser escorrido, como um escurridor de macarrão, coloque um prato para reservar a calda.

Leve 2 latas de leite condensado, 2 colheres de sopa de margarina e ½ xícara de chocolate em pó ao fogo, mexendo sempre. Quando ferver, abaixe o fogo e deixe cozinhar, sem parar de mexer, por cerca de 6 minutos ou até formar um creme consistente.

Corte o bolo ao meio, use a calda dos morangos para umedecer o bolo, cubra uma metade do bolo com este creme e acrescente os morangos picados, arrume a outra metade, espalhe o restante do brigadeiro com uma espátula ou faca e espalhe o chocolate granulado em toda a superfície. Leve para gelar e sirva com morangos decorando.

Tem doce de casamentos, **Doce de Goiaba de metade**, o nome é bastante suculento, como seu aroma e textura.

Ingredientes:

*1 quilo de goiabas vermelhas maduras
½ quilo de açúcar
2 xícaras de água
10 cravos da índia*

Modo de Preparo:

Descascar as goiabas, cortar ao meio e eliminar as sementes. Reservar. Colocar em uma panela a água e o açúcar, levar à fervura até obter ponto de fio. Adicionar as goiabas e os cravos da índia e cozinhar em fogo baixo até que as goiabas estejam macias. Retirar com uma escumadeira e colocar em uma compoteira. Continuar cozinhando a calda até o ponto desejado. Quanto mais reduzida a calda mais doce ficará a compota. Despejar a calda sobre as goiabas e deixar esfriar. Guardar na geladeira.

O mais delicioso do **Beijinho da Fátima** é raspar a panela, o que só é possível na cozinha, aquele fundo pegadinho de leite condensado com coco fresco, que tem que aproveitar antes que a panela vá ficar de molho:

minha receita do beijinho é coco fresco, leite condensado, e um pouco de maisena com leite pra dar um ponto cremoso

Ingredientes:

3 cocos ralados fresquinhos
 4 latas de leite condensado
 2 colheres de sopa de maisena
 1 colher de sopa de manteiga
 cravos
 1 pacote de 100g de coco ralado fino

Modo de Preparo:

Mistura na panela o coco fresco, o leite condensado e a manteiga, leve ao fogo. Quando estiver fervendo acrescentar a maisena dissolvida em um pouco de água. Deixa cozinhar até desprender do fundo da panela. Retire do fogo, coloque em uma bandeja untada com manteiga para esfriar. Forme as bolinhas do tamanho desejado, passar no coco ralado fino e colocar nas forminhas de papel, acrescente um cravo em cada beijinho para dar sabor e decorar.
Receita para 200 Beijinhos da Fátima

O coco chegou ao Brasil por volta de 50 anos após o descobrimento, trazido pelos portugueses de Cabo Verde dispersou-se pela costa, multiplicou-se e dominou a paisagem. Usa-se coco em uma infinidade de receitas, quando verde, sua água saborosa nutri e sacia a sede. Ao amadurecer a espessa camada de polpa pode ser usada fresca, ralada, torrada em receitas ou ainda espremida, como leite ou óleo. O fruto entrou para nossa literatura, música, folclore e, principalmente, para a culinária, como considera Gilberto Freyre, a cocada “o mais brasileiro dos doces”.

“Sinhazinha qué cocada hoje? Cocadinha tá boa” O moço oferece a Capitu, em Dom Casmurro, de Machado de Assis. Cocadas - branca, queimada, de tabuleiro, assada, de fita, de colher ou de compoteira, baba-de-moça, beijinhos, tapioca e doce de abóbora com bastante coco ralado. E salgado? Têm vatapá, cuscuz, moquecas. Não dá para imaginar a costa e a culinária nordestina sem coqueiros. Assim não poderia faltá-las na cozinha d'O Bar Bibitãntã.

Cocada Branca

(25 unidades)

Ingredientes:

2 cocos frescos ralados

2 xícaras de chá de açúcar

1 xícara de água

Modo de Preparo:

Coloque o açúcar em uma xícara de água até a fervura, sem mexer, aproximadamente 15 minutos. Retire o leite do coco e junte a calda, misture e deixe ferver por mais 10 minutos. Junte o bagaço do coco sem parar de mexer com uma colher de pau até aparecer o fundo da panela. Despeje em uma travessa ou pedra de mármore até esfriar e depois corte pedacinhos.

Cocada Preta

Ingredientes para 10 pedacinhos

4 xícaras de açúcar

2 ½ xícaras de água

3 ½ xícaras de coco fresco ralado fino

Modo de Preparo:

Levar o açúcar ao fogo brando para formar uma calda caramelizada. Adicionar a água, mexendo até ferver. Sem mexer, deixar a panela no fogo até que a calda fique em ponto de bala mole. Retirar do fogo e juntar o coco. Misturar e aquecer, mexendo cuidadosamente. Retirar do fogo e deixar esfriar em um tabuleiro de pedra ou de metal.

Existem aquelas que não fazem nem parte do repertório e são incorporadas rapidamente ao livro das receitas, são receitas pelas quais são reconhecidas às cozinheiras, e assim essas começam a compor a equipe de trabalhadoras da cozinha, como exemplo:

Bolo de Aipim, ou Macaxeira ou Mandioca

(Neide)

são 6 ovos, 2 xícaras de maisena, o coco ralado, ele tem que ser fresco, não pode ser seco, e a gente primeiro rala o aipim e depois dele ralado você espreme em um pano de prato bem limpinho, não pode ser sujo, e aquele sempre fica pra usar quando necessário, aí levou, primeiro vocês fazem assim rala, o aipim, rala ele bem ralado, depois você espreme, bem espremido como se fosse ficar seca, depois ele fica aqueles bolo, vocês põem com a mão mesmo e separando aquelas bolinhas, desmanchando, quando desmanchar todas as bolinhas você deixa um pouco secando, enquanto vai raspar o coco, que ele passado no liquidificador não é a mesma coisa, aí vocês rala no ralo, põem queijo ralado, aí você bate 6 ovos e pode botar até 7 xícaras da farinha, da macaxeira, então vários nomes tem eles eu to dando vários que vocês me deram quando cheguei aqui, todas vocês, e aí depois dele bater a manteiga e o açúcar,

são duas xícaras de açúcar e aquele tabletinho de manteiga sabe, aí bate junto de pois que tá aquele creme aí bota os ovos e vai mexendo, mas não bota todo não bota só a gema e clara bota depois dela batida mistura tudo unta a forma e leva ao forno.

Fazem parte aquelas receitas onde os ingredientes são saberes e práticas que transformam a vida:

não tenho receita mas tenho um evento que marcou bastante, foi esse último que a gente fez agora [...] evento do CRP que eu pensei que não ia dar conta, daí eu acho que dei conta

lembro da balada que nós fomos e ficamos até as 6 horas, acho que foi um evento que eu não tava acostumado a sair de casa a noite e consegui ficar até as 6 horas foi um evento que eu achei legal, o ano passado, na Casa

foi bacana, bastante coisas, cada um tinha seu trabalho pra fazer, tinha cachorro quente, tinha milho verde, refrigerantes, churrasco, mas o especial foi tudo pra nós que ficamos até tarde, voltamos tarde

É composto de receitas individuais, aquelas que não se esquecerá:

minha receita é o coffee break que teve aqui, foi pra muitas pessoas, e a gente tava correndo, aquela correria, atrasava o café, bater suco, fazer as coisas, a meu deus que mais, e eu chegava sempre uma hora antes, quando eu chegava já tava tudo pronto aí só pegava as louça pra lavar

Sendo assim, não é uma cozinha famosa, só por seus molhos ou qualquer outra espécie de requinte, mas é apreciada e especialmente valorizada por seus encantos, aromas, sabores, saberes e práticas que transformam a vida das trabalhadoras e trabalhadores d'O Bar Bibitantã.

eu não vou dizer de uma receita. Vou dizer de um evento que acontece nos eventos, que para mim traduz o que é O Bar. Antes de começar a trabalhar a gente se junta e bate as mãos e diz Bibitantã e ao final do evento quando somos elogiados e as pessoas vêm agradecer, vêm dizer que estava bom, a gente faz o mesmo ritual de se abraçar, Bibitantã. Para mim a idéia mais forte d'O Bar é quando a gente de fato está ali, se preparando pro evento ou comemorando mais um grande encontro que tivemos.

5. O desafio da construção de um empreendimento econômico solidário na rede pública de atenção à saúde mental

Fica permitido que o pão de cada dia tenha no homem o sinal de seu suor. Mas, sobretudo, tenha sempre o quente sabor da ternura
Thiago de Mello

A realização deste estudo evidencia que o percurso e o processo de construção d'O Bar é permeado por conceitos e práticas que dialetizam as formas tradicionais capitalistas de organização de trabalho e produzem *superações nesta organização, na sofisticação do produto e nas mudanças na vida da equipe trabalhadora* (Ballan, Aranha e Silva, 2007).

O Bar entende-se como um instrumento para reconstrução de autonomia, protagonismo e ampliação do poder contratual, de aquisição de lugares sociais reais na vida destas pessoas: de ter trabalho, dinheiro, amigos, respeito, reconhecimento, dificuldades, o que é possível com a organização participativa e solidária do trabalho (sem opressão, sem hierarquias, em grupo, acolhendo as dificuldades, respeitando os limites e potencializando trocas) diferente das condições de trabalho determinadas no capitalismo (Ballan, Aranha e Silva, 2007).

Neste sentido, o *objeto de estudo* é a forma de organização do trabalho no interior de um novo cenário da Reforma Psiquiátrica, um empreendimento econômico solidário no campo da saúde mental. Admite-se que a experiência de *trabalho* num projeto de geração de trabalho e renda, orientado pelas diretrizes da Reforma Psiquiátrica e da Economia Solidária, possibilita o acesso a novos itinerários, ao exercício de direitos e a um novo lugar social para a experiência da loucura.

No Brasil, a Economia Solidária nasceu efetivamente como uma proposta de inclusão social, mas não de inclusão social no modo de produção capitalista, precursor das desigualdades (Singer, 2005; Singer, 2002). A Economia Solidária proporciona que as

relações sociais de produção não sejam de exploração, na qual o capital e o mercado determinam a conduta e a vida dos trabalhadores, mas sim do exercício do poder compartilhado, cooperação e solidariedade entre trabalhadoras e trabalhadores.

A articulação entre a Economia Solidária e a Reforma Psiquiátrica brasileira pode potencializar as experiências em curso dos grupos ocupados com o projeto de inserção de pessoas em desvantagem social no mundo do trabalho e ampliar o contingente de novos sujeitos engajados na construção ativa de uma nova sociedade, capaz de abrir espaço para quem fica do lado de fora do processo produtivo.

O Bar Bibitantã promove inclusão social de usuários da rede de atenção à saúde mental da Coordenadoria Regional de Saúde da Região Centro-Oeste da Secretaria de Saúde do Município de São Paulo (Centro de Atenção Psicossocial Adulto Itaim Bibi e Butantã) por meio da inserção no trabalho, na perspectiva da Economia Solidária.

Desde sua inauguração opera com o pressuposto do *trabalho como direito*, um instrumento de inclusão da pessoa no mundo das contratualidades sociais e diverge da concepção de trabalho como forma de adaptação social.

É fruto da Cooperação Técnica, Didática e Científica entre o Centro de Atenção Psicossocial Itaim Bibi da Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura do Município de São Paulo, a Área Temática de Enfermagem em Saúde Mental do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, Associação Franco Basaglia e Associação Vida em Ação

Na perspectiva da Economia Solidária, O Bar Bibitantã se configura como uma organização coletiva e solidária de produção, comercialização e prestação de serviços, na qual, “o trabalho não é concebido como simples resposta à necessidade, mas como espaço de produção de sentido, de valores subjetivos e de troca” (Saraceno, 1999).

O coletivo de trabalhadoras e trabalhadores d'O Bar Bibitantã que aceitou participar do estudo é composto por 06 mulheres e 05 homens, a faixa etária está entre 33 a 57 anos, uma média de 45 anos de idade.

A metade das trabalhadoras e trabalhadores não completou o ensino fundamental e a outra metade completou o ensino médio, somente uma das trabalhadoras tem ensino superior completo, na Faculdade para a Terceira Idade.

Sobre a trajetória no mundo do trabalho, a maioria fez parte do mercado informal como trabalhadoras domésticas, vendedores e vendedoras, feirantes.

Além da renda d'O Bar, 06 (seis) trabalhadoras (es) possuem algum tipo de renda proveniente de benefícios do INSS. São 02 (duas) trabalhadoras (es) que recebem aposentadoria por invalidez, 01 (uma) tem pensão vitalícia, 02 (dois) trabalhadores recebem auxílio pela Lei Orgânica de Assistência Social, LOAS, 01 (uma) trabalhadora recebe auxílio doença. Entre eles, 02 (duas) trabalhadoras e 02 (dois) trabalhadores têm renda exclusiva do trabalho n'O Bar e 01 (um) trabalhador tem renda de aluguel.

A análise do caldeirão de histórias dessas trabalhadoras e trabalhadores demonstra que quando são interrogados sobre a *história de vida* e de *trabalho* eles narram os acontecimentos reais de suas vidas reais, como experiências reais, sofrimentos e conquistas reais, limites e possibilidades reais.

Quando falam em doença, essa se encontra no contexto de suas vidas, de suas histórias, numa "relação dialética onde a saúde pode [possa] surgir como um momento de consciência da apropriação do corpo, e a doença uma fase da vida, uma ocasião de apropriação de si, do próprio corpo, das próprias experiências" (Basaglia, 1982).

As pessoas que trabalham n'O Bar encontraram um lugar *produtivo*, aqui entendido como possibilidade de criação, reconhecimento, aprendizado.

Os resultados mostram que 03 (três) entre as trabalhadoras e trabalhadores inserem-se no coletivo de trabalho por alternativa ao desemprego, 03 (três) como complemento da renda, 01 (uma) como obtenção de maiores ganhos e 01 (uma) como meio de sobrevivência. Os demais não explicitaram os motivos que os levaram ao trabalho n'O Bar.

Trata-se de um coletivo em que as dificuldades pessoais estão incluídas, que permite a participação do trabalhador nas atividades e há opção de ficar junto ao grupo em situações difíceis, onde “a matéria prima é dada pelos indivíduos, seus saberes e suas estratégias” (Saraceno, 1999).

Da perspectiva da Economia Solidária, O Bar Bibitantã começou a construir uma rede de interlocuções com o território, com outros EES no campo da saúde mental, ou seja, novas parcerias se consolidaram e resultaram na Rede de Saúde Mental e Economia Solidária.

Após quatro anos de construção do EES O Bar Bibitantã é possível afirmar que os conceitos de *atividade econômica*, *cooperação*, *autogestão* e *solidariedade* são presentes nesse coletivo, mas são desafios ainda a ser enfrentados e superados no nível do próprio EES. Trata-se de ações que estão sob a governabilidade do coletivo.

Por outro lado, no nível das Leis, portanto, estrutural, o marco referencial da Economia Solidária propicia um caminho promissor para os debates nesse campo, ou seja, a inserção no trabalho de pessoas em desvantagem social, à luz das diretrizes da Reforma Psiquiátrica brasileira, e possibilita a construção de redes de resistência numa sociedade que incessantemente agrava as desigualdades e produz exclusão.

Atividade econômica no universo da Economia Solidária significa “agregação de esforços, recursos e conhecimentos para viabilizar as iniciativas coletivas de produção, prestação de serviços, beneficiamento, crédito, comercialização e consumo” (Ministério do Trabalho e Emprego, Atlas, 2006).

A *atividade econômica* d'O Bar Bibitantã segue uma curva ascendente, ou seja, em 2006 foram realizados 12 (doze) eventos; em 2007 foram realizados 40 (quarenta) eventos; em 2008, foram 24 (vinte e quatro) e em 2009, 24 (vinte e quatro) eventos, o que caracteriza vigor e crescimento do EES.

Em 2009, os 24 (vinte e quatro) eventos realizados geraram mais renda (R\$ 35.567,65) que os 76 (setenta e seis) realizados entre os anos de 2006 a 2008 (R\$ 27.733,42). Uma análise possível é que o aumento de ganho está associado ao aperfeiçoamento do trabalho de buffet e uma definição de perfil de *atividade econômica* direcionada para a produção de grandes eventos, como foram os de 2009.

Outra interpretação que pode justificar o crescimento econômico pode estar associada ao reconhecimento, por parte do mercado, da qualidade dos produtos, da capacidade dos trabalhadores e trabalhadoras para a produção em larga escala, na medida certa das produções, onde o cliente sempre afirma satisfação com os serviços prestados.

Nos anos de 2008 e 2009, a curva de crescimento dos eventos se estabiliza em 24 (vinte e quatro) eventos/ano, o que se explica pelo fato que em 2008, além dos 24 (vinte e quatro) eventos, que rendeu R\$ 8.424,06, O Bar firmou o contrato de prestação de serviços cotidianos que rendeu um total de R\$ 70.988,00.

Por um lado, a experiência de *trabalho cotidiano* provoca transformações na forma de organização do trabalho, uma vez que a regularidade da atividade tende a fixar cada trabalhador e trabalhadora num dado lugar na composição dos processos de trabalho, isto é, há uma tendência a uma certa “especialização”: quem cozinha, quem limpa, quem empacota, quem transporta e quem distribui.

Por outro lado, é óbvio que nesse processo, cada um reconhece e se apropria de suas “especificidades”, ao mesmo tempo em que tal “especificidade” vai, paradoxalmente, qualificando o coletivo para a produção dos grandes eventos.

O que iguala as duas formas de prestação de serviços é estar presente no momento do consumo. É essa condição que diferencia o trabalho n'O Bar do trabalho no modo de produção capitalista. Ao apresentar, *in vivo*, o produto do seu trabalho, os trabalhadores e trabalhadoras encarnam a eficácia e eficiência da sua própria organização. Não estão alienados do produto do seu trabalho: ali está o processo desde a concepção ao planejamento, compras, preparo, empacotamento, transporte e distribuição.

Observa-se que alguns trabalhadores e trabalhadoras alcançam maior renda com o trabalho cotidiano, e outros, com os Eventos e que a renda média mensal varia de R\$ 24,70 a R\$ 359,61. Esses números traduzem a possibilidade *individual* para o *trabalho*, em termos financeiros, mas traduzem também uma adesão *incontesti* ao coletivo d'O Bar.

As maiores retiradas mensais estão associadas à produção dos alimentos, ou seja, quem cozinha tende a ganhar mais que os demais trabalhadores nos Eventos, o que não se aplica ao trabalho cotidiano, onde é necessária forte logística de empacotamento, transporte e distribuição dos produtos.

Os dados evidenciam que há claras diferenças na organização do trabalho n'O Bar Bibitantã com a organização do mercado capitalista. No interior de um EES, as práticas participativas são determinantes, os resultados e as dificuldades são partilhados solidariamente, as definições das estratégias cotidianas são coletivas, a gestão “consiste na autonomia da coletividade dos membros da empresa de decidir sobre os destinos, os processos e os resultados do trabalho” (Mascarenhas, 2007).

Isso porque uma das idéias gerais da *autogestão* é o fim do assalariamento e a organização do trabalho tem como base a gestão democrática do EES, onde as decisões são tomadas por meio de práticas democráticas, com preocupação permanente da justa distribuição dos resultados e a melhoria das condições de vida de participantes (Ministério do Trabalho e Emprego, 2006).

O Bar Bibitantã se aproxima organicamente dos princípios da Economia Solidária porque as trabalhadoras e trabalhadores aderiram a um jeito solidário de se organizar em razão do que Culti chama de “forças positivas”, fatores que proporcionam vantagens materiais e subjetivas, o que favorece o efeito irradiador e multiplicador deste empreendimento (Culti, 2007).

Esse estudo concorda com a visão de mundo que admite que

as sociedades de economia capitalista são marcadas por profundas desigualdades, produtoras de exclusão e desvantagens, uma vez que organizam sua produção de maneira neoliberal (informalidade no trabalho, desemprego, subemprego e desproteção trabalhista), globalizada (as relações econômicas e políticas são gestadas no centro financeiro e político do mundo capitalista) e competitiva (da qual surge incessantemente vitoriosos e derrotados), sociedades que fabricam pobres e loucos (Singer, 2003).

No caso das pessoas usuárias de serviços de saúde mental, o sofrimento psíquico está associado à sua incapacidade de se adaptar ao processo produtivo, para o qual, “é normal e saudável, aquele que dispõe do corpo e da mente em perfeitas condições de uso como força de trabalho disponível para a inclusão e subordinação necessárias ao processo de produção” (Aranha e Silva; 1997).

Diante deste cenário fica claro que estamos em “tempos de inverno”, onde essas pessoas encontram-se no grupo da população em situação de desvantagem em relação ao corpo social, com grandes dificuldades de inserção no mundo do trabalho criado pelo padrão econômico neoliberal de mercado.

Enfrentar o tema e a prática relacionada ao *trabalho* realizado por pessoas em desvantagem, excluídas do acesso aos bens e às trocas sociais, usuárias de serviços de saúde mental, é um desafio para a Reforma Psiquiátrica brasileira.

Desde a fundação da psiquiatria e seu corpo de conhecimentos e práticas, por Pinel, no final do século 18, o *trabalho* dessas pessoas é associado a tratamento, disciplina, submissão, formas de adaptação social e econômica (Aranha e Silva, 1997).

O trabalho nas instituições fechadas adquiriu o caráter terapêutico, como indicativo de cura, de ocupação e reabilitação para a “vida fora”, reproduzindo relações de dependência e institucionalização, retirando do trabalho das pessoas o poder de criação e transformação (Nicácio, 1994).

O processo da Reforma Psiquiátrica em curso no Brasil vem provocando, por força das experiências concretas dos serviços e das políticas públicas, a reorientação do modelo de atenção que garante a esta população tratamento digno, em serviços abertos e comunitários, e no campo do *trabalho*, a concepção, tal como no campo do morar e da ampliação das redes sociais, é do direito (Nicácio, 1994).

Direito ao trabalho porque é pelo trabalho que os humanos se relacionam entre si e entre classes sociais. O trabalho permite criar condições para que a vida humana se desenvolva, como atividade de relação entre a humanidade e a natureza. O trabalho produz, ao resolver e superar necessidades, um ser humano mais sofisticado, mais apropriado de seus próprios saberes, dos limites e horizontes possíveis (Marx, 1985).

Sendo assim, o *trabalho como direito de mulheres e homens*, consiste na luta pela justiça social, onde a economia deve servir à reprodução da vida, entendida como a prática da criação e recriação da vida, capaz de ativar recursos e potencialidades de construção e reconstrução do poder contratual, como instrumento de acesso à cultura e às condições objetivas para entrar no mundo das trocas sociais (Nicácio, 1994).

Neste sentido, as experiências que buscam o *direito ao trabalho* das pessoas portadoras de experiências de sofrimento psíquico têm questões próprias, mas não contrapostas a outras experiências, envolvendo os mais diferentes segmentos sociais em desvantagens, na perspectiva da Economia Solidária (Secretaria de Saúde de Minas Gerais, 2006).

A articulação entre a Reforma Psiquiátrica brasileira com a Economia Solidária possibilita a construção ativa de uma nova forma de sociedade, abre espaço para as pessoas que ficam do lado de fora da vida produtiva, traz contribuições para a reflexão sobre a necessidade de mudar o modelo hegemônico que domina o trabalho na vida das pessoas.

Essa mudança implica uma vida menos regida pela lógica do mercado, pela obtenção de lucro, e mais centralizada na sustentabilidade da vida humana, na melhoria da qualidade de vida das pessoas, na valorização das capacidades, recursos e saberes.

Esta é uma estratégia empreendedora de produzir coisas e consumir coisas, produzir encontros e consumir encontros, produzir saber e consumir saber, produzir afeto e consumir afeto, valor diferencial que se agrega aos produtos do trabalho solidário.

A idéia é produzir coisas verdadeiras em lugares verdadeiros e para o mercado. O mercado é o parâmetro que cotidianamente valida o que é produzido, a qualidade do produto, dos espaços, das relações. Se efetivamente vende e há mercado, é algo verdadeiro. Se não se vende e não há mercado, é fictício (Carena, 2007).

Deve-se seguir esta estratégia, produzir coisas verdadeiras, em lugares verdadeiros, no mercado, orientando os recursos e investimentos para esta estratégia, “produzir coisas belas e úteis faz muito bem à saúde, e é um pouco mais difícil” (Carena, 2007).

Para produzir coisas belas e úteis, coisas verdadeiras para um mercado verdadeiro, é necessário fazer coisas específicas e ter competência específicas. Estas competências estão em torno a nós, estão no território, nas redes de empreendimentos econômicos solidários, na cidade. Devemos ser capazes de trazer para dentro estas competências plurais e diversas (Carena, 2007).

A mistura de sujeitos diversos, saberes diversos, pessoas diversas, atitudes diversas, recursos diversos, problemas diversos, é a “engenharia de um social possível”. Devemos ativar as melhores e inovadoras competências dos territórios, as inteligências e

competências que existem e estão em torno a nós, trazê-las para dentro, porque a “capacidade de ativar estes recursos, de produzir laços sociais, de produzir subjetividade, emancipação, é a grande questão, porque com os mesmos recursos podemos produzir laços sociais, subjetividades e emancipação, ou então invalidação e cronificação” (Carena, 2007).

Arriscar nos recursos, na potência, isto é, suportar e sustentar o risco de empreender, permitir que as pessoas possam arriscar, e experimentar arriscar junto com elas, crer, dar crédito e confiança, são essas as dimensões mudam a questão da saúde mental e derruba a questão da incapacidade para a vida produtiva, essa é a discussão nas Cooperativas Sociais (Carena, 2007).

Vale ressaltar que a discussão do trabalho e das cooperativas sociais no Brasil transborda a legislação, é uma discussão que encontra na política pública inúmeros vetos, furos, questões, que dificultam, de forma clara e efetiva, as verdadeiras Cooperativas Sociais.

A legislação das Cooperativas Sociais um marco, mas esbarra em uma série de outras questões, não só da população da saúde mental, mas de outros segmentos populacionais.

Assim, trabalhadoras e trabalhadores dos EES necessitam adquirir noções fundamentais sobre cooperativismo social

para que definam com clareza o caminho do empreendimento, e compreendam suas possibilidades e seus obstáculos, o que se visa, neste processo, é conceber e praticar uma organização solidária de trabalho, onde exista compromisso e responsabilidade de todos e a inserção real no mercado (Secretaria de Saúde de Minas Gerais, 2006).

A experiência das trabalhadoras e trabalhadores d'O Bar BiBiTanTã autoriza afirmar que o trabalho junto a estas pessoas necessita de suporte para organização, concepção, planejamento e execução, daí a necessidade de apoio e financiamento inicial para sua instalação e consolidação.

A cooperativa social é, nesse contexto, a forma de organização mais inovadora: ela não só se constitui como o oposto da lógica da exploração do trabalho dependente, mas ainda como forma concreta de solidariedade (Saraceno, 1999).

Este estudo entende, tal como propõe Grupo de Trabalho instituído pela Portaria 353/2005, que esta é uma pauta necessária e urgente para os gestores federais, estaduais e municipais. Aos municípios, cabe tomar a iniciativa e empreender esforços para solicitar a habilitação junto ao Ministério da Saúde para o incremento dessas iniciativas e sua inclusão no Cadastro de Iniciativas de Inclusão Social pelo Trabalho – CIST. Nesse sentido, trata-se de uma escolha técnico-política esperada dos gestores locais.

Finalmente, no que diz respeito ao EES O Bar Bibitantã, percebe-se nesse coletivo que cozinhar não é só sabor, cor, cheiro e textura. Cozinhar é afeto, memória, troca. Existe mistura mais perfeita?

Experiências que só a cozinha possibilita: aprender e saborear um prato novo, cozinhar para um grande número de pessoas, aprender uma receita de família, se arriscar tentando fazer aquele bolo que sempre despenca, descobrir o poder das combinações e dos temperos. A filosofia dessa cozinha é fazer valer idéias, desejos, talentos e afetos para se construir novas receitas.

6. Referências Bibliográficas

1. Alves R. Aprendendo das cozinheiras. Texto do livro Estórias de quem gosta de ensinar – O fim dos vestibulares. Ars Poética – São Paulo, 1995.
2. Alves R. A Festa de Babete. Jornal Correio Popular. Campinas, s/d. Acesso em 08/04/2010, http://www.releituras.com/rubemalves_babette.asp.
3. Anteag. Autogestão construindo uma nova cultura nas relações de trabalho. Anteag, agosto 2000.
4. Aranha e Silva AL, Ballan C, Meola ME, Barros ALM de, Capponi M. Restaurante-escola: inserção no trabalho de usuários de serviços de saúde mental [projeto de pesquisa]. Rio de Janeiro: Petrobras; 2008. (Desenvolvimento & Cidadania Petrobras)
5. Aranha e Silva AL, Fonseca RMGS. Oficina de trabalho: instrumento de apropriação e reconstrução do saber e da prática de enfermagem em saúde mental. In: Anais do 2º Encontro Internacional de Pesquisa em Enfermagem: A trajetória espaço-temporal; 2002 out 28-31; Águas de Lindóia. [CD-ROM] São Paulo: Escola de Enfermagem da USP; 2002.
6. Aranha e Silva AL. Enfermagem em saúde mental: a ação e o trabalho de agentes de enfermagem de nível médio no campo psicossocial [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2003.
7. Aranha e Silva AL. O Projeto copiadora do CAPS: do trabalho de reproduzir coisas à produção de vida [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 1997.
8. Aranha e Silva AL. Projeto de Pesquisa: Rede de Economia Solidária e Saúde Mental. Edital NCTM/CNPQ/CT- Saúde/MS/SCTIE/DECIT nº003/2008.
9. Ballan C, Aranha e Silva AL. Um projeto peripatético: o caminho d'O Bar BiBiTanTã. [monografia] São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 2007.
10. Barbieri L, Rufino S. A gestão da autogestão nas cooperativas. In. A gestão da autogestão na Economia Solidária – contribuições iniciais. Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade de São Paulo - ITCP USP (org), 2007.
11. Brandão CR (org). Pesquisa participante. Ed. Brasiliense, 6ª edição, 1986.
12. Brandão CR. Pesquisar – Participar. In. Pesquisa participante. org. Brandão CR. ed. Brasiliense, 6ª edição, 1986.
13. Barfknecht KS; Merlo ARC; Nardi HC. Saúde mental e economia solidária: análise das relações de trabalho em uma cooperativa de confecção de Porto Alegre. Psicologia social, 18 (2): 54-61, maio-ago. 2006.
14. Barição SMF. O centro de atenção psicossocial: desafios no percurso institucional. In: Caderno de textos da 3ª Conferência Nacional de Saúde Mental; 2001 dez 11-6; Brasília: Ministério da Saúde; 2001. p. 131-39.
15. Barros DD. Jardins de Abel: desconstrução do manicômio de Trieste. São Paulo: Edusp; 1994.

16. Brasil. Ministério da Saúde. Relatório final da III Conferência Nacional de Saúde Mental. Brasília: Ministério da Saúde; 2001.
17. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Saúde Mental no SUS: Os Centros de Atenção Psicossocial. Brasília; 2004.
18. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Atenção à Saúde. Legislação em Saúde Mental 1990 – 2004. 5a edição ampliada. Série E. Legislação de Saúde. Brasília – DF; 2004.
19. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Saúde Mental e Economia Solidária: inclusão social pelo trabalho. Brasília; 2005a.
20. Brasil. Ministério da Saúde. Reforma Psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil. Brasília: Ministério da Saúde; 2005b.
21. Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria Nacional de Economia Solidária. I Conferência Nacional de Economia Solidária. Economia Solidária como estratégia e política de desenvolvimento 2006. Brasília, 2006.
22. Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Atlas Economia Solidária no Brasil, 2005. Brasília: SENAES, 2006.
23. Basaglia F. Scritti II (1968-1980): dall'apertura del manicomio alla nuova legge sull'assistenza psichiatrica. Torino: Giulio Einaudi; 1982. Riabilitazione e controllo sociale. p. 199-208. (90).
24. Basaglia F. Scritti II (1968-1980): dall'apertura del manicomio alla nuova legge sull'assistenza psichiatrica. Torino: Giulio Einaudi; 1982. Il Concetto di salute e malattia. p. 362-81.
25. Camillo O. Uma outra economia acontece. In: Saúde Mental e Economia Solidária: inclusão social pelo trabalho. Brasília: Ministério da Saúde; 2005.
26. Campos CMS; Mishima SM. Necessidades de saúde pela voz da sociedade civil e do Estado. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 21(4):1260-1268, jul-ago, 2005.
27. Carena G. Conferência no Seminário Internacional sobre Cooperativismo Social, 2007.
28. Cascudo LC. História da alimentação no Brasil. Editora Global, 2004.
29. Cattani AD [org] A outra economia. Porto Alegre: Editora Veraz; São Paulo: Rede Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho, 2003.
30. Campos CMS. Reconhecimento das necessidades de saúde dos adolescentes. In: Borges ALV, Fujimori E. (organizadoras). Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica. São Paulo: Manole; 2009. p.142-167.
31. Culti MN. Economia Solidária: Incubadoras Universitárias e Processo Educativo. Revista PROPOSTA, Publicação da FASE, Jan/Mar , ano 31, nº 111, 2007.
32. Godinho PGD. Reforma psiquiátrica e inclusão social pelo trabalho. In: Saúde Mental e Economia Solidária: inclusão social pelo trabalho. Brasília: Ministério da Saúde; 2005.
33. Fonseca RMGS da. Mulheres e enfermagem: uma construção generificada do saber. [livre docência] São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 1996.

34. Frazão IS; Arcoverde ACB. Reinserção social pelo trabalho no campo da saúde mental: com a palavra, o usuário. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 82, p. 290-297, maio/ago. 2009
35. Freire P. Criando Métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In. *Pesquisa participante*. org. Brandão C.R.ed. Brasiliense, 6ª edição, 1986.
36. Freire P. A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam. 41 ed. São Paulo, Cortez, 2001.
37. Freire P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra; 2007.
38. Freyre G. *Açúcar: uma sociologia do doce*. Editora Companhia das Letras, 1997.
39. Gaiger LI. Empreendimentos Econômicos Solidários. In. *A outra economia*. Cattani, AD [org]. Porto Alegre: Editora Veraz; São Paulo: Rede Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho, 2003.
40. Gebrim MCL. *Noites Culturais, uma estratégia política*. Curso Realidade Brasileira de São Paulo; 2004.
41. Goldberg JI. *Clínica da psicose: um projeto na rede pública*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Te Cora/Instituto Franco Basaglia; 1996.
42. Goldberg JI. *Cotidiano e instituição: revendo o tratamento de pessoas com transtorno mental em instituição pública*. [tese] São Paulo (SP): Faculdade de Medicina da USP; 1998.
43. Kinker FS. Trabalho como produção de vida. *Ver. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.8, n.1, p.42-48, jan/abr., 1997.
44. Kinoshita RT. Em busca da cidadania. In: Campos FCB, Henriques CMP organizadores. *Contra a maré à beira-mar: a experiência do SUS em Santos*. Santos: Página Aberta; 1996.
45. Kinoshita RT. Contratualidade e reabilitação psicossocial. In: Pitta A. (org.) *Reabilitação Psicossocial no Brasil*. São Paulo: Hucitec; 1996. p. 55-9.
46. Lancetti A. *Clínica Peripatética*. São Paulo. Ed. Hucitec, 2006.
47. Machado de Assis. *Dom Casmurro*. Editora Ática, 28ª edição, 1994.
48. Manetti, Dione Soares. *A Economia Popular Solidária e a Autogestão*, s/d.
49. Meola ME. Plano de trabalho gerencial: centro de atenção psicossocial adulto Itaim Bibi. In: *Projeto utilizado para a inscrição no concurso público para coordenador de unidade de saúde* (mimeo): São Paulo; 2004.
50. Marx K. *Para a crítica da economia política*. São Paulo. Abril Cultural, 1982.
51. Marx K. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo. Nova cultural, 1988 a, v. 1 (os economistas).
52. Marx K. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo. Nova cultural, 1988 b, v. 2 (os economistas).

53. Mascarenhas TS. Os conhecimentos de gestão e seus mitos. In. A gestão da autogestão na Economia Solidária – contribuições iniciais. Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade de São Paulo - ITCP USP (org), 2007.
54. Mehry EE, Feuerwerker LM. Atenção domiciliar: medicalização e substitutividade. Disponível em: http://www.medicina.ufrj.br/micropolitica/pesquisas/atencadomiciliar/textos/ad-medicalizacao_e_substitutividade.pdf acesso em 09/04/2010.
55. Muramoto MT. A sustentabilidade da vida cotidiana: um estudo das redes sociais de usuários de serviço de saúde mental no município de Santo André. [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2008.
56. Nicácio MFS. Utopia da realidade: contribuições da desinstitucionalização para a invenção de serviços de saúde mental [tese]. Campinas: Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp; 2003.
57. Nicácio MFS. Reforma psiquiátrica: direito ao trabalho e emancipação. In: Saúde Mental e Economia Solidária: inclusão social pelo trabalho. Brasília: Ministério da Saúde; 2005.
58. Nicácio MFS; Mangia EF; Ghiarardi MIG. Projetos de inclusão no trabalho e emancipação de pessoas em situação de desvantagem: uma discussão de perspectivas. Ver. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 16, n.2, p.62-66, maio/ago., 2005.
59. Nobre M. Diálogos entre a economia solidária e a economia feminista. In. A produção do viver: ensaios de economia feminista. Nobre M, Faria N, (orgs). São Paulo: SOF, Sempreviva Organização Feminista, 2003.
60. Oliveira MD; Oliveira RD. Pesquisa Social e Ação Educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la. In. Pesquisa participante. org. Brandão CR. ed. Brasiliense, 6ª edição, 1986.
61. Organização Pan-Americana da Saúde. Organização Mundial da Saúde. Relatório sobre a saúde no mundo 2001 - Saúde Mental: nova concepção, nova esperança. Genebra: OMS; 2001.
62. Queiroz R. O não me deixes suas histórias e sua cozinha. São Paulo: Editora Arx, 2004.
63. Relatório do Processo de Capacitação do CAPS III Itaim Bibi. Aranha e Silva AL, Meola ME, Nicácio MFS, Peter C, Salvador AP (organizadores), 2009.
64. Rotelli F; De Leonardis O; Mauri D. Desinstitucionalização. São Paulo: Hucitec; 2001.
65. Santos IMM. A interface da cultura e saúde - o desafio para os CAPS. Dissertação. Escola de Enfermagem da USP, 2009.
66. Saraceno B. Libertando identidades: da reabilitação à cidadania possível. [La fine dell'intrattenimento: manuale di riabilitazione psichiatrica] Trad. Lúcia H. Zanetta, M. do Carmo Zanetta, Willians Valentini. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Te Corá/Instituto Franco Basaglia; 1999.
67. Schraber LB; Mendes Gonçalves RB. Necessidades de saúde e atenção primária. In: Saúde do Adulto Programas e Ações na Unidade Básica. São Paulo:Hucitec, 1996.
68. Schiochet V. Políticas públicas e economia solidária: possibilidades de interfaces com a saúde mental. In: Ministério da Saúde. Saúde mental e economia solidária: inclusão pelo trabalho. Brasília: Ministério da Saúde; 2005.

69. Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais. Atenção em Saúde Mental. Souza ME. Belo Horizonte, 2006.
70. Sempre Viva Organização Feminista. Agricultura na sociedade de mercado: as mulheres dizem não à tirania do livre comercio. SOF (ed.). São Paulo, 2006.
71. Singer P, Souza AR (organizadores). A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto – (Coleção economia), 2000.
72. Singer P. Introdução à economia solidária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; 2002.
73. Singer P. Economia Solidária. In: A outra economia. Cattani A.D.(org). Porto Alegre: Vera Editores; São Paulo: Rede Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho, 2003.
74. Singer P. Saúde Mental e Economia Solidária. In: Saúde Mental e Economia Solidária: inclusão social pelo trabalho. Brasília: Ministério da Saúde; 2005.
75. Singer P. A Economia Solidária como ato pedagógico. In: Kruppa, SMP (org). Economia Solidária e educação de jovens e adultos. Brasília: INEP, 2005.
76. Sousa MF, Mendes A. Tempos radicais da saúde em São Paulo: a construção do SUS na maior cidade brasileira. São Paulo: Hucitec, 2003.
77. Stotz EM. Necessidades de saúde: mediações de um conceito. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, 1991.
78. Thiago de Mello. Os estatutos do homem. In. Poemas Preferidos pelo autor e seus leitores: edição comemorativa dos 75 anos do autor / Thiago de Mello. 3ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
79. Tiollenth MT. Metodologia da pesquisa-ação. 16 ed. São Paulo: Cortez; 2008.
80. <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/pinheiros/historico/index.php?p=472>. acesso em 20.01.2010.
81. Verano L. Economia solidária, uma alternativa ao neo-liberalismo. Santa Maria: Cisma Edições, 2001.
82. Vicente M. Produções Fotográficas. In. <http://www.marcelovicenzo.com.br>.

Anexo 1 Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa

Secretaria Municipal da Saúde
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/SMS

1

São Paulo, 04 de fevereiro de 2009.
PARECER Nº 28/09 – CEP/SMS
CAAE: 0180.0.162.166-08

Para
Caroline Baldan
Sr(a) Pesquisadora

I - Identificação

Título: "Livro das Receitas: Construção de um empreendimento solidário na rede pública de saúde mental no município de São Paulo".

Pesquisador principal: Caroline Ballan

Local onde será realizado: Projeto das CAPS Itaim Bibi e Butantã/ Bar Bibitãntã –

II – Sumário do Projeto:

Objetivo Geral

1. "Dialogar a organização do trabalho d'O Bar com os princípios da Economia Solidária por meio do produto do trabalho deste coletivo: receitas e eventos".
2. "Identificar caminhos e dificuldades para propor a metodologia de construção de um empreendimento econômico solidário na rede de atenção à saúde mental no município de São Paulo através da experiência d'O Bar Bibitãntã".
3. Resumo:

A pesquisadora diz que seu envolvimento com o tema do projeto e, com as atividades desenvolvidas no CAPS Adulto do Itaim-Bibi, vem desde da sua Graduação em Enfermagem, tendo então dado continuidade a esse envolvimento, já no nível do Mestrado. A meta maior dos programas aí desenvolvidos é a inclusão sócio-cultural dos "sujeitos e grupos sob sua responsabilidade, coordenados por trabalhadores da equipe multi-profissional ou através das parcerias construídas com outras entidades, instituições ou serviços". "Entre as atividades que caracterizam a iniciativa do serviço (...) destacam-se as Tardes Culturais", que "produziram o Grupo Cultural Cordão Carnavalesco Bibitãntã, Centro de Convivência e Cooperativa Parque Previdência e a APAE Itaim, com a ONG Sambatã (...) e o Grupo Kilombolo dia Piratininga (...)".

A pesquisadora indica ainda que o Bar Bibitãntã é "fruto da cooperação técnica, didática e científica entre a área temática Enfermagem em Saúde Mental e Psiquiátrica do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica da Escola de Enfermagem da USP, Centro de Atenção Psicossocial Adulto Itaim-Bibi da SMS do município de São Paulo e Associação Franco Basaglia. Aponta o Projeto (Bar Bibitãntã) como "um espaço de construção e reflexão" e, acrescenta que tal Projeto "é campo de formação de força de trabalho em saúde (graduandos e pós-graduandos), comprometida com a ética do cuidado inclusivo (...), sendo também campo de pesquisa na área do direito sanitário, dos direitos humanos, das tecnologias em saúde mental (...) e do cuidado nas instituições de saúde mental".

A pesquisadora discorre sobre o direito ao trabalho para portadores de problemas relacionados à saúde mental e a necessidade de produção de conhecimentos na área, com a finalidade de "enfrentar desigualdades sociais". Aponta seus objetivos (ver acima) e metodologia.

Metodologia:

A pesquisadora define seu trabalho como um estudo descritivo e analítico, considerando que a abordagem qualitativa é a mais apropriada para dar conta da sua proposta. Será um trabalho de "pesquisa participante" (a pesquisadora aponta bibliografia), dá um estatuto de "conhecimento prático e de fonte de afirmação histórica, de identificação cultural, de sentimentos de pertencimento e sinalizações de aceitação e rejeições coletivas" ao "conhecimento popular", que seria foco da sua investigação. Define também seu papel como pesquisadora e educadora capaz de "circular os diferentes saberes, pensar sobre o fazer, produzir reflexão crítica sobre a prática construída no enfrentamento coletivo de problemas concretos" (p.14).

CAAE: 0180.0.162.166-08

"Coerente com a proposta", opta pela realização de Oficina de Trabalho e justifica.

Oficinas:

Oficina preparatória
Oficinas de Trabalho
Leitura, análise e síntese dos dados junto aos trabalhadores (a partir dos temas disparadores).

Oficina Síntese: produção e difusão de saberes

- Elaboração de relatório da pesquisa ("concentrado dos saberes populares e científicos alcançados pelo grupo de trabalho").
- Publicação e divulgação dos resultados.

A pesquisadora indica que a avaliação do projeto de geração de renda em empreendimento solidário será feita por meio dos conceitos e princípios da Economia Solidária.

Indica longamente suas bases teóricas. Descreve o cenário do estudo (O Bar Bibitãntã).

Sujeitos do Estudo:

"O coletivo dos trabalhadores" do Bar - 16 trabalhadores usuários do CAPS Itaim Bibi e Butantã.

III - Considerações:

Folha de rosto completa; envolve uma atividade conjunta de CAPSs.

Apresenta cronograma detalhado e também orçamento no qual as despesas (cerca de R\$300,00) correrão por conta da pesquisadora, bibliografia ampla, mais relacionada à Economia Solidária, Método de Educação inspirado em Paulo Freire, além de questões teórico-metodológicas.

Projeto ambicioso mas pertinente e exequível.

Apresenta TCLE na forma de convite e deixa claros os direitos dos participantes (adesão voluntária, anonimato, direito de desistência, sigilo, informação, etc.). Aponta formas de contato.

Riscos e benefícios: A pesquisa não parece envolver riscos de ordem pessoal (psicológica), dadas as garantias de desistência associada à adesão voluntária; os benefícios são explicitados no corpo da proposta - maior conhecimento para permitir melhor/maior inclusão social e avaliação das possibilidades econômicas do projeto em foco. Os benefícios para a pesquisadora são de ordem profissional e pessoal.

III. Parecer do CEP: Projeto APROVADO

Visto que o CEP teve alterações no seu endereço, solicitamos atenção para a necessidade de retificação do mesmo para: Comitê de Ética em Pesquisas da Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo - Rua General Jardim, 36 - 8º andar - Telefone: 33972464 - e-mail: smscep@gmail.com.

Antes do início da coleta de dados, alertamos para a necessidade de contato com o gerente da unidade quando não foi ele quem autorizou a realização da pesquisa.

Salientamos que o pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado. Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. O relatório final deve ser apresentado ao CEP, logo que o estudo estiver concluído.

Jose Araújo Lima Filho
Coordenador
Comitê de Ética em Pesquisa da
Secretaria Municipal da Saúde - CEP/SMS

Anexo 2 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Caroline Ballan, aluna de mestrado da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, sob orientação da professora Ana Luisa Aranha e Silva, COREn nº 26.588 – SP, venho convidar você para participar da pesquisa O Livro das Receitas: a construção de um empreendimento solidário na rede pública de atenção à saúde mental no município de São Paulo.

Esta pesquisa pretende contribuir para o avanço da Reforma Psiquiátrica brasileira, identificando os caminhos e desafios para a construção de empreendimentos econômicos solidários na rede comunitária de atenção a saúde mental. Para isto realizaremos o dialogo da organização do trabalho d'O Bar com os princípios da Economia Solidária através do produto do trabalho das trabalhadoras e trabalhadores do Bar: receitas e eventos;

A coleta dos dados será realizada por meio de oficinas de trabalho, que serão gravadas em áudio e depois transcritas e analisadas. Pedimos que você participe das discussões. Sua participação é voluntária e você não é obrigado a participar desse estudo, tendo o direito de sair da pesquisa a qualquer momento, podendo retirar e recusar seu consentimento, sem que isso lhe cause qualquer prejuízo no tratamento realizado pela unidade de saúde ou no trabalho que realiza n'O Bar Bibitantã.

Você tem o direito de a qualquer momento ver as informações, inclusive para esclarecer possíveis dúvidas. Seu anonimato será preservado e nem seu nome ou qualquer outro dado que o identifique será revelado, nem mesmo na fase de conclusão e publicação desse estudo. Todos os dados relativos ao estudo serão guardados em local seguro e uma via deste documento será sua.

Por ser uma pesquisa com finalidade científica, após a conclusão da mesma, comprometo-me a apresentá-la ao meu local de trabalho e também em seminários, congressos, eventos afins e publicá-la em revistas científicas. Reafirmo que o seu anonimato será preservado e nem seu nome ou qualquer outro dado que o identifique será revelado. Tem assegurado sua privacidade, seu sigilo e confidencialidade.

Caso precise, pode entrar em contato com a pesquisadora pelo telefone: (11) 98674838 ou por e-mail: caroline.ballan@usp.br e anaranha@usp.br / fone (11) 8136.8565

Consentimento livre e esclarecido

“Declaro que após a leitura deste documento, esclarecido pelo pesquisador, e ter entendido o que me foi explicado, aceito participar desta pesquisa”.

São Paulo, _____ de 2009.

Assinatura sujeito da pesquisa

Assinatura pesquisador

Assinatura Orientadora

Telefone para contato com o CEP, Comitê de Ética da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, em caso de dúvidas ou denúncias quanto à ética na pesquisa: (11) 3397-2464

Anexo 3 Oficina de Trabalho I

Objetos da Oficina de Trabalho I

1. discutir a organização do trabalho n'O Bar através de uma receita ou um evento;
2. preparar o grupo para os demais momentos de sistematização coletiva dos saberes e práticas.

Consigna: escolher e contar qual a receita ou evento que representa o trabalho n'O Bar e por quê

Anexo 4 Resultados da Oficina de Trabalho I

Presentes 10 trabalhadoras e trabalhadores d'O Bar Bibitã

Proposta: Discutir a organização do trabalho do bar através de uma receita ou evento, escolher, conta qual é porque escolheu e o trabalho do bar em cima dessa receita ou evento

AA. Antes de começar a receita contem a própria receita, quem é, seus pais, sua história porque e como chega ao bar, suas receitas....

L. a história? De antes de chegar aqui?

FR. Eu vou contar a receita pela qual eu entrei no bar, sou FR., tenho 49 anos, há 4 anos eu to aqui no caps e desde então continuo até hoje e surgiu o projeto geração de renda O Bar Bibitã e eu fui convidada logo no início, tem três anos né? Tem três anos que eu to nesse projeto, antes eu vivia chorando nos cantos dormindo no jardim em cima do banco, chorando, não tinha nada pra fazer não tinha vontade de fazer nada e então quando surgiu a abertura do geração de renda me convidaram pra mim participar, porque na festa anterior de natal eu tinha feito uns beijinhos e eles gostaram e me chamaram pra participar e desde então eu to no projeto e ele representa muito pra mim, como se fosse minha segunda casa, porque eu gosto mais daqui, do caps, do bar, do que da minha própria casa e a minha receita do beijinho é coco fresco, leite condensado, e um pouco de maisena com leite pra dar um ponto cremoso, que mais que eu falo, (risos).

AA. Porque você acha que o beijinho representa o bar?

FR. Porque foi através do beijinho que me convidaram, que comeram de sobremesa no almoço e então me chamaram, ai eu falei assim eu vou, quando me chamaram eu nem achei que era uma geração de renda, pra mim era mais uma terapia, então eu fui e quando fiquei sabendo que ia ganhar dinheiro foi melhor ainda, porque assim ta me ajudando até hoje nas despesas em casa, ajudando meu marido, quando eu fico sem o auxílio doença, então é do geração de renda d'O Bar Bibitã que me socorre, como por exemplo que ta por pouco tempo que eu precisei de dinheiro com urgência e foi O Bar Bibitã que me socorreu por causa do problema de saúde da minha filha, então O Bar Bibitã, projeto de geração de renda, eu acho que não só pra mim, mas acho que pra todos nós que estamos envolvidos ele representa muito, porque no momento que agente entra na cozinha pra trabalhar, nos esquecemos de tudo e se concentra só no que ta fazendo e também a minha receita todas as pessoas em alguns eventos que agente foi, na USP, então as pessoas que comeram gostaram e pediam receita, que a receita ta saindo agora que antes agente não dava, e daí por diante também teve muitos eventos que agente participou, pessoas de maior nível que agente e faz com que agente se sinta melhor, gente também, porque quando agente fica com esse problema agente se exclui do mundo, agente se afasta, acho que nada é mais triste, (choro), e quando eu to no projeto eu esqueço tudo, e agradeço a todos que me convidaram, a AL., a AA., a C. e muitas outras pessoas, e através de mim eu também chamei outras pessoas, muitos continuam com agente, muitos já saíram e agente trabalha assim, por hora (choro) divide o banco de hora de cada um, cada um faz uma coisa, então

EB. C. eu não vou conseguir falar nada não (chorando) (risos de todos e falas misturadas...)

FR. Então nosso trabalho é assim, agente procura se unir o máximo possível pra trabalhar produzindo o alimento e também trabalhamos como garçom, participamos de eventos como lançamento de livros, eventos como da tese das enfermeiras, eu só tenho que dizer que agradeço a todos que me acolheram nesse projeto e aqui no caps porque que eu me sinto viva, é só isso.

EB. Eu posso falar?

AA. Pra quem não ia falar! (risos de todos)

C. segura o microfone e fala.

FR. Mas sem chorar.

EB. Boa tarde pra todos vocês meu nome é EB. tenho 44 anos, eu chorei de emoção por ver a minha irmã, FR., eu considero ela minha irmã, sair da doença dela, ela falou tudo certinho, eu também passei pelo problema que ela quase passou, só vivia dormindo, só tinha vontade de suicídio, mas depois que eu fui convidada pro Bar pela C.J., eu falei C.J. to sem renda de dinheiro, to precisando, ai ela falou com vocês e vocês me ajudaram muito. É por isso eu to emocionada agradeço a Deus em primeiro lugar e em segundo a vocês.

AA. E a receita?

EB. A receita?

AA. A receita que pra você mostra o que é O Bar Bibitã.

C. A receita ou um evento.

AL. Um evento que você lembra que ficou marcado.

EB. Um evento, no evento eu me solto mais, fico mais elétrica, eu me lembro de um evento que nós fizemos uma barraquinha, eu me lembro que fizemos uma barraquinha e fomos vender o que foi FR.? (risos) Caldo de feijão, bolo, o bolo deu um problemão lá, mas em meia hora devoraram o bolo.

AA. Porque esse evento mexeu com você, e você acha que tem haver com o bar?

EB. Tem a AA. que eu converso, com a AL., tem vocês todos, vocês tudo são especiais pra mim, eu prefiro tá aqui do que em casa, porque eu me sinto bem aqui, eu converso com os meninos, os meninos são tudo educado, apesar dessa enfermidade que agente tem, são tudo educado, nunca me maltrataram em nada, e vocês também, só recebo carinho de vocês, e eu quero só agradecer a deus em primeiro lugar e a vocês existirem nesse lugar, porque se fosse outro lugar eu não sabia o que fazer, porque eu passei por vários CAPS e nunca me amaram como vocês me amam, acabou?

AL. EB. porque você acha que lembrou desse evento e não de outro? O que esse evento tem de diferente pra você?

EB. (chorando) eu não sei não.

FR. Não foi a confusão do bolo que você ficou comigo, falando que ia dar tudo certo?

EB. Foi eu fiquei emocionada com o bolo, o bolo destracalhado, mas saiu em meia hora, todinho, eu agradeço a vocês que deus abençoe vocês todinhos.

AA. Você achou que o bolo destracalhado não ia sair?

EB. (risos) o bolo destracalhado não ia sair, eu achei que foi até um milagre que aconteceu o bolo dele sair todo destracalhado.

FR. Não é destracalhado, foi a forma pequena que entornou.

EB. É entornou aí a FR. ficou preocupada, nós ficamos preocupados, achando que ele não ia sair, e foi o primeiro que saiu todinho.

AL. Bolo do que?

FR. Chocolate com morango

EB. Bolo de chocolate, (risos).

CJ. Eu sou a CJ., tenho 54 anos, vai fazer 3 anos que eu tô no bar também, eu antes eu vivia também dormindo, muito tonta, chorava bastante, depois que eu entrei no projeto do bar eu me sinto bem, me sinto útil pra ajudar minha filha com o dinheiro que eu ganho e a minha receita é de uma tortinha integral e sem ser integral também, eu fico feliz quando eu faço e a turma come e me pergunta a receita. Eu fico feliz por isso, a receita vai, de farinha integral vai meio quilo de farinha integral e meio quilo de farinha comum, vai 3 ovos e 500g de manteiga, vai 3 ovos e 300g de manteiga, da integral, a sem ser integral vai 1kg de farinha de trigo e 500g de manteiga, sal, fermento e ovos também, vai 4 ovos, só, minha receita é essa. Eu me sinto feliz por tá participando hoje aqui com a C., com o trabalho dela, me sinto orgulhosa de tá participando.

AA. Porque a tortinha?

CJ. Porque a tortinha? Porque é uma coisa que eu gosto de fazer, eu aprendi a fazer a tortinha a muito tempo, agora eu aprendi uma nova receita, foi a C. acho que trouxe, também feito com leite morno, manteiga, depois a farinha, depois da farinha mexida com o leite quente é que põem o fermento, que agente serviu no último evento e adoraram deram nota mil pra essa tortinha, perguntaram do que era feito e quem tinha feito, eu falei fui eu, a todo mundo dava nota dez pra mim e outros davam nota mil, eu fiquei muito feliz, por isso que me marcou muito esse evento, além disso nesse evento agente ganhou R\$200,00 de caixinha, dividido pra nós todos deu R\$20,00, mas foi um dinheiro muito bem vindo que agente ganhou, e pronto é isso aí.

M. Meu nome é M., tenho 37 anos, e a minha receita, não quer dizer, tô no caps e a minha receita é o coffee break que teve aqui, foi pra muitas pessoas, e agente tava correndo, aquela correria, atrasava o café, bater suco, fazer as coisas, a meu deus que mais, e eu chegava sempre uma hora antes, quando eu chegava já tava tudo pronto aí só pegava as louças pra lavar. Eu também quero agradecer a C., a AL., a outra AA., por ter me dado a oportunidade de tá no bar, pq sem isso eu estaria sem serviço até hoje.

AA. Qual coffe break?

M. O café da manhã que nós fizemos aqui com os técnicos na capacitação.

AA. Conta mais, porque que tem a cara do bar?

M. O que?

AA. Porque esse coffe break tem a cara do bar pra você?

M. Ah porque, não só pelo dinheiro, mas sim pelo serviço que agente teve todos os dias.

C. Uma semana?

M. Foram duas não foi, foi duas semanas de coffe break, e o almoço também, agente serviu para os técnicos, eles adoraram o almoço da gente, e só isso.

L. Meu nome é L., tenho 22 anos, eu sou estagiária de enfermagem aqui no caps e to dentro do projeto do bar desde junho deste ano, e quando eu penso no bar o evento que me vem a cabeça é também um coffe break que agente fez lá no CRP e que eu acho que traduz bastante do trabalho do bar porque aconteceram muitos imprevistos, agente teve que trabalhar junto, todo mundo teve que se unir pra dar certo o evento, traduz o bar como uma família e todo mundo trabalhando de igual pra igual e tendo a mesma voz dentro do projeto, e naquele evento também agente serviu canapés e assim, era bastante delicado fazer os canapés assim como é delicado fazer o projeto funcionar, mas todo mundo junto faz com que a coisa vá pra frente, funcione e cresça. Então esse evento me faz ter um vislumbre do que é o bar e o projeto.

P. eu chamo P., tenho 45 anos, entrei no bar ha pouco tempo, eu gosto do bar porque pra mim é uma experiência a mais pra mim também porque eu nunca tinha servido nada como garçom e pra mim é uma experiência a mais ta sendo, gosto do... não tenho uma receita mais tenho um evento que eu gostei de fazer que é o das crianças que tinham câncer, que foi um evento bonito, um evento legal, já trabalhei rapidinho, trabalhei bem nesse evento também, e pra mim foi muito importante isso também, achei muito bom isso também, tenho só isso pra falar.

LB. Meu nome é LB., tenho 34 anos, e to no bar, o bar me ajuda bastante e os eventos que tem é muito bom, ajuda bastante, e eu também não tenho receita mas tenho um evento que marcou bastante, foi esse último que agente fez agora, qual foi o nome C. desse evento que agora que agente teve, CRP né? Então evento do CRP que eu pensei que não ia dar conta, daí eu acho que dei conta (risos) e foi muito bom, e espero ficar muito tempo com vocês aqui, que eu ficava só dentro de casa deprimido, ficava trancado dentro de casa não abria a janela, só queria ficar trancado, não queria comer, só bebia água, pensava em morte, tentei me enforcar, tirar minha própria vida, fica ouvindo muitas vozes e hoje melhorou bastante, graças ao Bar a ao Dr. F. também e a AA., a AL. e a C. e ao pessoal que trabalha com agente, somos todos amigos e isso que eu tenho pra falar do bar, só coisas boas.

N. Eu sou N., fiquei muito feliz por você ter me chamado pra trabalhar no bar, gosto muito e foi através de uma receita de um bolo, de aipim, macaxeira, que eu entrei no bar e agradeço a colaboração de todos por ter me dado essa força, você tem me dado força e ela também, porque eu vivo sofrendo de mais, já não agüento mais, agora meus filhos tudo separados do jeito que eles tão, a V. sofrendo com um pai neurótico ta dando crise nele, a noite não pode dormir com ele que ele fica gritando, você vai tocar nele ele da o grito, não me toque e não lembra do que faz, e eu to com medo porque ele toma conta de duas crianças, principalmente a minha, que ele ta fazendo coisa errada, dando banho na menina e ele não pode pegar na parte da menina e ele ta pegando, ta ficando diferente, esquisito, e a menina querendo vir pro meu lado, outro não queria que eu viesse pra casa, chorando mais eu tinha que vir pra aqui pro Bar Bibitantã, e sai com muito sofrimento, agora ele ta com dores nos ossos, com esquecimento de memória, faz as coisas e não se lembra, da medo dele fazer qualquer coisa com aqueles dois meninos, o povo achando que ele ta lúcido, bom e nada e fiquei muito feliz por você ter me chamado pra essa reunião aqui do bar pra agente fazer uma, é to esquecendo, uma feijoada, tava uma delícia a feijoada, quem fez tem uma mão excelente tava tudo gostoso, bem feito, mas não da pra mim falar muito porque meu sofrimento é muito grande, cada vez que me lembro das coisas ai vem aquela angustia, gastura, mas me sinto feliz por você ter me convidado pra trabalhar n'O Bar Bibitantã, eu sou feliz depois de uma ajuda financeira que vocês me deram, eu não podia nem visitar os meninos, não podia comprar nada pra eles e através desse bar, da ajuda de vocês, hoje eu consigo comprar alguma coisinha pra eles, e eles ficam felizes. Não posso dar muito, então agora eu não to mais sozinha não, eu to com uma equipe maravilhosa, espero que esse Bar Bibitantã vá a frente que ele é bom, quando vocês me convidaram fiquei muito alegre, contente de ta nele, sou feliz e espero que ele continue e vá a frente, cresça, apareça mais os projetos pra vocês encaminhar a gente.

AL. Dos eventos que você já participou?

N. Foi uma maravilha, mas eu já gostei desses eventos, adorei, foi muito bom e principalmente aquele último que você tava servindo, uma coisa linda ela servindo, tava muito bonita nesse dia, carregava a bandejinha.

AA. Qual que foi esse, do sedes?

N. Foi de sexta feira não foi? Mas ela tava linda, a equipe todinha, bem trajada, bem arrumada, só eu que tava meio desarrumada, mas...

AA. e o que você achou bonito ela servir?

N. Porque ela é daquele tipo de pessoa que bota postura, entendeu e aqui ela bota a bandeja sai servindo o pessoal, ele tem postura, muita postura pra servir uma bandeja na mão, achei lindo a maneira do cê servir, obrigado pela sua ajuda, você me ajudou muito, que nem eu disse to sofrendo pq eu tenho um filho que se eu não tomar providencia, não juntar, não conseguir a casa o menino apaga, então eu tive ontem lá e vi o sofrimento das crianças, ai saímos pra rua, eles brinca mais não tem aquele animo pra vida, 15 anos nesse sofrimento triste, é um sofrimento muito doloroso, só sabe quem sente, quem ta nele, to tentando juntar eles pra que essa família não destrua, e muito obrigada pela ajuda de vocês que eu também tava com muita depressão assim, muito estressada, agressiva, e através de vocês, do carinho de vocês todas que trabalha n'O Bar Bibitãtã, me ajudaram, me deram força, você muito obrigada FR., é isso pra todos vocês que me deram essa força, que eu não to agüentando mais não, 50 anos sofrendo, não é mole, não é pra todo mundo não, por isso que quando eu cheguei aqui eu dizia a vocês que queria fazer uma livro, e não é mentira, mas pra isso eu preciso da ajuda de todos, porque é um livro muito lindo, sofrido, com a história de nós todos, não é só meu mais, não faz parte só de mim mais, é a história de nós todos, é isso, eu ainda vou escrever isso, vou, é muita coisa mais é coisas boas, coisas ruins, mais só que eu não to agüentando o baque não, é muito sofrimento, nunca tive alegria na minha vida, a única alegria que eu vim ter com vocês, quando vocês me chamaram, no dia em que eu tava fazendo o bolo, de aipim...

AA. Da à receita pra nós.

N. Dou, são 6 ovos, 2 xícaras de maisena, o coco ralado, ele tem que ser fresco, não pode ser seco, e agente primeiro rala o aipim e depois dele ralado você espreme em um pano de prato bem limpinho, não pode ser sujo, e aquele sempre fica pra usar quando necessário, ai levou, primeiro vocês fazem assim rala, o aipim né, rala ele bem ralado, depois vc espreme, bem espremido como se fosse ficar seca, depois ele fica aqueles bolo, vocês põem com a mão mesmo e separando aquelas bolinhas, desmanchando, quando desmanchar todas as bolinhas você deixa um pouco secando, enquanto c vai raspa o coco, né, que ele passado no liquidificador não é a mesma coisa, ai vocês rala no ralo, põem queijo ralado, ai você bate 6 ovos e pode botar até 7 xícaras da farinha, da macaxeira, então vários nomes tem eles eu to dando vários que vocês me deram quando cheguei aqui, todas vocês, e ai depois dele bater a manteiga e o açúcar, são duas xícaras de açúcar e aquele tablezinho de manteiga sabe, ai bate junto de pois que ta aquele creme ai bota os ovos e vai mexendo, mas não bota todo não bota só a gema e clara bota depois dela batida mistura tudo unta a forma e leva ao forno. Muito obrigada pela ajuda que tu me deste aquele dia, como é teu nome que eu esqueço?

N. então brigada C., AL., AA. também, que eu tava que nem uma pessoa morta, um morto vivo, vegetando e através desse bar vocês me ajudaram com a força que vocês me deram, espero que a nossa equipe vá pra frente e consiga coisas melhores, como vem conseguindo, só isso e obrigada por tudo gente.

Al. AL., 44, eu sou psicóloga aqui no Caps to no bar desde o começo que foi em março de 2006 e desde então, algo que viro um projeto de trabalho pra mim virou o projeto da minha vida, como a N. tava falando e o LB. tava falando, a receita que eu me lembraria é da tortinha de queijo, que é algo que agente introduziu no nosso repertório de cardápio recentemente, né, e que é uma receita que eu trouxe da minha casa, é uma receita de infância, eu comi muito daquela tortinha a minha vida toda, e acho que isso fala um pouco dessa integração do bar ser algo da minha vida, e me lembrei desse evento onde agente começou com a tortinha, o Luciano até falou que foi importante pra ele, pra mim também foi muito importante, pq eu me lembro que liguei para ele e ele me falou que tava mau, que ele não vinha, que tava em casa trancado e que não tinha força pra vim e que acho que em 40 minutos ele chegou aqui, trabalhou na quarta e na quinta, acho que isso é super importante, o bar ser um lugar onde as pessoas se organizam, onde elas vem pra mudar de estado, de se enfrentar, de encontrar potência, de encontrar possibilidade de fazer diferente do que tava fazendo, acho que uma das coisas importantes do bar pra nós é que agente acaba não tendo muita diferença de técnicos e não técnicos, agente trabalha junto e acho que isso é um aprendizado, (...) eu tinha me lembrado outra coisa pra falar, se eu me lembrar eu falo, e eu agradeço a vocês por estar no bar esse tempo todo, é uma via de mão dupla, agente ta aqui porque fomos construindo algo muito forte, o que eu ia falar é que o bar nos ensina, temos técnicos, temos usuários, mais acho que agente vai aprendendo a construir com as potencias e as diferenças, né, acho que atualmente agente se conhece pra saber quem tem mais possibilidades de ir para um evento, quem tem menos, quem é mais bem humorado, quem é menos, quem trabalha mais horas, quem não, e com essas características

diferentes agente organiza nosso trabalho e cada um pode estar do jeito que é possível pra estar naquele momento, acho que isso é um presente, agente poder ter como organizador do trabalho.

CM. Meu nome é CM., eu sou auxiliar de enfermagem aqui do caps, to no caps há 5 meses e no bar há 3. O Bar, me interessei por fazer parte dele por eu já ter experiência com eventos, Buffet, restaurante, e quando senti vontade de entrar no bar todos me receberam muito bem, fui muito bem recebido por todos, não só pelos técnicos que fazem parte, mas por todos os usuários também. A receita que eu gostei mais, eu não sei como é feito ainda, mas são os canapés de queijo, tortinhas de queijo, são muito bom aqueles canapés e a feijoada também hoje eu tive o prazer de experimentar e eu gostei muito, ta de parabéns. Eu participei de poucos eventos, apenas dois por enquanto e pra mim foi muito valioso, gostei muito, o pessoal trabalha muito bem, tem uma responsabilidade muito grande com o bar, eu gostei muito desses eventos, mais alguma coisa? Acho que é isso.

FS. To com vergonha... (falando baixinho...)

CL. Meu nome é CL., tenho 37 anos, desde quando eu cheguei aqui no caps, vi alguma esperança, mas tudo um dia se acaba, entrei no bar a convite de algumas pessoas, AC. que não esta aqui, estávamos no Trianon e me ajudou muito, só tenho que agradecer as pessoas que estão aqui presentes, AL., AA., C., quem sempre estiveram na frente do trabalho, conhecer pessoas, tentando entender algumas coisas, de porque tudo isso, mais a resposta minha seria que um dia tudo acaba, independente daquele quem eu sou ou quem eu fui, não é de boca pra fora, sempre amei de uma forma ou outra, ...sair daqui fazer eventos, ajudar também, naquilo que era possível pra mim fazer, com a família, sendo que não me aceitaram mais, e tem o aniversário d'O Bar, que foi uma festa bonita entre nós, eventos aqui no caps, e a todos aos médicos, aos doutores, a AA. que sempre estava conosco interagindo com cada um de nós, que um dia há de ser lembrado a cada rosto a cada olhar a cada gesto a cada ajuda, não tenho muito o que falar, mas o que vai ficar é só a saudade, que um dia tentei. E quero deixar como se fosse uma flor pra cada um a experiência que eu tive com cada um de vocês, muitas das vezes eu fui um chato, tenho que reconhecer que agente as vezes se engana, sempre desejei o bem para esse projeto e eu sei que ele vai pra frente com aqueles que estão e aqueles que não estão mais, aqueles que já se foram e aqueles que vão vir, e vocês vão conseguir os seus objetivos, cada um de vocês, sem nenhuma exceção o cara bacana o ÉR. que também não esta presente mais onde quer que ele esteja ele esta bem, e é isso, não tenho mais nada a dizer.

AA. Tem uma receita CL.?

CL. Receita, uma receita que eu vou deixar pra vocês é o amor de cada prenda que vocês fizeram, as festas juninas, na USP, a correria, e a grandeza de cada um de vocês.

AA. Você pode falar um pouquinho mais da festa junina da USP?

CL. Foi bacana, bastante coisa, cada um tinha seu trabalho pra fazer, tinha cachorro quente, tinha milho verde, refrigerantes, churrasco, mas o especial foi tudo pra nós que ficamos até tarde, voltamos tarde, mas tudo foi pra frente, só isso.

ED. Meu nome é ED., eu tenho 40 anos, sou do CAPS Butantã, fiz uma entrevista há um ano e meio mais ou menos e através da AL. e da C., ai eu vim pra cá, eu só tenho a agradecer o pessoal, todos os eventos e as festas, e eu só tenho a agradecer a todos vocês pela força que vocês me deram e me receberam aqui com muito carinho e atenção, é isso.

AL. Você lembra de um evento algo que te marcou?

e. eu lembro da balada que nós fomos e ficamos até as 6 hs, acho que foi um evento que eu não tava acostumado a sair de casa a noite e consegui ficar até as 6hs foi um evento que eu achei legal, o ano passado , na Casa

aa. vc pode falar o que aconteceu na balada?

ED. Teve a festa o DJ e agente ficou servindo o pessoal, foi legal isso, acho que é só isso por enquanto, só tenho que agradecer vocês todos e agradecer a deus, é só isso.

FS. Meu nome é FS., tenho 33 anos estou no bar desde 2006, o evento foi o almoço dos técnicos o café da manhã, foi legal porque eu consegui acordar cedo, que eu não tenho esse hábito, eu consegui acordar, me organizar, fazer as coisas, é...

AL. Que coisas que você fez esse dia?

FS. Servir o café da manhã lá, lavar a louça, servir o almoço também, a meu pai, foi uma experiência boa, eu gostei, me ajudou bastante.

C. Porque te ajudou bastante?

FS. Esqueci, me deu branco....

AL. Fala um pouco porque ta te dando branco

FS. abafa, desabafa...

C. porque você lembrou desse evento, o que você gostou?

FS. Eu gostei porque agente serviu o pessoal, o pessoal novo que entrou pra conhecer o trabalho da gente, me fez acordar cedo.

AL. Você ficou surpreso?

FS. Fiquei comigo mesmo, ah meu pai. E também o dinheiro a renda ajuda eu pagar minhas contas, me da autonomia, eu sou capaz de fazer alguma coisa, isso é legal, mesmo tendo as minhas limitações eu sou capaz de fazer alguma coisa. Eu gosto de preparar os alimentos, lavar a louça.

AL. O que você aprendeu no bar?

FS. Trabalhar em equipe, socializar com as pessoas, trabalhar em conjunto, pensar no coletivo, não só no individual, isso foi importante. A minha vida se restringia só eu e a minha mãe ai ela faleceu em 2003, em dezembro e foi ai que depois em janeiro de 2004 que eu vim pra cá fazer tratamento, e era muito assim só eu e ela e eu quase não tinha uma vida social, não saia de casa, então isso foi legal pra mim, foi um aprendizado, uma boa experiência, aprendi bastante aqui.

AA. O que de experiência você tem levado pra sua vida.

FS. A experiência de conviver com as pessoas, aprender um pouquinho mais comigo mesmo, como eu funciona, aprender com meus erros, tentar consertá-los, tentar ser um ser humano melhor, tentar melhorar um pouquinho, tentar evoluir, tentar tocar a vida pra frente, mesmo apesar de todos os problemas, todas as coisas que ocorrem na vida, infelizmente, e ai eu agradeço bastante de ter vindo pra cá, o pessoal ter me acolhido, a Anna Luiza, foi o Dr. C. na época que me atendeu, e foi muito bom pra mim, porque eu não me senti sozinho, porque eu pensei que com a morte da minha mãe tinha ficado literalmente acabado, ficar só no mundo e não é bem assim, eu não estou só no mundo, eu to aqui com amigos, o pessoal que trabalha aqui no bar, com o pessoal do caps e então não estou só, não estou, tenho uma outra família.

AA. Tem alguma receita?

C. que você gosta de comer?

FS. (risos), todas, todas...

(todos riem...)

AL. Doce ou salgado?

FS. doce, o bolo de chocolate com morango, é bom é gostoso, é isso.

AA. Meu nome é AA, com s, AA. preta, acabei de fazer 50 anos e na verdade eu sempre quis ter um bar, porque eu acho que este espaço do bar é um espaço de encontro, um espaço de trocas, um espaço aonde as pessoas vão pra compartilhar o que aconteceu no dia, vão pra encontrar amigos, vão pra dar uma relaxada pra depois voltar pra casa, pode ser um lugar que agente pode ver o que deu certo, o que não deu certo, acho que a minha concepção de bar é um lugar onde as pessoas se encontram e a idéia d'O Bar Bibitãtã pra mim quando agente começou nasceu em um bar, agente tava conversando do Cordão Bibitãtã e apareceu assim, bom se o cordão vai pra rua vai animar as pessoas vamos fazer isso junto, ai nós conversamos, conversamos eu e a Anna Luiza, e algumas pessoas, ai trouxemos pra assembléia né F, ai qual que era a idéia quem quer trabalhar, quem quer trabalhar em um lugar que é bacana que junta pessoas e que pra mim era a realização de um sonho, juntar gente pra construir uma coisa que faz sentido na minha vida também. E foi pensando nisso que eu investi muito nessa idéia do bar e na construção dele ai agente foi encontrando pessoas incríveis pra compor né, eu olho pra cada um de nós aqui e vejo pessoas, cada um que sabe fazer um pedaço, cada um que tem um talento, cada um que não sabe tudo, mas sabe muita coisa. Ai porque eu invisto tanto nesse projeto, eu invisto porque eu aprendo demais com ele, eu encontro pessoas que me ensinam coisas da vida que a faculdade não ensina e eu ensino para os meus alunos coisas que a faculdade também não ensina agora o meu sonho, o meu projeto é que daqui uns tempos agente possa fazer, não assim, eu sou alguém que ta no caps tal, meu sonho é que cada um aqui, inclusive eu, se diga eu sou associada de uma cooperativa, eu sou um empreendedor, empreendedora, autor da sua própria história, que tem a sua própria forma de decidir, de poder discutir, que tenha essa autonomia Fábio, que você fala, esse é meu sonho e a receita pra mim do bar na verdade não é uma receita, eu

acho que todas as receitas, acho que agente precisava pedir nosso índice de receitas pra MZ. que não tá aqui, MC. também não tá aqui, eu acho que tinha que tá, o ÉL. que o CL. lembrou, vamos chamar as pessoas, acho que tem essa receita, o A, essa é a receita do bar pra mim uma vez do bar é sempre do bar, mesmo que as pessoas não possam estar provisoriamente, temporariamente, é sempre do bar, e como eu não vou dizer de uma receita vou dizer de um evento que acontece nos eventos, que pra mim traduz o que é o bar, é antes de começar a trabalhar agente se juntar e ficar batendo a mão e dizendo Bibitã e ao final do evento quando agente é elogiado, quando agente, é as pessoas vem agradecer, vem dizer que tava bom, agente fazer o mesmo ritual de se abraçar, Bibitã, pra mim a ideia mais forte do bar é quando agente de fato tá ali, ou se preparando pro evento ou comemorando mais uma grande, um grande encontro que agente teve, eu é que agradeço muito, e é isso.

C. Bom na verdade eu é que agradeço, por vocês fazerem parte e enriquecerem essa história que eu tô me propondo a escrever. Hoje a minha missão era escutar, vou tentar trabalhar com um monte de coisas que vocês falaram e que são muito importantes pra esse trabalho, pra minha vida e pra vida de cada um aqui, então eu que agradeço.

(palmas de todas e todos).

Anexo 5 Instrumento para captar o impacto do cotidiano de trabalho em um empreendimento econômico solidário

I. Identificação do trabalhador d'O Bar BiBiTanTã

Nome:

Idade:

Sexo:

Escolaridade:

Profissão:

Renda:

II. História de vida

Onde nasceu:

Onde vive:

Como vive:

Com quem vive:

Com quem faz alianças no núcleo familiar:

Com quem tem conflitos no núcleo familiar:

III. Trajetória no campo do trabalho

Quais são as experiências de trabalho anteriores a'O Bar

Como entrou na equipe de trabalhadores d'O Bar

Porque começou a trabalhar n'O Bar

Como é seu trabalho n'O Bar

IV. Ganhos materiais advindos do trabalho n'O Bar: tem a ver com a possibilidade

Quanto ganha em dinheiro

Quanto consome

Acesso a bens materiais

V. Ganhos imateriais advindos do trabalho n'O Bar: tem a ver com a concretização

Relação consigo mesmo

Relação com familiares

Relação com a rede social

Anexo 6 Resultados da Oficina de Trabalho II

Guilherme, 40 anos (18/03/1969), sexo masculino, 2º grau completo, profissão: Auxiliar de Escritório, renda proveniente d'O Bar Bibitantã.

II. História de vida

Nasceu em São Paulo – SP, vive no Jardim Umarizal com sua mãe, sobrinha e sobrinho neto, num apartamento emprestado pela irmã. Faz alianças no núcleo familiar com a irmã e o irmão, e não relata conflitos no núcleo familiar com ninguém.

III. Trajetória no campo do trabalho

Aos 15 anos começou a trabalhar no comércio do pai, uma das 05 lanchonetes, a que ficava no centro da cidade. Ajudava no balcão, a servir, atender os clientes. Após 05 anos, quando tinha 20 anos, o pai vende a lanchonete. Conta que começa a ficar doente aos 21, quando estava terminando o 3º colegial, 1990, sente que é algo que tinha que passar para ver a vida de outro jeito, nomeia seu problema de saúde como depressão ou esquizofrenia, que é como o médico chama. Diz que da um branco, o que não permite que acabe a escola naquele mesmo ano, termina no ano seguinte. Nesse momento começa tratamento no ambulatório da lapa, onde ficou até 1994. Neste mesmo ano vai trabalhar na linha de produção de perfumes da natura, sem registro, com regularidade durante 03 anos (94, 95, 96). No início de 1997 perde o irmão mais velho, infarto, o seu trabalho começa a ficar irregular e logo após se afasta. Aproximadamente em 1999/2000 começa a fazer bicos com o cunhado, com transporte de mudança, conta que foi durante um ano e pouco. Em 2003 começa o tratamento no CAPS Butantã.

Foi em 2008. A S., que sabia sua necessidade e desejo de trabalhar, fala para ele que teria uma entrevista de um projeto de geração de renda, O Bar Bibitantã. Guilherme participa da reunião e começa a trabalhar n'O Bar. Queria trabalhar, precisava de dinheiro, para conhecer pessoas e gostou muito do projeto. Diz que seu trabalho é bom, que gosta. Participa das reuniões, faz os eventos, aprende na cozinha, servir, é bastante coisa, Quando estamos na cozinha tem expectativa, ansiedade, quando vai servir é muito bom.

IV. Ganhos materiais advindos do trabalho n'O Bar: tem a ver com a possibilidade

Faz bastante diferença na vida, o máximo que ganhou foi R\$ 350,00 e o mínimo foi R\$ 2,00, tenho um recibo de R\$ 2,00 guardado. O dinheiro que ganha ajuda em casa, contas e compras. Guardo um pouco para consumir aos poucos, com refrigerante, passeios, tomar sorvete.

V. Ganhos imateriais advindos do trabalho n'O Bar: tem a ver com a concretização

Auto estima pelo trabalho, motivação, comprometimento. Os familiares ficam felizes, gostam que esteja trabalhando. Uma vez o vigia do prédio ficou assustado quando ele apareceu às 6 da manhã, disse que estava trabalhando. As pessoas do prédio sentem que ele esta diferente, diz que sabem que ele esta trabalhando. Surpreende-se que seja capaz, que da conta.

Conversar com a equipe de trabalho, com as pessoas nos eventos faz com que fique menos tímido, ajuda a falar mais em casa, nos lugares que frequenta como a padaria.

Aqui não tem patrão, é economia solidária, é trabalho, mas todos ajudam com cooperação.

Maria Alice, 57 (09/04/1952), do sexo feminino, com ensino superior completo – universidade aberta da terceira idade, Bancária e renda proveniente da pensão vitalícia R\$1500,00.

II. História de vida

Nasceu em São Paulo – SP vive no Jardim Prudência em uma casa alugada com sua irmã e sobrinha. Faz alianças no núcleo familiar com uma tia paterna, 87 anos e prima, 66 anos. Tem conflitos no núcleo familiar com a irmã mais velha e um tio materno de 97 anos.

III. Trajetória no campo do trabalho

Vendedora – Avon, banca de jornal do pai, loja de roupas (dos 18 aos 28 anos – pequenos períodos). Fez curso de atendente de enfermagem 1976-1977, e de programador IBM em 1978. Bancária, aos 28 anos, 1980,

trabalhou 7 meses. Está de licença médica desde 1980, não recebe o benefício porque não completou um ano de contribuição. Não se aposentou porque perderia a pensão do pai. Cargo de escriturária B no banco Itaú – São Bernardo. Se afastou por problema de assédio moral, colocaram dinheiro na sua bolsa para a comprometer moralmente. Diz que isso foi uma brincadeira, não acontecia só com ela, era um ambiente muito difícil. Avalia que faziam isso porque ela estava evoluindo muito rápido. Depois disso ficou sem cabeça para nada, ficou desanimada, sem memória. Procurou uma clínica para se internar, era já a terceira internação. Em 1982 trabalhou de atendente de enfermagem no hospital Monumento, Ipiranga, trabalha um mês no esquema 12/36, para o tratamento este mês e sai do trabalho para retornar ao tratamento. Volta a trabalhar de vendedora, vende livros, Avon, artesanato que produz de tricô e crochê, vendia para as pessoas conhecidas (1982 a 1995) e assim continuava o tratamento com medicação e terapia, nomeia de angústia, sofrimento psíquico, ansiedade.

Setembro de 1995 o pai morre e janeiro de 1996 a mãe morre.

1996 a 2000 encontra-se na pastoral da criança, como voluntária, recebe capacitação para líder comunitária e passa a fazer recepção dos atendimentos. Em 2000 procura uma clínica para idosos São Judas Tadeu. Queria ficar um mês, mas ficou 5 anos. A irmã “simplesmente” não vai buscá-la, “melhor ficar um pouquinho mais”. A clínica era paga com o dinheiro de sua pensão, através de uma procuração para a irmã. Quando começou a ficar muito caro a irmã resolve tirá-la e levá-la para morar com ela.

Em 2005 vai morar com a irmã e vem para o CAPS.

2008/2009 – Coordenadora da Paróquia Santa Catarina pela pastoral da criança – registro de dados das consultas.

Participou da fundação do bar, participou da formulação (2006). B. falou em uma assembléia sobre um projeto de geração de renda e as pessoas manifestaram seus interesses, e começaram as reuniões técnicas. Carol que propõe por a mão na massa. Gosto de cozinha, do assunto, de ter um bico. Acompanho as reuniões quando posso. “Participo como eu sei” – compras, acompanha a formação dos pratos, auxiliar de cozinha, embalagem.

Não gosta de servir porque tem dificuldade de locomoção porque ficou internada muito tempo. Sabe se locomover, mas prefere não fazer.

IV. Ganhos materiais advindos do trabalho n'O Bar: tem a ver com a possibilidade

Ganha em dinheiro: mais ou menos R\$50,00 por mês, máximo R\$120,00, mínimo R\$10,00.

Gasta tudo com alimentação, material para artesanato, caderno, revistas, dízimo, roupas.

Sua pensão é administrada pela irmã e o dinheiro do bar também presta contas para a mesma.

V. Ganhos imateriais advindos do trabalho n'O Bar: tem a ver com a concretização

No final do ano escolheu um prato, preparou, serviu e todos souberam que foi ela que fez. Foi a primeira vez que fez sozinha (01/01/2010). Sempre ajudou na cozinha, mas desta vez tudo sozinha, era um prato pra acompanhar a carne. Fez também um bolo de chocolate para todos os familiares, as pessoas gostaram muito. As pessoas sabem que ela trabalha no bar, essa experiência comprovou sua capacidade. O trabalho no bar ajudou a ter iniciativa, ficou orgulhosa. A família fica satisfeita porque ela emagreceu, porque passou a cuidar da comida de outra maneira. A partir da experiência no bar passa a ajudar a irmã a fazer congelados para vender.

Helena, 45 anos (01/10/1964), do sexo feminino, com ensino fundamental completo, doméstica de profissão e renda proveniente de aposentadoria por invalidez R\$475,00 e d'O Bar Bibitãntã.

II. História de vida

Nasceu em Recife – PE, vive no Paraisópolis – SP na casa da mãe, com sua mãe e filha. Faz alianças no núcleo familiar com sua irmã, e tem conflitos no núcleo familiar com a mãe.

III. Trajetória no campo do trabalho

Chegou a São Paulo com 18 anos, com a mãe e irmão. Conheceu um homem, um vizinho no Paraisópolis, ele indicou para ela trabalhar em uma fábrica de tapetes (1982 a 1984). Trabalhou sem registro, fazia tapete das 8 às 16hs, pagavam só o transporte e não tinha comida. Preparava a tela manualmente, tecia a partir da tela da desenhista com mais 05 pessoas, demoravam 15 dias para fazer um tapete. A firma faliu. Durante o ano de 1985 trabalhou em uma creche, na limpeza, lavanderia, cozinha, levava as crianças na escola, ia buscar. Acordava às 5 horas da manhã para dar banho. Eram 04 pessoas para 40 crianças, conta que morava lá, só ia para casa de final de semana, neste trabalho era registrada, tinha direitos trabalhistas. Era ligada a um centro espírita. De

1986 a 1988 trabalhou em uma casa de uma família americana, morava lá, sem registro, limpava, lavava, passava, arrumava, lá que aprendeu a mexer na máquina de lavar roupa. Em 1988 engravida e para de trabalhar.

Quando a É. nasceu sua mãe toma conta do nenê e Helena tenta voltar ao trabalho, vai trabalhar de diarista em uma mansão no Morumbi, trabalhou um dia, “a mulher escravizava demais e eu fui embora”. Depois de um tempo foi trabalhar em uma chapelaria, onde trabalhava a noite sem registro, saía da chapelaria de madrugada e encontrava pessoas na rua, sai de lá por conta de ficar com medo de andar na rua pela madrugada, trabalhou dois anos. Depois foi trabalhar de doméstica, era bom, nem via a patroa, ela não reclamava. Saiu porque eles foram embora para os EUA.

Ficou um tempo desempregada. Aos 38 anos vai para o campo limpo, dorme, acorda e não sabe mais quando é, deu branco, acha que é algo que tinha que acontecer mesmo. Na família tem muitos casos, quase toda a família toma remédio controlado. Só queria beber leite, até que estourou, as vozes a mandavam ela tirar a roupa. Vai para o hospital Nossa Senhora de Fátima, 01 mês de internação, e depois vem para o CAPS Itaim, em 2007.

Estava sentada em um canto, quieta, com muita dificuldade financeira e a Célia se aproxima para conhecê-la e a chama para trabalhar no bar, fazer um estágio. Julia: “ela não tinha um centavo, chegava sem comer e eu pagava um cafezinho pra ela”. Também por indicação da Julia, quando começa a trabalhar no bar da entrada no INSS e consegue se aposentar.

O trabalho no bar é muito importante pra mim, pra minha saúde, ajudou a abrir a cabeça, entender muitas coisas, a ter amigas, carinho. Descasco cebola, choro, faço as coisas devagar, lavo a louça, os panos de prato, limpo fogão, descasco e pico tomate, cenoura, abóbora, ajudo a fazer bolos, fazer eventos, montar lanches, servir, da risada.

IV. Ganhos materiais advindos do trabalho n'O Bar: tem a ver com a possibilidade

Ganhou em dinheiro até hoje o máximo R\$ 800,00, mínimo R\$ 35,00.

Uma parte do dinheiro, metade do que ganha da pra mãe e gasta o outro montante com a filha. Com a aposentadoria paga um curso para a filha. Às vezes guarda um pouco para comprar roupas e coisas para si.

V. Ganhos imateriais advindos do trabalho n'O Bar: tem a ver com a concretização

Ganho tanta coisa, amizade, carinho, respeito, atenção. To me sentindo muito melhor sou mais alegre.

O tratamento é diferente do bar, esta no bar me ajuda a levar o tratamento a sério. O bar me deu força, animo coragem para viver. To me sentindo bem, auto-estima melhor, mais confiante, gostoso.

A minha irmã reconhece que estou muito melhor. Ajudou com a relação com a filha. No bar tenho amigas.

As pessoas da comunidade falam que esta melhor, mais falante. Não fala do bar porque diz que as pessoas não entenderiam como uma doida trabalha no bar?

Rodrigo, 45 (24/05/1964), sexo masculino, 2º grau completo, Técnico de Publicidade. Renda: Aposentadoria (R\$ 1.000 e pouco), mesada Pai 01 salário e o Bar BBTT.

II. História de vida

Nasceu em São Paulo – SP vive no bairro dos Jardins, na casa do Tio, não paga aluguel. Mora com a mãe e um tio (irmão da mãe). Faz alianças no núcleo familiar com a mãe, tio, avó e irmão mais velho. Tem conflitos no núcleo familiar com uma tia (irmã da mãe).

III. Trajetória no campo do trabalho

Em 1985- Trabalhou em uma editora, aos 19 anos. Auxiliar de escritório durante três anos com registro (das 8 às 18hs) SP. Saiu porque faliu. Em 1989- Construtora em Campinas, departamento de vendas com registro. Vendedor durante sete anos. Saiu devido corte de funcionários foi mandado embora. Em 1996- Boate do primo, promotor com registro noite (das 18 às 23hs), durante 02 anos. Volta para São Paulo, ficou sem trabalho e vai morar com a mãe e tio. Em 1998- Construtora Passarelli, processamento de dados com registro. Auxiliar de escritório durante três anos. Saiu devido corte de funcionário.

Início das crises: 2000 aos 35 anos. Perseguição, falava alto. 2000 a 2007 - Tratamento particular, início de medicações. 2002 a 2003 Itapira. 2005 a 2006 Embu.

Não trabalhou mais com registro.

2007- CAPS

2007 a 2008 - Bico na Bandeirante sem registro, contrato temporário.

Em 2008 procura as pessoas do Bar para trabalhar. Queria trabalhar, estava desempregado. O Bar ajuda no orçamento. Trabalha de servir e comprar.

IV. Ganhos materiais advindos do trabalho n'O Bar: tem a ver com a possibilidade

Ganhou em dinheiro até hoje o máximo de R\$ 140.00 / e o mínimo de R\$ 20.00.

Ajuda a pagar coisas na padaria e algumas coisas para mãe. Tem uma filha de 16 anos, contribui mensalmente.

V. Ganhos imateriais advindos do trabalho n'O Bar: tem a ver com a concretização

Ganhou experiência em trabalho que nunca tinha realizado na vida. O trabalho ajuda a controlar a crise, no trabalho não posso ficar doido, tenho que trabalhar. Se trabalhasse o tempo todo não teria crise, tem que dar conta, sentia isso em campinas também.

A família acha que ele está mais calmo, menos agitado. Os amigos dizem que é legal ele trabalhar no Bar.

Do que gosta no trabalho. Gosta das pessoas, não tem o que não é bom.

Julia, 54 (07/09/1955), sexo feminino, ensino fundamental incompleto. Auxiliar de escritório. Renda proveniente d'O Bar Bibitã e ajuda da filha.

II. História de vida

Nasceu em Recife – PE. Vive em Tabuão da Serra, em casa própria com a filha. Faz alianças no núcleo familiar com a filha e não tem conflitos no núcleo familiar.

III. Trajetória no campo do trabalho

Em Recife Julia presenciou o assassinato da mãe quando tinha sete meses. Uma mulher a trouxe para São Paulo foi criada com irmãos da família do Circo Garcia, trabalhava na casa, não deixavam estudar. Com 15 anos fugiu se sentia escrava, juntou dinheiro e alugou um quarto. Em 1970, quando tinha 15 anos, após fugir da casa em que trabalhava e morava foi trabalhar na casa de uma família em São Paulo, com registro. Durante 11 anos trabalhou para esta família, fazia tudo, lavava, passava, cozinhava, dama de companhia para patroa, morava lá. Casou e saiu. Com 27 anos teve o 1º filho, L. Vendia vidro e pano de prato em feiras, quando teve o filho parou de ir às feiras. Teve a 2ª filha. Saiu para procurar trabalho, foi bater em um prédio para perguntar se o porteiro conhecia alguém que precisava de empregada, começou a passar roupa, passou a trabalhar em varias casas no prédio. Com um dos moradores, com quem começou a passar roupas criou vínculo forte e foi trabalhar no escritório do marido da patroa. Trabalhou para eles 19 anos, fazia tudo, de escritório até comida, limpeza. Passou a ser quase da família. Durante um tempo começou a ficar diferente, quieta, calada, isolada, perseguida, vigiada, escutando tiros, pessoas querendo matá-la, achava que sabia demais, sem comer, no escuro. Foi afastada do trabalho.

Um dia acordou no hospital da Lapa e chegou ao CAPS, em 2006.

Separada há 16 anos, ele mora em uma casa no mesmo quintal com outra mulher.

Eu via as meninas fazendo as comidas, teve um evento no CAPS que comeu as comidas e foi atrás de pessoas para trabalhar também. Deu sorte, quando entrei tinha vários eventos e já comecei a trabalhar fora. Eu que sou a mãe de todo mundo aqui, ajudo as pessoas na cozinha. Eu não tinha nenhum benefício e trabalhando no Bar eu podia ajudar em casa. Chego ao fim do ano passado eu achei que não ia ter dinheiro nenhum e ganhei R\$1000. A coisa melhor do mundo, eu faço o que eu gosto, adoro cozinhar, é o que mais gosto da minha vida.

IV. Ganhos materiais advindos do trabalho n'O Bar: tem a ver com a possibilidade

Ganhou em dinheiro o máximo de R\$1000 e o mínimo de R\$70,00. Compras para casa, presentes para família, roupas para ela, calcinha, paga contas de água, luz, telefone e também guarda.

V. Ganhos imateriais advindos do trabalho n'O Bar: tem a ver com a concretização

Ensinou-me que existem qualidades e defeitos com todas as pessoas. Aprendi a lidar coma diferença. Cada um é do jeito que é. Tenho grandes amigas que me amam e que eu amo. Relação com familiares

A minha família ta muito feliz de eu estar trabalhando, ganhando meu próprio dinheiro, me cuidando.

A amiga ate chorou de tão feliz que ficou.

Se não fosse o Bar não tinha trabalho. A vida lá fora não é assim, agente não divide o dinheiro. Eles tiram o deles e não querem saber. Os bufês lá fora não são iguais o Bar, não é compartilhado como a gente faz. Fui conversar com um dono de bufê e quando contei como a gente trabalhava, ele falou assim: A senhora fica lá porque a gente não trabalha assim, é muito bonito o trabalho de vocês.

Ruth, 50 anos (23/08/1959), do sexo feminino, estudou até a 5ª série, é Manicure e sua renda hoje vem d'O Bar Bibitantã.

II. História de vida

Nasceu em Recife – PE. Hoje vive em São Paulo num albergue em Pinheiros (40 pessoas), sozinha sem família. Diz que vive com O Bar e o CAPS. Faz alianças no núcleo familiar: 10 Irmãos, penúltima filha, não têm contato com nenhum desde os seis anos.

III. Trajetória no campo do trabalho

Começou a trabalhar com seis anos, foi abandonada pela mãe no mercado municipal, uma moça a pegou e levou para morar com ela. Lá cozinhou, lavava roupas, cultivava fumo. Morou com essa mulher que a fazia de escrava ate os 15 anos (trabalho infantil), sem ganhar nada. Com 15 anos aumentou a idade no RG para poder ficar livre. Na verdade tem 44 anos. Saiu de Arapiraca e foi para Piaçã do Sul, trabalhou na casa do prefeito (trabalho escravo também), trabalhou de graça, não ficou mais de dois anos. Saiu a noite sem paradeiro, foi para a casa de uma mulher que pagava 100 cruzeiros (na época). Estudou ate a 5ª série. Com 16 anos saiu da casa do prefeito com mais de 12hrs por dia de trabalho (ficou mais ou menos um ano). Foi para Maceió trabalhar como manicure, começou a morar na pensão pagava 20 cruzeiros por mês. Sofreu um estupro com 18 anos, saiu tarde da noite do trabalho. Veio para RJ com mais de 18 anos junto com seu N., morou na casa dele. Cuidadora de uma senhora de idade. Voltou para Alagoas e conheceu o pai dos filhos. Ai veio para São Paulo e ele morreu, era alcoólatra. Faleceu em 14/02/2000. Moravam na estrada velha de Santos (Riacho Grande). E sempre trabalhando como manicure. Tinha uma casa que a irmã do prefeito deu. Filho morreu 21/02/2000 com três meses Pedro nasceu prematuro. Os traficantes invadiram o alojamento e um pessoal da fundação criança a colocou no albergue. Onde começou ficar agressiva e foi encaminhada para o CAPS.

A. de 1994, B. de 1996, J. de 1999 e V. de 2003 (são os filhos). V. mora com pai em São Bernardo, os outros em abrigo.

Entrou no Bar porque fez um bolo de aipim e gostaram. AL perguntou para Julia e Maria o que achavam dela entrar. Passou por um evento de experiência.

Fala que estava virando um “bicho”, a equipe do Bar ajudou, as meninas ajudaram. No Bar é muito bom porque você esquece seu passado, futuro, presente, só pensa em você e nos filhos. Agente lava a louça, serve nos eventos, faz carne, tortinha. 1º teste foi servir (R. Bahia). A equipe do Bar ajudou a não me matar, porque já estava pensando nisso. Não tem salário fixo foi um acordo no começo.

IV. Ganhos materiais advindos do trabalho n'O Bar: tem a ver com a possibilidade

Ganha em dinheiro: Maximo R\$800,00 e mínimo R\$20,00.

Gasto porque compro vestido, calcinha, sutiã, presente para B., jóia, batom, coisas de manicure.

V. Ganhos imateriais advindos do trabalho n'O Bar: tem a ver com a concretização

Ganhei muitas coisas boas, mudou em mim, sei me expressar mais não sou agressiva, mudei muito, era uma pessoa agressiva não sou mais. Minha vida mudou. Aqui é bom pelas amizades e a força que dão a gente. Não teve nada de ruim no Bar.

Matilde, 37 anos (31/08/1972). Estudou até a 4ª série. Profissão: Faxineira. Renda: Benefício (LOAS) e Bar Bibitantã: 475+130+300+100= 1000,00.

II. História de vida

Nasceu em São Paulo - SP. Vive na Vila Olímpia, favela da Funchal. Casa própria, barraco, sozinha. Não faz alianças no núcleo familiar: "Ninguém me ajuda eu que ajudo eles". Tem conflitos no núcleo familiar com M. (irmã).

III. Trajetória no campo do trabalho

Começou a trabalhar com 15 anos, em 1996, de limpeza com a mãe. Na firma onde a mãe era encarregada ela foi trabalhar de faxineira. Era registrada mesmo menor de idade. Estudava de manhã e trabalhava à noite. Trabalhou durante dois anos, com registro. Depois na empresa Beta limp, também como faxineira, limpava as mesas, passava aspirador, limpava banheiro e tirava lixo. Dois anos, com registro. Nasceu a J. Depois da licença trabalhou mais um tempo e foi demitida não sabe dizer por que. Na empresa Bombril trabalhou um ano e meio com registro (faxineira e copeira). Nasce a JÁ. Quando sai da Bombril tinha mais ou menos 21 anos. Morte da mãe. Caiu doente, depressão. Um ano sem sair de casa, no escuro, jogava as roupas fora, via bichos na comida, com medo das pessoas. A mãe já tinha morrido há algum tempo, diz que não conheceu as meninas. Pelo jeito ficou muitos anos doente, nem se deu conta. Cerca de dez anos. Teve o 3º filho com 31 anos, tomou uma surra do irmão de facão. Ficou um palito de fósforo, zumbi. A irmã só dava comida, alucinações visuais e sinestésicas. Pai morre em 2001. Vem 2005 com M. e com a E., conselheira do Conselho tutelar, quem mobilizou a família para trazê-la para o CAPS.

Se meteu na história de fazer lanche. Porque gostou do serviço, das pessoas, do jeito de trabalhar. Todo mundo unido, um vai ensinando pro outro e aprendendo. Lavar louça, varrer chão, corta cebola, tomate, ralar cenoura, só não sei mexer com carne. Servir para fora quando tem muita gente da vergonha. Não tem o que não gosto aqui dentro.

IV. Ganhos materiais advindos do trabalho n'O Bar: tem a ver com a possibilidade

Maximo R\$ 260,00 / Mínimo R\$ 90,00/ 50,00)

O dinheiro do Bar é todo dela, compra calcinha, sutiã, sapato, roupa, comida, sabão em pó, gás.

Isso é trabalho.

V. Ganhos imateriais advindos do trabalho n'O Bar: tem a ver com a concretização

Confiança.

Não conta para família para não dar o dinheiro pra elas.

Consegue falar que está trabalhando, reconhecimento das pessoas.

Maria, 49 anos (14/09/1960). Sexo: feminino. Estudou até a 6ª série. Profissão: Auxiliar de limpeza. Renda: Benefício auxiliar doença (570,00) e O Bar Bibitãntã.

II. História de vida

Nasceu em Cícero Dantas - Bahia. Vive no Capão Redondo - SP, de aluguel, 170,00 (dois quartos e um banheiro), mora com duas filhas, uma neta e um genro. Faz alianças no núcleo familiar: N. e Iv. (filhas). E tem conflitos no núcleo familiar com o ex-marido.

III. Trajetória no campo do trabalho

Chega a SP maio de 78. Na Bahia vendia comida com a mãe nas barracas. Casou na Bahia em fevereiro de 78. Passou um tempo sem trabalhar porque o marido não queria.

1ª filha, 78 Iv.; 2ª filha, 80 Ir.; 3ª filha, 85 F.

Passa um tempo indo e vindo da Bahia, sempre trabalhando com comida, vendendo o que produzia, e encomendas. Em 1991, com 31 anos começou a trabalhar em uma lavanderia, como faxineira com registro 9hrs /dia com almoço. Vendia salgados na lavanderia, os primeiros três meses o marido para de falar com ela, trabalhou durante dez meses.

1992-Volta pra Bahia (03 a 04 anos). Vendia bolo na porta de casa e do colégio. 1995- Volta para São Paulo. Sempre vendendo comida.

Amigo do irmão chama pra trabalhar em casa de família, Piraporinha durante 10 meses sem registro (10 às 23hs), o ex-marido não queria que ela trabalhasse. Para um tempo de trabalhar, vende comida, encomendas.

Trabalhava em casa de família sem registro. Trabalhava na limpeza na Brigadeiro, com registro, 7hs por dia. Petrobras, empresas California e opção. 01 ano e um mês. Pede pra ser mandada embora.

Um tempo com as encomendas. Auxiliar de costura. As filhas começam a trabalhar. 1998- 3 gravidez, 03 perdas em 1 ano.

Chamada por uma amiga para tentar vaga no Pires. Não aceito o trabalho porque era a noite na Republica. O marido quase bateu porque ela não aceito o trabalho. Vai tentar vaga no de novo, folguista na Pires, no escritório da Tigre, depois no escritório FMU, com registro durante dois anos e sete meses. Fazia encomendas bolos, docinhos e salgados. 2000/ 2001- organizava a comida de festas, nove meses, sem dinheiro começou a vender cachorro quente, mas não deu certo.

2002- Casa de família sem registro durante cinco meses. Consegue no Pires novamente, folguista. Efetivada no Top Center durante seis meses.

2002/ 2003- Câmeras, perseguida, jogava lixo no chão, xingava as pessoas. Quando perdeu o 2º filho foi encaminhada para acompanhamento psiquiatra, 98.

2004- Chega ao CAPS, a mãe vem da Bahia e a trás pra cá. Pega um atestado de 16 dias e F foi com a mãe na firma pra entrar na caixa. O posto Magaldi que a encaminha para o CAPS. Entra na caixa.

Só queria dormir, nem lembra o que falava. Foi em 2006. Vivia dormindo por ai. Chamavam pra eu vir no Bar porque tinha feito um beijinho no Natal.

O trabalho é muito bom. Quando eu fui chamada pensei que não era pra ganhar dinheiro, quando viu que ia ganhar dinheiro achou muito bom.

IV. Ganhos materiais advindos do trabalho n'O Bar: tem a ver com a possibilidade

Quanto ganhou em dinheiro: Maximo R\$800,00/ Min. R\$120,00.

Ajudo na despesa da casa, compro roupa para mim. As despesas da casa são minhas, compro coisas para minhas netas, ajudo minhas filhas, penso em mim, como o que tenho vontade, passagens para Bahia. O dinheiro ajudou no tratamento da filha durante a gravidez.

V. Ganhos imateriais advindos do trabalho n'O Bar: tem a ver com a concretização

Ganhei mais conhecimento, perdi timidez, aprendi a ignorar certas coisas, falar melhor com as pessoas, pensar mais em si.

Uma aprendizagem, se eu chegar tarde é que eu to no Bar.

Os amigos acham muito bom que tenha mudado que esta trabalhando, se cuidando.

Aprendem novas receitas, amizades. É uma ajuda para doença e financeira. Quando a gente ta com problema têm sempre alguém que ajudar. O dinheiro a gente sabe que quando faz ganha e quando não faz não ganha.

Filippo, 33 anos (28/04/1976). 2º grau completo. Profissão: Autônomo (bufê, pintura e alugueis). Renda: Alugueis e O Bar Bibitãtã.

II. História de vida

Nasceu em São Paulo - SP, hoje vive em Pinheiros, sozinho, em casa própria. Não faz alianças no núcleo familiar. Tem conflitos no núcleo familiar com cinco primos por parte de pai, uma vizinha, duas amantes do seu pai e irmãos também por parte de pai.

III. Trajetória no campo do trabalho

Desde criança queria experimentar tudo. Trabalhou uma vez, era menor de idade, em uma empresa que fazia maquetes de avião e helicóptero durante 01 mês. Durante muito tempo ate a morte do pai em 94, trabalhava junto com ele nos bares que ele tinha em Pinheiros e Santo Amaro, balcão, caixa e compras.

Após a morte do pai, a família, primos tomaram conta dos estabelecimentos e ele e a mãe viviam de alugueis. Nunca mais procurou trabalho. Cuidou da mãe desde pequeno ate a morte dela. As crises da mãe aconteciam desde que ele era pequeno, armava barracos na escola e a escola o encaminhava para psicologia, fez poucos atendimentos e parou. Depois da morte do pai os conflitos ficaram maiores, o pai sempre bateu nela quando ela tinha as crises. "Parece que eu reproduzia o que ele fazia". Só os dois sem nenhuma atividade, 18 anos. Neste

momento a mãe que recebia os alugueis, fazia mercado, não saía, não tinha vida social. Aos 21 nos foi a 1ª internação do Filippo, sempre por agressões a mãe, Água Funda, vizinhança, polícia. Durante um mês. Em 1999, aos 23 anos foi encaminhado para HD Lapa, ficou pouco tempo, foi encaminhado para posto e não foi mais. Aos 25 anos foi levado ao PS Lapa, os psiquiatras não internaram, falaram que não caso para internação. Em 2003 durante uma crise da mãe que se interna no HC, sempre machucada pelo Filippo, é encaminhada para Nossa Senhora do Caminho, fica três meses com tratamento de eletroconvulsoterapia. Quando volta para casa, muito debilitada, fraca, caindo, demandando mais cuidados. O Fabio diz que estava no limite e agride novamente. Morte da mãe. Liga no HD- Lapa que havia se tornado CAPS infantil e o encaminharam para o CAPS Itaim Bibi.

2004- Começa tratamento CAPS Itaim.

Começou a se interessar pela discussão do trabalho, um grupo de participar de um grupo e fazer coisas. Sócio Fundador. Começou a trabalhar n'O Bar porque abriu a possibilidade de produzir coisas, trabalhar. O seu trabalho n'O Bar é bom, melhorou muito minha auto estima, fazer coisas em grupo. Manuseando alimentos, limpando. Experimentando coisas novas, ajudando e sendo ajudado. As coisas que faço dependo da organização do grupo, o que não gosto muito é de servir, de estar com público como garçom.

IV. Ganhos materiais advindos do trabalho n'O Bar: tem a ver com a possibilidade

Ganhou em dinheiro até hoje o máximo de R\$ 700,00 e o mínimo de R\$ 20,00

Paga contas, vai pra balada, compra roupas, sapato, coisas para casa, gás, comida, produto de higiene e limpeza.

V. Ganhos imateriais advindos do trabalho n'O Bar: tem a ver com a concretização

Relacionar-me com as pessoas, contato social, amizades. Amadurecimento, processo. -“Quando chego ao Bar descubro que não estou mais só”. Ajudou a estimular a cuidar da casa, fazer minha comida, arrumar uma geladeira, ligar o fogão, passa a cuidar mais da alimentação. -“Se eu faço aqui no Bar, por que não posso fazer pra mim”. É importante, a gente pensa que não é capaz é consegue.

A família sabe, mas não fala nada, eles não dão muita importância, também não faço questão.

As pessoas acham que é bom, que faz diferença pra mim.

Gosto de trabalhar na cozinha, de ajudar.

Faz diferença o jeito que a gente se organiza? Um ajuda o outro, ensina, dá dicas. Da saudade das pessoas, C, F. O que a gente constrói nesse grupo é importante, convívio e relações de amizade.

Pedro, 37 anos (12/06/1972), estudou até a 7ª série do ensino fundamental. É Técnico Mecânico. Renda: Benefício (Loas) e d'O Bar Bibitã.

II. História de vida

Nasceu em São Paulo, onde vive até hoje, com a mãe, a irmã e um dos irmãos, em casa própria. Faz alianças no núcleo familiar: Mãe e Primo Jr.

Com quem tem conflitos no núcleo familiar: C (irmão)

III. Trajetória no campo do trabalho

Quais são as experiências de trabalho anteriores a'O Bar

Com aproximadamente 14 anos começa a trabalhar de Office Boy – Rossi Residencial, com registro trabalha cerca de um ano e meio.

Aos 16 anos trabalha de Office Boy e auxiliar de marketing, com registro, na empresa Wandel e Gotterman, durante 1 ano e meio. Saiu por causa da fase do exercício.

Nesta fase começa a trabalhar com o pai como funileiro, mais ou menos 1 ano

Depois sai para trabalhar de ajudante de mecânico - aproximadamente com 18 anos vai trabalhar na Porche, com registro, fica lá durante 9 meses – É dispensado não sabe dizer porque.

Também como auxiliar de mecânico vai trabalhar na Oficina do Leandro, sem registro, fica lá durante 1 ano e 7 meses.

Começa a trabalhar de Mecânico em oficina de carros importados, com registro, durante 2 anos. Depois disso vai trabalhar de Mecânico na Craisler, com registro durante 9 meses. Também de Mecânico na Renault, com registro, durante 1 ano e meio. Fica um bom tempo desempregado.

Em 2002 vai trabalhar de mecânico na Pirelli – Registrado – 2002. Trabalha os 3 meses só experiência – teve uma confusão com um colega acabou entregando o chefe que tinha comportamento arrogante e bebia em horário de serviço. Fica desempregado.

Antes a família já o tratava como louco – Neste período a família o colocou em uma casa de recuperação – ele foge. A 1ª crise em 2004 – Separação da filha, família querendo mandar em tudo, subiu muita coisa para cabeça (família, filha e emprego) – ficou internado mais ou menos 3 meses – em Osasco.

Vem para o CAPS em 2005

OBS: morte do pai. Não se lembra quando, quando tinha mais ou menos 17 anos.

Ninguém contou da doença do pai (câncer). Todo mundo sabia. Depois da morte do pai ficou sabendo que a mãe esta namorando. Não aceitava isso foi uma bomba.

Como entrou na equipe de trabalhadores d'O Bar

É Sócio fundador d'O Bar, começa em um evento, foi a 1ª experiência – no Masp – venda de cafezinho junto com A., a partir daí entra para a equipe do Bar, o A. que convidou.

Porque começou a trabalhar n'O Bar

"Me senti bem entre vocês, me senti útil". Surpreendeu que conseguia vender e se divertir.

Como é seu trabalho n'O Bar

É um trabalho cheio de responsabilidade, com diversão, aprendizado.

Servir bem as pessoas, com educação, ser paciente.

No começo servir, depois na cozinha limpando, aprendendo a cozinhar junto com a F, depois conhecemos a C, organizar nossos produtos. Estar atento nas reuniões de 5ªf. Fazer compras. Vamos melhorar com o tempo se caminhar juntos.

IV. Ganhos materiais advindos do trabalho n'O Bar: tem a ver com a possibilidade

Quanto ganha em dinheiro

Máximo R\$ 800 / Mínimo R\$ 50

Quanto consome / Acesso a bens materiais

Gasta com comida, ajudando em casa, roupa, ajuda nos estudos da filha, engorda a popança da filha.

No inicio em 2006 dava todo o dinheiro para sua mãe e ela controlava o que ia pra filha, o que gastava dentro de casa.

Com o tempo ele passou a controlar o dinheiro.

Viu que estava tendo um pouco de egoísmo da família, começou a desconfiar. Hoje ele decide como gastar.

V. Ganhos imateriais advindos do trabalho n'O Bar: tem a ver com a concretização

Amizades gostosas, confiança, novos amigos, reconhecimento, ganhou auto estima que ajuda na terapia, "re-vivi". Reconhecimento de que voltou a ser o mesmo C de antes de ser internado, mais seguro.

Sonho com o Bibi Móvel. Conhecer lugares diferentes, se locomover por SP.

As pessoas admiram o trabalho no Bar e quatro amigos, família quer conhecer.

Gosta principalmente de estar perto das pessoas, é um trabalho diferente de tudo, mecânico com comida não dá samba.

Tem união, resolvemos nossos problemas entre nós, diz que é o que falta na família dele.

Antonio, 34 anos (20/05/1975), estudou até o 5º E.F. Profissão: Ajudante de cozinha. Renda: O Bar Bibitãtã

II. História de vida

Nasceu em São Paulo - S.P, vive: Vila Sônia de aluguel, com a esposa e filha. Faz alianças no núcleo familiar: com o irmão (Araçatuba), irmã (SP) e irmã de minas.

III. Trajetória no campo do trabalho

Começou aos 11 anos como vendedor de limão na feira, ia sozinho, precisava ajudar a família. Dava o que ganhava para a mãe. Aos 17 anos vai para Recife com a mãe e o irmão, eles voltam e ele fica lá com uma tia mais ou menos 7 anos. Dos 17 aos 24 anos trabalhou como camelô, vendedor de CDs, DVDs. Também em banca de comida na feira, como ajudante de cozinha. Aos 24 anos volta para São Paulo, depois que a tia faleceu, com 99 anos. Foi trabalhar de ajudante de cozinha, sem registro, em uma lanchonete, mais ou menos 3 anos e meio, lavava panelas, cortava legumes, de tudo um pouco. Saiu para procurar trabalho com registro.

Nesta época vai morar com a T. Depois volta a trabalhar de camelô, vendendo Cds, Dvds, no viaduto do chá, Brás. Não tinha sócio, comprava e saía vendendo. Não tinha ponto fixo.

A primeira crise aconteceu quando ele tinha por volta de 30 anos, estava n sítio com a família, começou a chorar, ficar com medo. Voltou para a casa e não melhorou. Tentou suicídio 3 meses depois.

PS Mandaqui, PS Lapa. Encaminhado para o CAPS Butantã onde se trata até hj.

No CAPS Butantã tem uma cozinha onde L ajudava, uma técnica achou que ele trabalhava bem e o contou d'O Bar, ela o ajudou para chegar até O Bar. Veio na reunião e gostou. Se interessou porque ia ganhar dinheiro e o trabalho também era interessante. Gosta de trabalhar na cozinha.

Gosta muito do trabalho. Demos apoio quando mais precisou, mesmo com problemas foi aceito.

Ajuda na cozinha, corta legumes, verduras, lava panelas. Já serviu, vai para os eventos. Participa mais na cozinha d'O Bar. Nos eventos às vezes se sente sufocado, muita gente. Quando estamos juntos fica mais tranquilo, fica mais a vontade porque todo mundo tem problemas. No primeiro evento ficou mais apavorado, no segundo e terceiro ficou mais tranquilo. Ninguém é patrão de ninguém. Não da pra ficar esperando alguém mandar, tem que ir lá e fazer. As reuniões servem para se informar das coisas, saber dos eventos. Participou servindo, empacotando, no Curso de técnicos em espetáculo. Trabalhava bastante, mais era engraçado, jogava palitinho.

É bom trabalhar no Bar.

IV. Ganhos materiais advindos do trabalho n'O Bar: tem a ver com a possibilidade

Máximo R\$ 500,00 e Mínimo R\$ 20,00

Ajuda em casa. Da todo o dinheiro para a mulher, ajuda no aluguel, conta de água, luz. A esposa que administra. A mulher ganha mais do que ele e isso o incomoda, por isso da tudo pra ela.

Ela que administra as coisas, roupas, sapato. Ter uma renda ajudou muito, é bom chegar com dinheiro em casa.

V. Ganhos imateriais advindos do trabalho n'O Bar: tem a ver com a concretização

Se distrai trabalhando, bate papo, conversa sobre os problemas um do outro, fala besteira, da risada. Aprende a ser mais humilde, porque tem que colaborar com o outro. Se fica em casa parado parece que a doença vai voltando. Acredita que O Bar ajuda a não entrar em crise. Nunca parou o tratamento.

A família gosta, dá apoio, quando ele ficou doente queria distância da família.

Quando está no meio de amigos ou da família e o assunto é sobre trabalho ele tem como entrar na conversa e falar do próprio trabalho. Perguntam se não é lugar de doido, ele diz que é, mas que também tem problema.

Ficou mais calmo depois que entrou n'O Bar.

T liga, e L atende: "oi vida!", ela sempre acompanhou, teve paciência, é uma guerreira.

**Anexo 7 Relação dos Eventos contratados pel'O Bar Bibitantã, controle de fluxo de
entradas, saídas e saldo entre os anos de 2006 a 2009**

EVENTO	DATA	DESCRIÇÃO	ENTRADA	SAÍDA	SALDO
01	18/4/06	Inauguração d'O Bar Bibitantã	R\$ 374,10	R\$ 673,63	R\$(299,53)
02	13/5/06	Parada do Orgulho Louco	R\$ 242,00	R\$ 577,48	R\$(335,48)
03	18/5/06	Dia da Luta Antimanicomial no MASP	R\$ 196,25	R\$ 142,75	R\$ 53,50
04	23/6/06	Semana da Enfermagem - CA EEUSP	R\$ 1.080,00	R\$ 1.024,84	R\$ 55,16
05	10/7/06	Grupo de Pesquisa Emiko	R\$ 144,00	R\$ 91,00	R\$ 53,00
06	27/8/06	Tardes Culturais - Matriz Tupi	R\$ 541,00	R\$ 498,54	R\$ 42,46
07	25/9/06	Tardes Culturais - Matriz Lusa	R\$ 424,00	R\$ 596,32	R\$(172,32)
08	17/11/06	Semana da Consciência Negra - CA EEUSP	R\$ 900,00	R\$ 913,59	R\$(13,59)
09	18/11/06	Almoço Melanie	R\$ 50,00	R\$ 32,95	R\$ 17,05
10	26/11/06	Tardes Culturais - Matriz Afro	R\$ 495,00	R\$ 485,25	R\$ 9,75
11	13/12/06	Encontro Pesquisa EEUSP / jantar Anibal /CAPS Itaim	R\$ 820,00	R\$ 911,11	R\$ (91,11)
12	16/12/06	Tardes Culturais - Encontro e Desencontro	R\$ 500,00	R\$ 209,11	R\$ 290,89
13	24/12/06	Almoço de Natal do CAPS	R\$ -	R\$ -	R\$ -
14	1/1/07	Escolha do Samba do Cordão Bibitantã – 2007	R\$ -	R\$ -	R\$ -
15	24/1/07	Curso de Subjetividade – EEUSP	R\$ 266,00	R\$ 216,86	R\$ 49,14
16	24/1/07	Festa de Aniversário do Francisco	R\$ 270,00	R\$ 313,00	R\$ (43,00)
17	9/3/07	Tardes Culturais - Brasil Crioulo	R\$ 500,00	R\$ 419,82	R\$ 80,18
18	27/2/07	Defesa da Dissertação da Taia	R\$ 300,00	R\$ 323,84	R\$ (23,84)
19	13/3/07	Defesa da Dissertação da Lígia	R\$ 210,00	R\$ 249,28	R\$ (39,28)

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitantã, 2009.

20	28/3/07	Café da Manhã – CAPS	R\$ 120,00	R\$ 102,46	R\$ 17,54
21	27/4/07	Aniversário d'O Bar Bibitantã	R\$ 461,56	R\$ 17,90	R\$ 443,66
22	28/4/07	Tardes Culturais - Matriz Caboclo	R\$ 500,00	R\$ 514,05	R\$ (14,05)
23	15/5/07	Almoço da Supervisão – CAPS	R\$ 35,00	R\$ 34,80	R\$ 0,20
24	25/5/07	Festa do 18 de Maio	R\$ 674,00	R\$ 653,89	R\$ 20,11
25	25/5/07	Festa do João	R\$ 323,75	R\$ 305,10	R\$ 18,65
26	31/5/07	Aniversário do Dilson	R\$ 100,00	R\$ 195,00	R\$ (95,00)
27	11/6/07	Almoço dos Técnicos – Supervisão	R\$ 40,00	R\$ 35,02	R\$ 4,98
28	15/6/07	Festa Junina 2007 - CAPS Itaim	R\$ 426,20	R\$ 493,09	R\$ (66,89)
29	22/6/07	Tardes Culturais - Brasil Sertanejo	R\$ 500,00	R\$ 493,25	R\$ 6,75
30	29/6/07	Festa Junina dos Funcionários e Alunos da EEUSP	R\$ 976,50	R\$ 848,47	R\$ 128,03
31	11/8/07	Inauguração do Centro Cultural Popular da Consolação	R\$ 500,00	R\$ 462,98	R\$ 37,02
32	16/8/07	Festa do CCPC - Consolação I	R\$ 50,00	R\$ 17,33	R\$ 32,67
33	24/8/07	Festa do CCPC - Consolação II	R\$ 125,00	R\$ 200,29	R\$ (75,29)
34	26/8/07	Tardes Culturais - Brasil Caipira	R\$ 334,00	R\$ 346,13	R\$ (12,13)
35	13/9/07	I Encontro do Grupo Cultural do Cordão Carnavalesco Bibitantã	R\$ 50,00	R\$ 28,75	R\$ 21,25
36	13/9/07	Festa do CCPC - Consolação III	R\$ 40,00	R\$ 76,40	R\$ (36,40)
37	20/9/07	Festa de Aniversário do Tho	R\$ 1.500,00	R\$ 1.111,27	R\$ 388,73
38	20/9/07	Festa do CCPC - Consolação IV	R\$ 40,00	R\$ 30,10	R\$ 9,90
39	28/9/07	Casamento da Fernanda	R\$ 254,00	R\$ 94,00	R\$ 160,00
40	28/9/07	Festa do CCPC - Consolação V	R\$ 30,00	R\$ 147,59	R\$ (117,59)

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitantã, 2009.

41	5/10/07	Festa do CCPC - Consolação VI	R\$ 211,00	R\$ 214,47	R\$ (3,47)
42	8/10/07	Supervisão CAPS - Itaim Bibi	R\$ 35,00	R\$ 43,57	R\$ (8,57)
43	18/10/07	Semana da Consciência Negra - CA EEUSP	R\$ 600,00	R\$ 670,83	R\$ (70,83)
44	18/10/07	II Encontro do Grupo Cultural Carnavalesco do Cordão Bibitantã	R\$ 70,00	R\$ 70,00	R\$ -
45	30/10/07	Festa do CCPC - Consolação VII	R\$ 100,00	R\$ 857,52	R\$ (757,52)
46	30/10/07	Lançamento do Livro - Aliança Francesa	R\$ 1.000,00	R\$ 980,95	R\$ 19,05
47	23/11/07	III Encontro do Grupo Cultural Carnavalesco do Cordão Bibitantã	R\$ 70,00	R\$ 187,26	R\$ (117,26)
48	23/11/07	Livre Docência - Marina Peduzzi	R\$ 250,00	R\$ 250,00	R\$ -
49	23/11/07	Casamento do Rodrigo / Festa do CCPC - Consolação VIII	R\$ 149,00	R\$ 261,00	R\$ (112,00)
50	25/11/07	Tardes Culturais - Brasil Sulino	R\$ 500,00	R\$ 426,73	R\$ 73,27
51	13/12/07	Feijoada do Cordão Bibitantã	R\$ 1.347,00	R\$ 1.189,96	R\$ 157,04
52	13/12/07	Tardes Culturais – Última	R\$ 500,00	R\$ 698,00	R\$ (198,00)
53	14/12/07	Festa do CCPC - Consolação IX / Bazar Saci	R\$ 85,00	R\$ 86,84	R\$ (1,84)
54	15/2/08	Festa do CCPC - Consolação X / Vida em Ação	R\$ 75,00	R\$ 65,00	R\$ 10,00
55	29/2/08	Festa do CCPC - Consolação XI	R\$ 174,00	R\$ 131,53	R\$ 42,47
56	14/3/08	Inauguração do Centro de Diversidade	R\$ 1.500,00	R\$ 1.036,84	R\$ 463,16
57	23/3/08	Festa do CCPC - Consolação XII	R\$ 50,00	R\$ 25,82	R\$ 24,18
58	28/3/08	Encomenda da Eliana	R\$ 15,00	R\$ 15,00	R\$ -
59	28/3/08	Encomenda da Cláudia	R\$ 90,00	R\$ 90,00	R\$ -
60	8/4/08	Festa da Márcia Biancardi	R\$ 220,00	R\$ 275,52	R\$ (55,52)

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitantã, 2009.

61	10/5/08	Luta Antimanicomial - Manifestação Vera Cruz	R\$ 115,00	R\$ 115,00	R\$ -
62	13/5/08	Luta Antimanicomial - Biblioteca da Lapa	R\$ -	R\$ -	R\$ -
63	14/5/08	Aniversário do Bar Bibitantã – 2008	R\$ 243,00	R\$ 243,00	R\$ -
64	15/5/08	Música n'A Casa	R\$ 328,00	R\$ 308,23	R\$ 19,77
65	20/5/08	Centro de Diversidade II	R\$ 250,00	R\$ 585,25	R\$ (335,25)
66	5/6/08	Aniversário Ana Luisa	R\$ 145,00	R\$ 86,22	R\$ 58,78
67	5/6/08	Luta Antimanicomial - CA EEUSP	R\$ 250,00	R\$ 181,00	R\$ 69,00
68	13/6/08	Festa Junina CAPS Itaim	R\$ 259,56	R\$ 251,12	R\$ 8,44
69	16/6/08	Lançamento do Livro - Caetano de Campos	R\$ 600,00	R\$ 464,94	R\$ 135,06
70	18/8/08	Festa n'A Casa	R\$ 1.300,00	R\$ 1.276,08	R\$ 23,92
71	18/8/08	Aniversário do André	R\$ 150,00	R\$ 54,77	R\$ 95,23
72	18/8/08	Cordão Bibitantã	R\$ 150,00	R\$ 64,46	R\$ 85,54
73	18/8/08	Almoço dos Técnicos	R\$ 100,00	R\$ 549,57	R\$ (449,57)
74	15/11/08	Almoço do PT	R\$ 270,00	R\$ 271,50	R\$ (1,50)
75	29/11/08	Lançamento do Livro de Nise da Silveira - CAPS Itapeva	R\$ 380,00	R\$ 427,18	R\$ (47,18)
76	29/11/08	Posse do Conselho Gestor - CAPS Itaim	R\$ -	R\$ 54,84	R\$ (54,84)
77	22/12/08	Feijoada do Cordão Bibitantã	R\$ 1.759,50	R\$ 2.086,74	R\$ (327,24)
78	12/3/09	Curso de Economia Solidária e Saúde Mental	R\$ 700,00	R\$ 582,20	R\$ 117,80
79	20/3/09	Inauguração da Escola de Inglês	R\$ 1.125,00	R\$ 328,33	R\$ 796,67
80	21/3/09	Encontro do PT	R\$ 1.125,00	R\$ 1.871,08	R\$ (746,08)

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitantã, 2009.

81	20/5/09	Encomenda do CA XXXI de Outubro	R\$ 240,00	R\$ 240,40	R\$ (0,40)
82	23/5/09	I Feira de Saúde Mental e Economia Solidária	R\$ 437,00	R\$ 469,02	R\$ (32,02)
83	30/5/09	Evento Taboão da Serra - Cores da Vida	R\$ 1.400,00	R\$ 1.278,70	R\$ 121,30
84	5/6/09	Café da Manhã - Capacitação CAPS	R\$ 2.640,00	R\$ 2.321,67	R\$ 318,33
85	18/6/09	I Café da Manhã e Almoço – ASF	R\$ 420,00	R\$ 470,00	R\$ (50,00)
86	23/6/09	II Café da Manhã e Almoço – ASF	R\$ 420,00	R\$ 446,00	R\$ (26,00)
87	23/6/09	Lanches para o CAPS Lapa	R\$ 120,00	R\$ 127,35	R\$ (7,35)
88	4/7/09	Feijoada da Marta	R\$ 450,00	R\$ 453,41	R\$ (3,41)
89	4/7/09	Feijoada da Magda	R\$ 750,00	R\$ 57,50	R\$ 692,50
90	5/7/09	Bolo da Ana Cláudia	R\$ 135,00	R\$ 880,00	R\$ (745,00)
91	23/7/09	III Café da Manhã e Almoço – ASF	R\$ 514,50	R\$ 633,65	R\$ (119,15)
92	29/7/09	Capacitação CAPS Sapopemba	R\$ 1.690,00	R\$ 1.286,99	R\$ 403,01
93	27/8/09	Dia do PSI - SEDES – CRP	R\$ 3.916,00	R\$ 3.528,84	R\$ 387,16
94	6/10/09	Aniversário da Livia	R\$ 650,00	R\$ 707,68	R\$ (57,68)
95	21/10/09	CRP - Prêmio Bispo do Rosário	R\$ 715,15	R\$ 679,79	R\$ 35,36
96	4/12/09	II Feira de Saúde Mental e Economia Solidária Embu	R\$ -	R\$ 1.181,18	R\$ (1.181,18)
97	4/12/09	Seminário Internacional de Cooperativismo Social	R\$ 4.500,00	R\$ 599,12	R\$ 3.900,88
98	5/12/09	Seminário Álcool e Drogas	R\$ 4.500,00	R\$ 1.087,98	R\$ 3.412,02
99	12/12/09	CRP - Semana Irmã Cristina	R\$ 7.800,00	R\$ 2.456,39	R\$ 5.343,61
100	12/12/09	Feijoada para Escolha do Samba Cordão Bibitã	R\$ 1.320,00	R\$ 6.394,00	R\$ (5.074,00)
101	1/1/10	Fundo de Rateio - Ano 2010		R\$ 2.962,00	R\$ (2.962,00)
	TOTAL		R\$ 63.301,07	R\$ 59.527,26	R\$ 3.773,81

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitã, 2009.

**Anexo 8 Resumo Geral do Curso de Formação de Técnicos em Espetáculo, controle de
fluxo de entradas, saídas e saldo entre os anos de 2007 a 2009**

EVENTO	DATA	DESCRIÇÃO	ENTRADA	SAÍDA	SALDO
01	5/11/07	Técnico de Espetáculos - Novembro 2007	R\$ 5.040,00	R\$ 4.357,10	R\$ 682,90
02	2/12/07	Técnico de Espetáculos - Dezembro 2007	R\$ 5.040,00	R\$ 3.928,73	R\$ 1.111,27
03	5/1/08	Técnico de Espetáculos - Janeiro 2008	R\$ 6.480,00	R\$ 5.501,60	R\$ 978,40
04	1/2/08	Técnico de Espetáculos - Fevereiro 2008	R\$ 5.886,00	R\$ 4.796,40	R\$ 1.089,60
05	2/3/08	Técnico de Espetáculos - Março 2008	R\$ 6.270,00	R\$ 4.719,98	R\$ 1.550,02
06	1/4/08	Técnico de Espetáculos - Abril 2008	R\$ 3.200,00	R\$ 4.407,52	R\$(1.207,52)
07	12/5/08	Técnico de Espetáculos - Maio 2008	R\$ -	R\$ 738,47	R\$ (738,47)
08	2/6/08	Técnico de Espetáculos - Junho 2008	R\$ 3.654,00	R\$ 3.140,39	R\$ 513,61
09	2/7/08	Técnico de Espetáculos - Julho 2008	R\$ 9.948,00	R\$ 7.186,66	R\$ 2.761,34
10	4/8/08	Técnico de Espetáculos - Agosto 2008	R\$ 8.640,00	R\$ 6.383,18	R\$ 2.256,82
11	1/9/08	Técnico de Espetáculos - Setembro 2008	R\$ 8.310,00	R\$ 7.336,83	R\$ 973,17
12	3/10/08	Técnico de Espetáculos - Outubro 2008	R\$ 6.900,00	R\$ 5.074,67	R\$ 1.825,33
13	2/11/08	Técnico de Espetáculos - Novembro 2008	R\$ 6.000,00	R\$ 5.281,78	R\$ 718,22
14	3/11/08	Técnico de Espetáculos – Final Módulo II	R\$ 1.200,00	R\$ 1.059,54	R\$ 140,46
15	5/12/08	Técnico de Espetáculos - Dezembro 2008	R\$ 4.500,00	R\$ 3.167,17	R\$ 1.332,83
16	1/1/09	Técnico de Espetáculos - Fundo de Rateio	R\$ -	R\$ 3.216,00	R\$(3.216,00)
17	5/7/09	Técnico de Espetáculos – Julho 2009	R\$ 7.779,00	R\$ 7.231,89	R\$ 547,11
	TOTAL		R\$ 8.847,00	R\$ 77.527,91	R\$ 11.319,09

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitãtã, 2009.

**Anexo 9 Consolidado da movimentação financeira dos Eventos realizados pel'O Bar
Bibitantã, controle de fluxo de entradas, saídas e saldo entre os anos de
2006 a 2009**

ano	número de eventos	entrada	saída	saldo
2006	12	R\$ 5.766,35	R\$ 6.156,57	R\$(390,22)
2007	40	R\$ 13.543,01	R\$13.666,94	R\$ (123,93)
2008	24	R\$ 8.424,06	R\$ 8.659,61	R\$(235,55)
2009	24	R\$ 35.567,65	R\$ 31.043,28	R\$ 4.524,37
Total	100			

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitantã, 2009.

Anexo 10 Consolidado da movimentação financeira do Curso de Formação de Técnicos em Espetáculos executado pel'O Bar Bibitantã, controle de fluxo de entradas, saídas e saldo entre os anos de 2007 a 2009

ano	DESCRIÇÃO	ENTRADA	SAÍDA	SALDO
2007	Técnico de Espetáculos	R\$ 10.080,00	R\$ 8.285,83	R\$ 1.794,17
2008	Técnico de Espetáculos	R\$ 70.988,00	R\$ 58.794,19	R\$ 12.193,81
2009	Técnico de Espetáculos	R\$ 7.779,00	R\$ 10.447,89	R\$ (2668,89)
TOTAL				

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitantã, 2009.

Anexo 11 Consolidado da movimentação financeira geral d'O Bar Bibitantã, controle de fluxo de entradas, saídas e saldo entre os anos de 2007 a 2009

DESCRIÇÃO	ENTRADA	SAÍDA	SALDO
Geral Eventos	R\$ 63.301,07	R\$ 59.527,26	R\$ 3.773,81
Geral Técnico em Espetáculos	R\$ 88.847,00	R\$ 77.527,91	R\$ 11319,09
Total	R\$ 152.148,07	R\$ 137.055,17	R\$ 15.092,90

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitantã, 2009.

Anexo 12 Descrição dos ganhos por participação nos Eventos e no Curso de Formação de Técnico em Espetáculos, por trabalhador (a), entre os anos de 2006 a 2009

Guilherme

<i>Evento</i>	<i>Data</i>	<i>Descrição</i>	<i>Ganho</i>
68	13/6/08	Festa Junina CAPS Itaim - 2008	R\$ 2,00
73	18/8/08	Almoço dos Técnicos	R\$ 45,00
74	15/11/08	Almoço do PT	R\$ 20,00
77	22/12/08	Feijoada do Cordão Bibitã - 2008	R\$ 56,00
78	12/3/09	Curso de Economia Solidária e Saúde Mental	R\$ 52,80
80	21/3/09	Encontro do PT	R\$ 132,00
82	23/5/09	I Feira de Saúde Mental e Economia Solidária	R\$ 36,00
83	30/5/09	Evento Taboão da Serra - Cores da Vida	R\$ 30,00
84	5/6/09	Café da Manhã – Capacitação CAPS	R\$ 160,00
90	5/7/09	Bolo da Ana Cláudia	R\$ 108,00
93	27/8/09	Dia do PSI - SEDES – CRP	R\$ 75,00
94	6/10/09	Aniversário da Livia	R\$ 30,00
100	12/12/09	Feijoada para Escolha do Samba Carnaval 2010	R\$ 350,00
101	1/1/10	Fundo de Rateio - Ano 2010	R\$ 175,00
TOTAL			R\$ 1.271,80

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitã, 2009.

Guilherme

<i>Evento</i>	<i>Data</i>	<i>Descrição</i>	<i>Ganho</i>
08	2/6/08	Técnico de Espetáculos - Junho 2008	R\$ 15,00
09	1/7/08	Técnico de Espetáculos - Julho 2008	R\$ 85,00
10	4/8/08	Técnico de Espetáculos - Agosto 2008	R\$ 70,00
11	1/9/08	Técnico de Espetáculos - Setembro 2008	R\$ 120,00

12	3/10/08	Técnico de Espetáculos - Outubro 2008	R\$ 93,50
13	2/11/08	Técnico de Espetáculos - Novembro 2008	R\$ 76,50
14	3/11/08	Técnico de Espetáculos - Finalização Módulo II	R\$ 25,00
15	5/12/08	Técnico de Espetáculos - Dezembro 2008	R\$ 68,00
16	1/1/09	Técnico de Espetáculos - Fundo de Rateio - Ano 2008	R\$ 90,00
17	5/7/09	Técnico de Espetáculos - Julho 2009	R\$ 120,00
TOTAL			R\$ 763,00

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitãntã, 2009.

Maria Alice

Evento	Data	Descrição	Ganho
4	23/6/06	Semana da Enfermagem – CA EEUSP	R\$ 45,36
7	25/9/06	Tardes Culturais - Matriz Lusa	R\$ 37,80
8	17/11/06	Semana da Consciência Negra - CA EEUSP	R\$ 40,00
10	26/11/06	Tardes Culturais - Matriz Afro	R\$ 54,00
17	9/3/07	Tardes Culturais - Brasil Crioulo	R\$ 31,00
20	28/3/07	Café da Manhã – CAPS	R\$ 23,00
22	28/4/07	Tardes Culturais - Matriz Caboclo	R\$ 16,00
24	25/5/07	Festa do 18 de Maio	R\$ 24,30
25	25/5/07	Festa do João	R\$ 26,50
27	11/6/07	Almoço dos Técnicos - Supervisão	R\$ 10,00
28	15/6/07	Festa Junina 2007 - CAPS Itaim	R\$ 25,00
29	22/6/07	Tardes Culturais - Brasil Sertanejo	R\$ 30,00
34	26/8/07	Tardes Culturais - Brasil Caipira	R\$ 20,00
36	13/9/07	Festa do CCPC – Consolação III	R\$ 9,00
41	5/10/07	Festa do CCPC – Consolação VI	R\$ 15,00
52	13/12/07	Tardes Culturais – Última	R\$ 108,00
65	20/5/08	Centro de Diversidade II	R\$ 10,00
73	18/8/08	Almoço dos Técnicos	R\$ 15,00
74	15/11/08	Almoço do PT	R\$ 20,00

77	22/12/08	Feijoada do Cordão Bibitantã - 2008	R\$ 21,00
94	6/10/09	Aniversário da Livia	R\$ 30,00
100	12/12/09	Feijoada para Escolha do Samba Carnaval 2010	R\$ 84,00
101	1/1/10	Fundo de Rateio - Ano 2010	R\$ 42,00
TOTAL			R\$ 736,96

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitantã, 2009.

Maria Alice

Evento	Data	Descrição	Ganho
1	5/11/07	Técnico de Espetáculos - Novembro 2007	R\$ 60,00
2	2/12/07	Técnico de Espetáculos - Dezembro 2007	R\$ 80,00
3	5/1/08	Técnico de Espetáculos - Janeiro 2008	R\$ 30,00
6	1/4/08	Técnico de Espetáculos - Abril 2008	R\$ 20,00
9	1/7/08	Técnico de Espetáculos - Julho 2008	R\$ 60,00
10	4/8/08	Técnico de Espetáculos - Agosto 2008	R\$ 21,25
11	1/9/08	Técnico de Espetáculos - Setembro 2008	R\$ 8,50
13	2/11/08	Técnico de Espetáculos - Novembro 2008	R\$ 17,00
14	3/11/08	Técnico de Espetáculos - Finalização Módulo II	R\$ 20,00
16	1/1/09	Técnico de Espetáculos - Fundo de Rateio - Ano 2008	R\$ 23,00
17	5/7/09	Técnico de Espetáculos - Julho 2009	R\$ 35,00
TOTAL			R\$ 374,75

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitantã, 2009.

Helena

Evento	Data	Descrição	Ganho
55	29/2/08	Festa do CCPC – Consolação XI	R\$ 15,00
56	14/3/08	Inauguração do Centro de Diversidade	R\$ 140,00
60	8/4/08	Festa da Márcia Biancardi	R\$ 60,00
65	20/5/08	Centro de Diversidade II	R\$ 48,00

67	5/6/08	Luta Antimanicomial - CA EEUSP	R\$ 49,00
68	13/6/08	Festa Junina CAPS Itaim - 2008	R\$ 16,00
69	16/6/08	Lançamento do Livro - Caetano de Campos	R\$ 42,00
73	18/8/08	Almoço dos Técnicos	R\$ 66,00
74	15/11/08	Almoço do PT	R\$ 40,00
75	29/11/08	Lançamento do Livro de Nise de Silveira - CAPS Itapeva	R\$ 25,00
77	22/12/08	Feijoada do Cordão Bibitantã - 2008	R\$ 140,00
78	12/3/09	Curso de Economia Solidária e Saúde Mental	R\$ 70,60
80	21/3/09	Encontro do PT	R\$ 162,80
81	20/5/09	Encomenda do CA XXXI de Outubro	R\$ 30,00
82	23/5/09	I Feira de Saúde Mental e Economia Solidária	R\$ 64,00
83	30/5/09	Evento Taboão da Serra - Cores da Vida	R\$ 95,00
84	5/6/09	Café da Manhã – Capacitação CAPS	R\$ 160,00
86	23/6/09	II Café da Manhã e Almoço - ASF	R\$ 48,00
87	23/6/09	Lanches para o CAPS Lapa	R\$ 20,00
90	5/7/09	Bolo da Ana Cláudia	R\$ 116,00
91	23/7/09	III Café da Manhã e Almoço - ASF	R\$ 50,00
93	27/8/09	Dia do PSI - SEDES – CRP	R\$ 295,00
94	6/10/09	Aniversário da Livia	R\$ 60,00
95	21/10/09	CRP - Prêmio Bispo do Rosário	R\$ 215,00
100	12/12/09	Feijoada para Escolha do Samba Carnaval 2010	R\$ 800,00
101	1/1/10	Fundo de Rateio - Ano 2010	R\$ 400,00
TOTAL			R\$ 3.227,40

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitantã, 2009.

Helena

Evento	Data	Descrição	Helena
6	1/4/08	Técnico de Espetáculos - Abril 2008	R\$ 275,00
8	2/6/08	Técnico de Espetáculos - Junho 2008	R\$ 167,50

9	1/7/08	Técnico de Espetáculos - Julho 2008	R\$ 370,00
13	2/11/08	Técnico de Espetáculos - Novembro 2008	R\$ 301,75
14	3/11/08	Técnico de Espetáculos - Finalização Módulo II	R\$ 45,00
15	5/12/08	Técnico de Espetáculos - Dezembro 2008	R\$ 383,00
16	1/1/09	Técnico de Espetáculos - Fundo de Rateio - Ano 2008	R\$ 432,00
17	5/7/09	Técnico de Espetáculos - Julho 2009	R\$ 510,00
TOTAL			R\$ 2.484,25

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitã, 2009.

Rodrigo

Evento	Data	Descrição	Ganho
77	22/12/08	Feijoada do Cordão Bibitã - 2008	R\$ 56,00
80	21/3/09	Encontro do PT	R\$ 136,40
82	23/5/09	I Feira de Saúde Mental e Economia Solidária	R\$ 6,00
83	30/5/09	Evento Taboão da Serra - Cores da Vida	R\$ 75,00
84	5/6/09	Café da Manhã – Capacitação CAPS	R\$ 40,00
90	5/7/09	Bolo da Ana Cláudia	R\$ 108,00
93	27/8/09	Dia do PSI - SEDES – CRP	R\$ 75,00
100	12/12/09	Feijoada para Escolha do Samba Carnaval 2010	R\$ 100,00
101	1/1/10	Fundo de Rateio - Ano 2010	R\$ 50,00
TOTAL			R\$ 646,40

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitã, 2009.

Rodrigo

Evento	Data	Descrição	Ganho
13	2/11/08	Técnico de Espetáculos - Novembro 2008	R\$ 25,50
14	3/11/08	Técnico de Espetáculos - Finalização Módulo II	R\$ 25,00
15	5/12/08	Técnico de Espetáculos - Dezembro 2008	R\$ 42,00
16	1/1/09	Técnico de Espetáculos - Fundo de Rateio - Ano 2008	R\$ 23,00

17	5/7/09	Técnico de Espetáculos - Julho 2009	R\$ 80,00
TOTAL			R\$ 195,50

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitantã, 2009.

Júlia

Evento	Data	Descrição	Ganho
24	25/5/07	Festa do 18 de Maio	R\$ 45,90
25	25/5/07	Festa do João	R\$ 33,60
27	11/6/07	Almoço dos Técnicos – Supervisão	R\$ 10,00
28	15/6/07	Festa Junina 2007 - CAPS Itaim	R\$ 24,00
29	22/6/07	Tardes Culturais - Brasil Sertanejo	R\$ 38,50
30	29/6/07	Festa Junina dos Funcionários e Alunos da EEUSP – 2007	R\$ 64,00
31	11/8/07	Inauguração do Centro Cultural Popular da Consolação	R\$ 51,80
33	24/8/07	Festa do CCPC – Consolação II	R\$ 50,00
34	26/8/07	Tardes Culturais - Brasil Caipira	R\$ 36,00
36	13/9/07	Festa do CCPC – Consolação III	R\$ 25,00
37	20/9/07	Festa de Aniversário do Tho	R\$ 135,00
40	28/9/07	Festa do CCPC – Consolação V	R\$ 15,00
41	5/10/07	Festa do CCPC – Consolação VI	R\$ 20,00
42	8/10/07	Supervisão CAPS - Itaim Bibi	R\$ 10,00
43	18/10/07	Semana da Consciência Negra - CA EEUSP - 2007	R\$ 92,00
45	30/10/07	Festa do CCPC – Consolação VII	R\$ 23,00
46	30/10/07	Lançamento do Livro - Aliança Francesa	R\$ 49,00
49	23/11/07	Casamento do Rodrigo / Festa do CCPC - Consolação VIII	R\$ 41,00
52	13/12/07	Tardes Culturais – Última	R\$ 92,00
53	14/12/07	Festa do CCPC – Consolação IX / Bazar Saci	R\$ 15,00
54	15/2/08	Festa do CCPC – Consolação X / Vida em Ação	R\$ 15,00
55	29/2/08	Festa do CCPC – Consolação XI	R\$ 20,00
56	14/3/08	Inauguração do Centro de Diversidade	R\$ 200,00

60	8/4/08	Festa da Márcia Biancardi	R\$ 60,00
65	20/5/08	Centro de Diversidade II	R\$ 90,00
67	5/6/08	Luta Antimanicomial - CA EEUSP	R\$ 49,00
68	13/6/08	Festa Junina CAPS Itaim – 2008	R\$ 20,00
69	16/6/08	Lançamento do Livro - Caetano de Campos	R\$ 42,00
73	18/8/08	Almoço dos Técnicos	R\$ 69,00
74	15/11/08	Almoço do PT	R\$ 20,00
75	29/11/08	Lançamento do Livro de Nise de Silveira - CAPS Itapeva	R\$ 25,00
77	22/12/08	Feijoada do Cordão Bibitantã - 2008	R\$ 140,00
78	12/3/09	Curso de Economia Solidária e Saúde Mental	R\$ 206,20
80	21/3/09	Encontro do PT	R\$ 176,00
81	20/5/09	Encomenda do CA XXXI de Outubro	R\$ 30,00
82	23/5/09	I Feira de Saúde Mental e Economia Solidária	R\$ 28,00
83	30/5/09	Evento Taboão da Serra - Cores da Vida	R\$ 95,00
84	5/6/09	Café da Manhã – Capacitação CAPS	R\$ 200,00
85	18/6/09	I Café da Manhã e Almoço – ASF	R\$ 57,50
86	23/6/09	II Café da Manhã e Almoço – ASF	R\$ 48,00
87	23/6/09	Lanches para o CAPS Lapa	R\$ 20,00
90	5/7/09	Bolo da Ana Cláudia	R\$ 124,00
91	23/7/09	III Café da Manhã e Almoço – ASF	R\$ 50,00
92	29/7/09	Capacitação CAPS Sapopemba	R\$ 170,00
93	27/8/09	Dia do PSI - SEDES – CRP	R\$ 285,00
94	6/10/09	Aniversário da Livia	R\$ 85,00
100	12/12/09	Feijoada para Escolha do Samba Carnaval 2010	R\$ 1.000,00
101	1/1/10	Fundo de Rateio - Ano 2010	R\$ 500,00
TOTAL			R\$ 4.695,50

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitantã, 2009.

Júlia

Evento	Data	Descrição	Ganho
1	5/11/07	Técnico de Espetáculos - Novembro 2007	R\$ 320,00
2	2/12/07	Técnico de Espetáculos - Dezembro 2007	R\$ 230,00
3	5/1/08	Técnico de Espetáculos - Janeiro 2008	R\$ 500,00
4	1/2/08	Técnico de Espetáculos - Fevereiro 2008	R\$ 330,00
5	2/3/08	Técnico de Espetáculos - Março 2008	R\$ 415,00
6	1/4/08	Técnico de Espetáculos - Abril 2008	R\$ 260,00
8	2/6/08	Técnico de Espetáculos - Junho 2008	R\$ 180,00
9	1/7/08	Técnico de Espetáculos - Julho 2008	R\$ 493,00
10	4/8/08	Técnico de Espetáculos - Agosto 2008	R\$ 500,00
11	1/9/08	Técnico de Espetáculos - Setembro 2008	R\$ 680,00
12	3/10/08	Técnico de Espetáculos - Outubro 2008	R\$ 410,00
13	2/11/08	Técnico de Espetáculos - Novembro 2008	R\$ 454,75
14	3/11/08	Técnico de Espetáculos - Finalização Módulo II	R\$ 110,00
15	5/12/08	Técnico de Espetáculos - Dezembro 2008	R\$ 290,00
16	1/1/09	Técnico de Espetáculos - Fundo de Rateio - Ano 2008	R\$ 500,00
17	5/7/09	Técnico de Espetáculos - Julho 2009	R\$ 780,00
TOTAL			R\$ 6.452,75

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitãtã, 2009.

Ruth

Evento	Data	Descrição	Ganho
92	29/7/09	Capacitação CAPS Sapopemba	R\$ 120,00
93	27/8/09	Dia do PSI - SEDES – CRP	R\$ 135,00
94	6/10/09	Aniversário da Lívia	R\$ 55,00
100	12/12/09	Feijoada para Escolha do Samba Carnaval 2010	R\$ 860,00
101	1/1/10	Fundo de Rateio - Ano 2010	R\$ 430,00
TOTAL			R\$ 1.600,00

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitãtã, 2009.

Matilde

Evento	Data	Descrição	Ganho
04	23/6/06	Semana da Enfermagem – CA EEUSP	R\$ 37,50
05	10/7/06	Grupo de Pesquisa Emiko	R\$ 13,00
08	17/11/06	Semana da Consciência Negra - CA EEUSP	R\$ 40,00
10	26/11/06	Tardes Culturais - Matriz Afro	R\$ 10,80
11	13/12/06	I Encontro Pesquisa – ENS / Jantar Anibal / CAPS Itaim	R\$ 80,00
16	24/1/07	Festa de Aniversário do Francisco	R\$ 22,00
17	9/3/07	Tardes Culturais - Brasil Crioulo	R\$ 23,00
18	27/2/07	Defesa da Dissertação da Taia	R\$ 25,00
19	13/3/07	Defesa da Lígia	R\$ 24,30
22	28/4/07	Tardes Culturais - Matriz Caboclo	R\$ 32,00
23	15/5/07	Almoço da Supervisão – CAPS	R\$ 10,00
24	25/5/07	Festa do 18 de Maio	R\$ 48,60
25	25/5/07	Festa do João	R\$ 22,00
27	11/6/07	Almoço dos Técnicos – Supervisão	R\$ 5,00
28	15/6/07	Festa Junina 2007 - CAPS Itaim	R\$ 36,00
29	22/6/07	Tardes Culturais - Brasil Sertanejo	R\$ 14,00
30	29/6/07	Festa Junina dos Funcionários e Alunos da EEUSP – 2007	R\$ 64,00
31	11/8/07	Inauguração do Centro Cultural Popular da Consolação	R\$ 38,85
33	24/8/07	Festa do CCPC – Consolação II	R\$ 22,00
34	26/8/07	Tardes Culturais - Brasil Caipira	R\$ 36,00
37	20/9/07	Festa de Aniversário do Tho	R\$ 117,00
40	28/9/07	Festa do CCPC – Consolação V	R\$ 15,00
41	5/10/07	Festa do CCPC – Consolação VI	R\$ 15,00
42	8/10/07	Supervisão CAPS - Itaim Bibi	R\$ 10,00
43	18/10/07	Semana da Consciência Negra - CA EEUSP - 2007	R\$ 36,80
45	30/10/07	Festa do CCPC – Consolação VII	R\$ 15,00

46	30/10/07	Lançamento do Livro - Aliança Francesa	R\$ 62,00
49	23/11/07	Casamento do Rodrigo / Festa do CCPC - Consolação VIII	R\$ 18,00
52	13/12/07	Tardes Culturais – Última	R\$ 12,00
56	14/3/08	Inauguração do Centro de Diversidade	R\$ 10,00
60	8/4/08	Festa da Márcia Biancardi	R\$ 20,00
65	20/5/08	Centro de Diversidade II	R\$ 26,00
73	18/8/08	Almoço dos Técnicos	R\$ 60,00
75	29/11/08	Lançamento do Livro de Nise de Silveira - CAPS Itapeva	R\$ 25,00
77	22/12/08	Feijoada do Cordão Bibitantã - 2008	R\$ 126,00
78	12/3/09	Curso de Economia Solidária e Saúde Mental	R\$ 37,80
80	21/3/09	Encontro do PT	R\$ 189,20
81	20/5/09	Encomenda do CA XXXI de Outubro	R\$ 30,00
82	23/5/09	I Feira de Saúde Mental e Economia Solidária	R\$ 56,00
83	30/5/09	Evento Taboão da Serra - Cores da Vida	R\$ 45,00
87	23/6/09	Lanches para o CAPS Lapa	R\$ 20,00
90	5/7/09	Bolo da Ana Cláudia	R\$ 48,00
92	29/7/09	Capacitação CAPS Sapopemba	R\$ 60,00
93	27/8/09	Dia do PSI - SEDES – CRP	R\$ 260,00
94	6/10/09	Aniversário da Livia	R\$ 35,00
100	12/12/09	Feijoada para Escolha do Samba Carnaval 2010	R\$ 400,00
101	1/1/10	Fundo de Rateio - Ano 2010	R\$ 200,00
TOTAL			R\$ 2.552,85

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitantã, 2009.

Matilde

Evento	Data	Descrição	Ganho
01	5/11/07	Técnico de Espetáculos - Novembro 2007	R\$ 50,00
02	2/12/07	Técnico de Espetáculos - Dezembro 2007	R\$ 90,00
03	5/1/08	Técnico de Espetáculos - Janeiro 2008	R\$ 100,00

04	1/2/08	Técnico de Espetáculos - Fevereiro 2008	R\$ 75,00
05	2/3/08	Técnico de Espetáculos - Março 2008	R\$ 70,00
06	1/4/08	Técnico de Espetáculos - Abril 2008	R\$ 105,00
08	2/6/08	Técnico de Espetáculos - Junho 2008	R\$ 67,50
09	1/7/08	Técnico de Espetáculos - Julho 2008	R\$ 221,00
10	4/8/08	Técnico de Espetáculos - Agosto 2008	R\$ 170,00
11	1/9/08	Técnico de Espetáculos - Setembro 2008	R\$ 204,00
12	3/10/08	Técnico de Espetáculos - Outubro 2008	R\$ 170,00
13	2/11/08	Técnico de Espetáculos - Novembro 2008	R\$ 48,75
14	3/11/08	Técnico de Espetáculos - Finalização Módulo II	R\$ 45,00
15	5/12/08	Técnico de Espetáculos - Dezembro 2008	R\$ 155,00
16	1/1/09	Técnico de Espetáculos - Fundo de Rateio - Ano 2008	R\$ 176,00
17	5/7/09	Técnico de Espetáculos - Julho 2009	R\$ 60,00
TOTAL			R\$ 1.907,25

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitã, 2009.

Maria

Evento	Data	Descrição	Ganho
04	23/6/06	Semana da Enfermagem – CA EEUSP	R\$ 67,00
05	10/7/06	Grupo de Pesquisa Emiko	R\$ 13,00
07	25/9/06	Tardes Culturais - Matriz Lusa	R\$ 39,60
08	17/11/06	Semana da Consciência Negra - CA EEUSP	R\$ 70,00
10	26/11/06	Tardes Culturais - Matriz Afro	R\$ 54,00
11	13/12/06	Encontro Pesquisa ENS-EEUSP / Jantar Anibal / CAPS Itaim	R\$ 40,00
16	24/1/07	Festa de Aniversário do Francisco	R\$ 36,00
17	9/3/07	Tardes Culturais - Brasil Crioulo	R\$ 71,00
18	27/2/07	Defesa da Dissertação da Taia	R\$ 30,00
19	13/3/07	Defesa da Lígia	R\$ 25,60
20	28/3/07	Café da Manhã – CAPS	R\$ 23,00

22	28/4/07	Tardes Culturais - Matriz Caboclo	R\$ 28,00
23	15/5/07	Almoço da Supervisão – CAPS	R\$ 10,00
24	25/5/07	Festa do 18 de Maio	R\$ 24,30
25	25/5/07	Festa do João	R\$ 31,50
26	31/5/07	Aniversário do Dílson	R\$ 59,00
28	15/6/07	Festa Junina 2007 - CAPS Itaim	R\$ 50,00
29	22/6/07	Tardes Culturais - Brasil Sertanejo	R\$ 49,00
30	29/6/07	Festa Junina dos Funcionários e Alunos da EEUSP – 2007	R\$ 80,00
31	11/8/07	Inauguração do Centro Cultural Popular da Consolação	R\$ 29,60
33	24/8/07	Festa do CCPC – Consolação II	R\$ 50,00
34	26/8/07	Tardes Culturais - Brasil Caipira	R\$ 36,00
36	13/9/07	Festa do CCPC – Consolação III	R\$ 25,00
37	20/9/07	Festa de Aniversário do Tho	R\$ 117,00
40	28/9/07	Festa do CCPC – Consolação V	R\$ 25,00
41	5/10/07	Festa do CCPC – Consolação VI	R\$ 22,50
42	8/10/07	Supervisão CAPS - Itaim Bibi	R\$ 10,00
43	18/10/07	Semana da Consciência Negra - CA EEUSP - 2007	R\$ 96,00
45	30/10/07	Festa do CCPC – Consolação VII	R\$ 18,00
46	30/10/07	Lançamento do Livro - Aliança Francesa	R\$ 65,00
49	23/11/07	Casamento do Rodrigo / Festa do CCPC - Consolação VIII	R\$ 59,00
50	25/11/07	Tardes Culturais - Brasil Sulino	R\$ 54,00
52	13/12/07	Tardes Culturais – Última	R\$ 128,00
53	14/12/07	Festa do CCPC – Consolação IX / Bazar Saci	R\$ 15,00
54	15/2/08	Festa do CCPC – Consolação X / Vida em Ação	R\$ 15,00
55	29/2/08	Festa do CCPC – Consolação XI	R\$ 20,00
56	14/3/08	Inauguração do Centro de Diversidade	R\$ 120,00
60	8/4/08	Festa da Márcia Biancardi	R\$ 60,00
65	20/5/08	Centro de Diversidade II	R\$ 96,00
67	5/6/08	Luta Antimanicomial - CA EEUSP	R\$ 63,00
68	13/6/08	Festa Junina CAPS Itaim – 2008	R\$ 14,00

69	16/6/08	Lançamento do Livro - Caetano de Campos	R\$ 56,00
73	18/8/08	Almoço dos Técnicos	R\$ 66,00
74	15/11/08	Almoço do PT	R\$ 20,00
75	29/11/08	Lançamento do Livro de Nise de Silveira - CAPS Itapeva	R\$ 25,00
77	22/12/08	Feijoada do Cordão Bibitãntã - 2008	R\$ 126,00
81	20/5/09	Encomenda do CA XXXI de Outubro	R\$ 30,00
82	23/5/09	I Feira de Saúde Mental e Economia Solidária	R\$ 50,00
83	30/5/09	Evento Taboão da Serra - Cores da Vida	R\$ 100,00
84	5/6/09	Café da Manhã – Capacitação CAPS	R\$ 210,00
85	18/6/09	I Café da Manhã e Almoço – ASF	R\$ 57,50
86	23/6/09	II Café da Manhã e Almoço – ASF	R\$ 48,00
87	23/6/09	Lanches para o CAPS Lapa	R\$ 20,00
90	5/7/09	Bolo da Ana Cláudia	R\$ 120,00
91	23/7/09	III Café da Manhã e Almoço – ASF	R\$ 50,00
92	29/7/09	Capacitação CAPS Sapopemba	R\$ 360,00
93	27/8/09	Dia do PSI - SEDES – CRP	R\$ 285,00
94	6/10/09	Aniversário da Livia	R\$ 85,00
95	21/10/09	CRP - Prêmio Bispo do Rosário	R\$ 215,00
100	12/12/09	Feijoada para Escolha do Samba Carnaval 2010	R\$ 800,00
101	1/1/10	Fundo de Rateio - Ano 2010	R\$ 400,00
TOTAL			R\$ 5.062,60

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitãntã, 2009.

Maria

Evento	Data	Descrição	Ganho
01	5/11/07	Técnico de Espetáculos - Novembro 2007	R\$ 370,00
02	2/12/07	Técnico de Espetáculos - Dezembro 2007	R\$ 310,00
03	5/1/08	Técnico de Espetáculos - Janeiro 2008	R\$ 90,00
04	1/2/08	Técnico de Espetáculos - Fevereiro 2008	R\$ 330,00

05	2/3/08	Técnico de Espetáculos - Março 2008	R\$ 385,00
06	1/4/08	Técnico de Espetáculos - Abril 2008	R\$ 225,00
08	2/6/08	Técnico de Espetáculos - Junho 2008	R\$ 162,50
09	1/7/08	Técnico de Espetáculos - Julho 2008	R\$ 550,00
10	4/8/08	Técnico de Espetáculos - Agosto 2008	R\$ 412,25
11	1/9/08	Técnico de Espetáculos - Setembro 2008	R\$ 530,00
12	3/10/08	Técnico de Espetáculos - Outubro 2008	R\$ 323,00
13	2/11/08	Técnico de Espetáculos - Novembro 2008	R\$ 357,00
14	3/11/08	Técnico de Espetáculos - Finalização Módulo II	R\$ 110,00
15	5/12/08	Técnico de Espetáculos - Dezembro 2008	R\$ 212,00
16	1/1/09	Técnico de Espetáculos - Fundo de Rateio - Ano 2008	R\$ 423,00
17	5/7/09	Técnico de Espetáculos - Julho 2009	R\$ 570,00
TOTAL			R\$ 5.359,75

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitantã, 2009.

Filippo

Evento	Data	Descrição	Ganho
04	23/6/06	Semana da Enfermagem – CA EEUSP	R\$ 54,00
05	10/7/06	Grupo de Pesquisa Emiko	R\$ 13,00
07	25/9/06	Tardes Culturais - Matriz Lusa	R\$ 41,60
08	17/11/06	Semana da Consciência Negra - CA EEUSP	R\$ 60,00
10	26/11/06	Tardes Culturais - Matriz Afro	R\$ 54,00
11	13/12/06	Encontro Pesquisa - ENS-EEUSP / Jantar Anibal / CAPS Itaim	R\$ 100,00
16	24/1/07	Festa de Aniversário do Francisco	R\$ 50,00
17	9/3/07	Tardes Culturais - Brasil Crioulo	R\$ 78,00
18	27/2/07	Defesa da Dissertação da Taia	R\$ 30,00
19	13/3/07	Defesa da Lígia	R\$ 25,60
20	28/3/07	Café da Manhã – CAPS	R\$ 16,00
22	28/4/07	Tardes Culturais - Matriz Caboclo	R\$ 38,00

24	25/5/07	Festa do 18 de Maio	R\$ 44,60
25	25/5/07	Festa do João	R\$ 26,50
28	15/6/07	Festa Junina 2007 - CAPS Itaim	R\$ 28,00
29	22/6/07	Tardes Culturais - Brasil Sertanejo	R\$ 38,50
30	29/6/07	Festa Junina dos Funcionários e Alunos da EEUSP – 2007	R\$ 64,00
31	11/8/07	Inauguração do Centro Cultural Popular da Consolação	R\$ 25,90
33	24/8/07	Festa do CCPC – Consolação II	R\$ 22,00
34	26/8/07	Tardes Culturais - Brasil Caipira	R\$ 32,00
37	20/9/07	Festa de Aniversário do Tho	R\$ 117,00
40	28/9/07	Festa do CCPC – Consolação V	R\$ 22,50
41	5/10/07	Festa do CCPC – Consolação VI	R\$ 15,00
43	18/10/07	Semana da Consciência Negra - CA EEUSP - 2007	R\$ 36,80
46	30/10/07	Lançamento do Livro - Aliança Francesa	R\$ 34,00
49	23/11/07	Casamento do Rodrigo / Festa do CCPC - Consolação VIII	R\$ 6,00
50	25/11/07	Tardes Culturais - Brasil Sulino	R\$ 36,00
52	13/12/07	Tardes Culturais – Última	R\$ 72,00
65	20/5/08	Centro de Diversidade II	R\$ 10,00
69	16/6/08	Lançamento do Livro - Caetano de Campos	R\$ 21,00
73	18/8/08	Almoço dos Técnicos	R\$ 39,00
74	15/11/08	Almoço do PT	R\$ 20,00
75	29/11/08	Lançamento do Livro de Nise de Silveira - CAPS Itapeva	R\$ 25,00
77	22/12/08	Feijoada do Cordão Bibitantã - 2008	R\$ 56,00
78	12/3/09	Curso de Economia Solidária e Saúde Mental	R\$ 20,00
80	21/3/09	Encontro do PT	R\$ 162,80
81	20/5/09	Encomenda do CA XXXI de Outubro	R\$ 30,00
82	23/5/09	I Feira de Saúde Mental e Economia Solidária	R\$ 28,00
83	30/5/09	Evento Taboão da Serra - Cores da Vida	R\$ 90,00
90	5/7/09	Bolo da Ana Cláudia	R\$ 104,00
91	23/7/09	III Café da Manhã e Almoço – ASF	R\$ 50,00
92	29/7/09	Capacitação CAPS Sapopemba	R\$ 60,00

94	6/10/09	Aniversário da Livia	R\$ 30,00
100	12/12/09	Feijoada para Escolha do Samba Carnaval 2010	R\$ 260,00
101	1/1/10	Fundo de Rateio - Ano 2010	R\$ 130,00
TOTAL			R\$ 2.316,80

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitantã, 2009.

Filippo

Evento	Data	Descrição	Ganho
01	5/11/07	Técnico de Espetáculos - Novembro 2007	R\$ 20,00
02	2/12/07	Técnico de Espetáculos - Dezembro 2007	R\$ 40,00
03	5/1/08	Técnico de Espetáculos - Janeiro 2008	R\$ 260,00
04	1/2/08	Técnico de Espetáculos - Fevereiro 2008	R\$ 300,00
05	2/3/08	Técnico de Espetáculos - Março 2008	R\$ 110,00
06	1/4/08	Técnico de Espetáculos - Abril 2008	R\$ 45,00
08	2/6/08	Técnico de Espetáculos - Junho 2008	R\$ 15,00
09	1/7/08	Técnico de Espetáculos - Julho 2008	R\$ 77,00
10	4/8/08	Técnico de Espetáculos - Agosto 2008	R\$ 77,00
11	1/9/08	Técnico de Espetáculos - Setembro 2008	R\$ 162,00
12	3/10/08	Técnico de Espetáculos - Outubro 2008	R\$ 136,00
13	2/11/08	Técnico de Espetáculos - Novembro 2008	R\$ 246,50
14	3/11/08	Técnico de Espetáculos - Finalização Módulo II	R\$ 100,00
15	5/12/08	Técnico de Espetáculos - Dezembro 2008	R\$ 68,00
16	1/1/09	Técnico de Espetáculos - Fundo de Rateio - Ano 2008	R\$ 135,00
17	5/7/09	Técnico de Espetáculos - Julho 2009	R\$ 180,00
TOTAL			R\$ 1.971,50

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitantã, 2009.

Pedro

Evento	Data	Descrição	Ganho
4	23/6/06	Semana da Enfermagem – CA EEUSP	R\$ 49,70
5	10/7/06	Grupo de Pesquisa Emiko	R\$ 13,00
7	25/9/06	Tardes Culturais - Matriz Lusa	R\$ 41,00
8	17/11/06	Semana da Consciência Negra - CA EEUSP	R\$ 70,00
10	26/11/06	Tardes Culturais - Matriz Afro	R\$ 54,00
11	13/12/06	Encontro Pesquisa - ENS-EEUSP / Jantar Anibal /CAPS Itaim	R\$ 100,00
16	24/1/07	Festa de Aniversário do Francisco	R\$ 50,00
17	9/3/07	Tardes Culturais - Brasil Crioulo	R\$ 15,00
18	27/2/07	Defesa da Dissertação da Taia	R\$ 15,00
19	13/3/07	Defesa da Lígia	R\$ 16,20
22	28/4/07	Tardes Culturais - Matriz Caboclo	R\$ 36,00
24	25/5/07	Festa do 18 de Maio	R\$ 47,50
25	25/5/07	Festa do João	R\$ 29,00
28	15/6/07	Festa Junina 2007 - CAPS Itaim	R\$ 22,00
29	22/6/07	Tardes Culturais - Brasil Sertanejo	R\$ 42,00
30	29/6/07	Festa Junina dos Funcionários e Alunos da EEUSP – 2007	R\$ 80,00
31	11/8/07	Inauguração do Centro Cultural Popular da Consolação	R\$ 44,40
33	24/8/07	Festa do CCPC – Consolação II	R\$ 32,00
34	26/8/07	Tardes Culturais - Brasil Caipira	R\$ 36,00
40	28/9/07	Festa do CCPC – Consolação V	R\$ 25,00
41	5/10/07	Festa do CCPC – Consolação VI	R\$ 15,00
43	18/10/07	Semana da Consciência Negra - CA EEUSP - 2007	R\$ 36,80
46	30/10/07	Lançamento do Livro - Aliança Francesa	R\$ 55,00
49	23/11/07	Casamento do Rodrigo / Festa do CCPC - Consolação VIII	R\$ 59,00
50	25/11/07	Tardes Culturais - Brasil Sulino	R\$ 54,00
52	13/12/07	Tardes Culturais – Última	R\$ 92,00
54	15/2/08	Festa do CCPC – Consolação X / Vida em Ação	R\$ 15,00

56	14/3/08	Inauguração do Centro de Diversidade	R\$ 80,00
65	20/5/08	Centro de Diversidade II	R\$ 14,00
68	13/6/08	Festa Junina CAPS Itaim – 2008	R\$ 16,00
75	29/11/08	Lançamento do Livro de Nise de Silveira - CAPS Itapeva	R\$ 25,00
78	12/3/09	Curso de Economia Solidária e Saúde Mental	R\$ 52,80
80	21/3/09	Encontro do PT	R\$ 57,20
90	5/7/09	Bolo da Ana Cláudia	R\$ 44,00
93	27/8/09	Dia do PSI - SEDES – CRP	R\$ 72,00
94	6/10/09	Aniversário da Livia	R\$ 35,00
100	12/12/09	Feijoada para Escolha do Samba Carnaval 2010	R\$ 805,00
101	1/1/10	Fundo de Rateio - Ano 2010	R\$ 400,00
TOTAL			R\$ 2.745,60

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitantã, 2009.

Pedro

Evento	Data	Descrição	Ganho
1	5/11/07	Técnico de Espetáculos - Novembro 2007	R\$ 120,00
2	2/12/07	Técnico de Espetáculos - Dezembro 2007	R\$ 170,00
3	5/1/08	Técnico de Espetáculos - Janeiro 2008	R\$ 500,00
6	1/4/08	Técnico de Espetáculos - Abril 2008	R\$ 105,00
8	2/6/08	Técnico de Espetáculos - Junho 2008	R\$ 75,00
9	1/7/08	Técnico de Espetáculos - Julho 2008	R\$ 369,75
10	4/8/08	Técnico de Espetáculos - Agosto 2008	R\$ 400,00
11	1/9/08	Técnico de Espetáculos - Setembro 2008	R\$ 387,00
12	3/10/08	Técnico de Espetáculos - Outubro 2008	R\$ 350,00
13	2/11/08	Técnico de Espetáculos - Novembro 2008	R\$ 289,00
15	5/12/08	Técnico de Espetáculos - Dezembro 2008	R\$ 205,00
16	1/1/09	Técnico de Espetáculos - Fundo de Rateio - Ano 2008	R\$ 357,00
TOTAL			R\$ 3.327,75

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitantã, 2009.

Antonio

Evento	Data	Descrição	Ganho
78	12/3/09	Curso de Economia Solidária e Saúde Mental	R\$ 52,80
80	21/3/09	Encontro do PT	R\$ 162,80
83	30/5/09	Evento Taboão da Serra - Cores da Vida	R\$ 45,00
84	5/6/09	Café da Manhã – Capacitação CAPS	R\$ 115,00
85	18/6/09	I Café da Manhã e Almoço – ASF	R\$ 57,50
86	23/6/09	II Café da Manhã e Almoço – ASF	R\$ 48,00
90	5/7/09	Bolo da Ana Cláudia	R\$ 108,00
91	23/7/09	III Café da Manhã e Almoço – ASF	R\$ 50,00
92	29/7/09	Capacitação CAPS Sapopemba	R\$ 60,00
93	27/8/09	Dia do PSI - SEDES – CRP	R\$ 168,00
100	12/12/09	Feijoada para Escolha do Samba Carnaval 2010	R\$ 420,00
101	1/1/10	Fundo de Rateio - Ano 2010	R\$ 210,00
TOTAL			R\$ 1.497,10

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitantã, 2009.

Antonio

Evento	Data	Descrição	Ganho
13	2/11/08	Técnico de Espetáculos - Novembro 2008	R\$ 272,00
15	5/12/08	Técnico de Espetáculos - Dezembro 2008	R\$ 272,00
16	1/1/09	Técnico de Espetáculos - Fundo de Rateio - Ano 2008	R\$ 175,00
17	5/7/09	Técnico de Espetáculos - Julho 2009	R\$ 470,00
TOTAL			R\$ 1.189,00

Fonte: Livro-caixa d'O Bar Bibitantã, 2009.

Anexo 13 O Bar Bibitã recebe Menção de Reconhecimento da Coordenação Nacional de Saúde Mental em 12/10/2009

O Bar Bibi-Tantã um dos empreendimentos de trabalho da saúde mental que impulsionaram as primeiras reuniões da Rede de Saúde Mental e Economia Solidária recebeu na cerimônia em comemoração ao Dia Mundial da Saúde Mental, uma menção de reconhecimento de experiência exitosa dada pela Coordenação Nacional de Saúde Mental/ Ministério da Saúde.

Esse reconhecimento tem como objetivo dar visibilidade às práticas em atenção psicossocial que vem, nos últimos anos, obtendo êxito na constituição de redes de promoção, cuidado, reabilitação psicossocial e de cidadania no campo da saúde mental contribuir para a troca de experiências. No campo da geração de trabalho e renda receberão a Menção os seguintes projetos/ empreendimentos:

Geração POA – Porto Alegre/RS

Suricado – Belo Horizonte/MG

Cooperativa da Praia Vermelha – Rio de Janeiro/RJ

Trabalharte – Juiz de Fora/MG

Bar Bibi-Tantã – CAPS Itaim, CAPS Butantã e Escola de Enfermagem/USP – São Paulo/SP

Associação dos Usuários, Familiares e Técnicos do CAPS/ASSUFATEC – Boqueirão/PB